

REVISTA

EDIÇÃO Nº 87 | SETEMBRO DE 2022

# CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS

Distribuição Gratuita

ISSN 2448-1068

www.revistaconexao-literatura.com.br



**CONHEÇA O LIVRO  
O SENHOR DAS PEDRAS  
DO AUTOR  
JONATHAN ROCK  
PÁG. 09**



**CONFIRA**

ARTIGOS, RESENHAS  
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,  
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS  
E MUITO MAIS...

# ÍNDICE

# CONTEÚDO

**Expediente, pág. 03**

**A realidade cotidiana na ótica de Clarice Lispector, por Alline Rodrigues, pág. 06**

**O Senhor das Pedras, por Jonathan Rock, pág. 09**

**200, por Bert Jr., pág. 10**

**Jô, ao cubo, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 15**

**Dicas para leitura, pág. 18**

**Mozart, por Rita Queiroz, pág. 20**

**Há bichos em toda parte - E essa é a essência da zoologia cultural, por Elidimar Ribeiro da Silva, pág. 24**

**Poema: Cinza coração, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 29**

**Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 31**

**O jogo, por Bert Jr., pág. 35**

**Poemas de Wanda Rop, pág. 38**

**Lembranças de muito tempo atrás, por Ilmar Ribeiro da Silva, pág. 43**

**Douze, por Jorge Claudio Ribeiro, pág. 46**

**Poemas de Augusta Arakawa, pág. 50**

**Lugar ao Sol, por Aline Lourenço, pág. 55**

**Paixão e história: uma narrativa romanesca dos Devons, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 61**

**Entrevista com Alexandra Barcellos, pág. 67**

**Entrevista com Emmanuel M. A. Moreno, pág. 71**

**Entrevista com J. Magalhães, pág. 76**

**Entrevista com Jonathan Rock, pág. 82**

**Entrevista com Junior Misaki, pág. 87**

**Entrevista com Mauro Kwitko, pág. 93**

**Entrevista com Roberto Leon Ponczek, pág. 97**

**Entrevista com William Pardo, pág. 100**

**Entrevista com Daniela Simone Terehoff Merino e Cláudia Andréia Terehoff Merino, pág. 103**

**Citações de grandes autores, pág. 111**

**Conto: As asas da imaginação, por Idicampos, pág. 116**

**Conto: O pródigo e a sogra, por Iraci Marin, pág. 120**

**Conto: Rito de passagem, por Roberto Schima, pág. 124**

**Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 136**





## NESTA EDIÇÃO

*Dicas para leitura*

*Entrevistas*

*Artigos*

*Poemas e Contos*

## JOSÉ DE ALENCAR

"Tenho fé no amor,  
com ele vencerei o  
impossível."

## HILDA HILST

"Costuro o infinito  
sobre o peito."

## QUEM FAZ A REVISTA

### EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

### CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

### ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

CONTATO:  [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



Editor



Ademir  
Pascale

## EDITORIAL

Queridos leitores!

Setembro inicia com mais uma edição recheada de dicas e informações sobre o mundo dos livros, com dicas para leitura, poemas, contos e crônicas, além de entrevistas com escritores. E além das nossas edições mensais, também estamos presentes nas redes sociais: Facebook @conexaoliteratura - Instagram: @revistaconexaoliteratura e agora também no Youtube: @conexaonerd

Para saber como participar da nossa edição de outubro/2022, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: [clique aqui](#).

Tenham uma ótima leitura!

*Ademir Pascale*

### CONTATO:

e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



atinja o seu público alvo

ESCRITOR(A)

# divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

## Revista Conexão Literatura



**ENTRE EM CONTATO**  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

# A REALIDADE COTIDIANA NA ÓTICA DE CLARICE LISPECTOR

Por Alline Rodrigues



Clarice Lispector



Não seria exagero dizer que a cada obra de Clarice Lispector nos transbordamos na psique ao invés dos aspectos banais da vida. Assim, deixo claro aqui que o meu intuito não é percorrer numa observação maçante de todas as obras dessa autora em questão e sim perpassar sobre os ângulos da sua maneira de enxergar o cotidiano e a realidade humana.

Clarice Lispector retrata a realidade cotidiana como ela é e não como a gente ver. Desse modo procura descrever minuciosamente os aspectos psicológicos de uma forma límpida com uma transparência reluzente que tal luz nos faz imergir profundamente na alma humana.

Lispector evidencia personagens sobre outro prisma, do qual passariam despercebidos aos olhos nus, mas que pela sua ótica nos direciona para uma realidade peculiar que só se é possível penetrar através de sua perspectiva delicadamente tênue entre a alma e o ser.

Através de uma procura incansável, ou melhor, dizendo insaciável da complexidade mecânica do psicológico, do qual é retraído, ignorado e por vezes pouco explorado isso é de modo realístico que deveria ser, pois não são as ações e as rotinas que devem ter a exclusiva atenção. Isso me remete a uma pergunta questionadora: onde está o espaço para o meu Eu se manifestar?

Por meio do entrelaçamento da realidade cotidiana Clarice volta-se para o sujeito humano sem almejar um entendimento, mas requer a capacidade de ter uma sensibilidade que seja suficiente para sentir a busca de uma identidade, ou melhor, dizendo pelo Eu, do qual é repleto de incertezas e que se perde novamente dentro de si, se tornando assim uma busca sem fim que gera um eterno e angustiante sofrimento.

Observa:

Nos romances de Clarice Lispector o Eu, reduto da personalidade, que é a exteriorização do ser psíquico, o Eu, como base da identidade pessoal dos indivíduos, cai por terra. Desfeita num momento e refeita noutra, desagregando-se sempre, e sempre ameaçada, a identidade pessoal parece mais um ideal a atingir, um produto da imaginação, uma meta a alcançar, do que um dado real. (NUNES, 1989).

Mas tal manifesto do “Eu” tem que ser sem julgamentos apenas expondo o que para uns é uma fragilidade e para outros é a pura forma da essência de um ser. Desse modo, Clarice soube elucidar essas e outras espinhosas questões sobre a verdadeira face humana e, além disso, despiu de forma que não se pudesse mais esconder, disfarçar ou negar a simples existência. A prova disso está aqui:

Meu Deus, me dê a coragem de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites, todos vazios de Tua presença. Me dê a coragem de considerar esse vazio como uma plenitude. Faça com que eu seja a Tua amante humilde, entrelaçada a Ti em êxtase. Faça com que eu

possa falar com este vazio tremendo e receber como resposta o amor materno que nutre e embala. Faça com que eu tenha a coragem de Te amar, sem odiar as Tuas ofensas à minha alma e ao meu corpo. Faça com que a solidão não me destrua. Faça com que minha solidão me sirva de companhia. Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar. Faça com que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo. Receba em teus braços meu pecado de pensar. (LISPECTOR, 1978).

Diante de um espelho invertido de si próprio como se pode demonstrar uma realidade extremamente vívida “comum” sem permitir que o conflito interno se mostre nu e cru? Assim seria irracional não manifestar as emoções e controlá-las, mas cadê a razão quando a ignoramos por completo e nos deixamos ser conduzidos como marionetes?

O que não falta é algo ou alguém para aprisionar o pensar de uma pessoa que só segue o fluxo e quando se der conta à vida já passou e a sua hora de ir chegou, mesmo assim Clarice Lispector conseguiu dar um jeito de abrilhantar uma estrela completamente apagada através do espaço mental.

De fato submergir pelo inconsciente nos tira o fôlego, porém Lispector nos faz despertar para uma realidade paralela de tão inquieta que provoca mudanças no jeito de ser, pensar e agir. Assim, de ter enfim o tão sonhado controle para seguir qualquer rumo mesmo àqueles considerados absurdos.

## REFERÊNCIAS

LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida (pulsações) Editora Nova Fronteira, 1978 3ª edição.

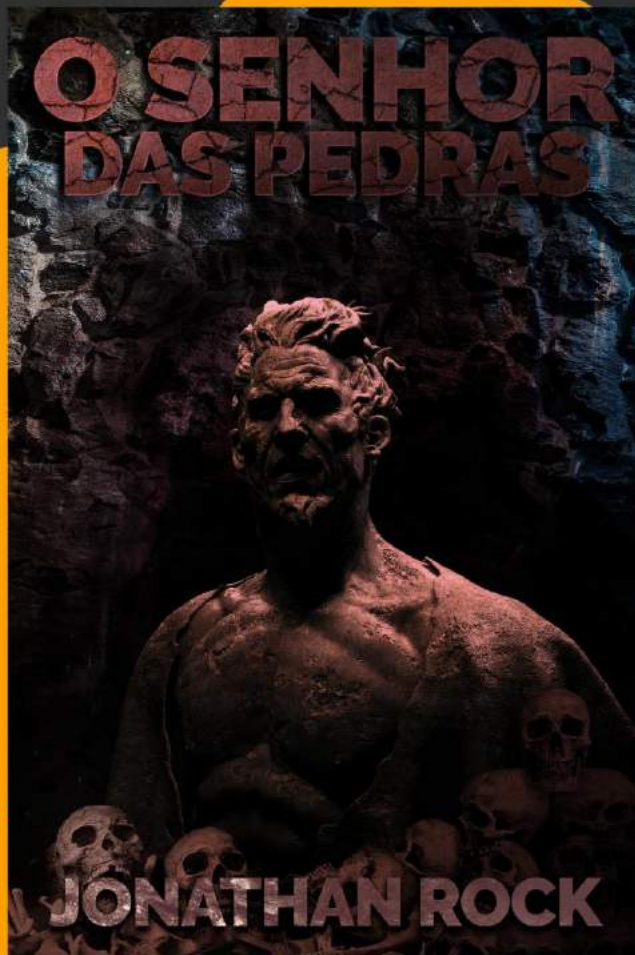
NUNES, Benedito. O drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

### Sobre a autora:

Alline Rodrigues é carioca, nascida em 14 de Setembro de 1992. Formada em Letras pela Universidade Candido Mendes (UCAM). Especializada em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É revisora de textos, contista, poeta e acredita que a poesia é o desabafo da alma.







JONATHAN ROCK

LANÇAMENTO

# O SENHOR DAS PEDRAS

POR JONATHAN ROCK

## SINOPSE

Na iminência da ressurreição de Ur, o senhor das pedras, a entidade que observa os humanos, pessoas de diversas partes do mundo se aventuram em casos sobrenaturais, mistérios históricos e conspirações que ligados giram todos ao redor da construção da nova torre de Babel, aquela que derrubaria os céus acabando com a humanidade.

*Chega à Amazon nova saga sobrenatural envolta de mistérios para aqueles que adoram explorar o fantástico e sobrenatural oculto pelo mundo*

Recentemente publicado pelo autor Jonathan Rock, o livro o Senhor das Pedras é uma história onde se encontram os mais obscuros tramas envoltos no sobrenatural presente na história de vários povos. Em um mundo onde tudo de fantástico é originário da mente humana, principalmente das crenças das pessoas, acompanhar os tramas de personagens correndo contra o tempo em suas pesquisas para encaixar as peças do quebra-cabeças das conspirações à sua volta é a proposta para aqueles que tem sede por esse assunto.

A história, que conta com mais de mil páginas de tramas de diversos personagens sempre se conectando, está presente hoje como ebook para leitura na Amazon Kindle pelo preço de R\$ 7,99 para compra e gratuita para os assinantes do Kindle Unlimited. Assim, para aqueles que estiverem curiosos basta conhecer a obra pela sua página online.

→ **O Senhor das Pedras (Compra na Amazon): <https://amzn.to/3SzYJz5>**



# 200

**POR BERT JR.**

No contexto das celebrações de importante data cívica, um país de grandes dimensões territoriais e populacionais, além de muito rico em recursos naturais, porém conflagrado por uma série de problemas internos, resolveu enviar uma delegação de 200 cidadãos, das mais diversas extrações profissionais, para visitar um pequeno arquipélago localizado próximo à costa ocidental africana.





A missão tinha como objetivo descobrir como esse diminuto país, de recursos naturais escassos, com reduzida população, contando menos de cinquenta anos como nação independente, conseguia viver de forma harmoniosa, sem os dramas, sobressaltos e instabilidades que sacudiam o gigante e colocavam em xeque o seu desenvolvimento.

A expedição partiu no primeiro dia do ano, num barco fretado mediante o patrocínio de diversas empresas e instituições, interessadas em obter respostas para a falta de previsibilidade dos rumos nacionais. A viagem estava programada para durar no máximo quarenta dias – dez de ida, outros tantos de volta, somados a uma estada de até vinte dias – de modo a permitir que, uma vez de regresso à pátria, os resultados fossem tempestivamente divulgados. Havia, inclusive, a expectativa de que os dados colhidos na missão inspirassem, na ocasião da tal efeméride, o anúncio oficial de algum projeto de impacto nacional. Porém, no trajeto de ida, um denso nevoeiro fez o barco não somente retardar a marcha, como também desorientar-se e enveredar para o sul. A mudança de rota obrigou a embarcação a abastecer-se noutros lugares, inicialmente não previstos.

Quando por fim o barco chegou ao seu destino, o grupo foi recebido como se se tratasse de missão oficial. Os governantes e instituições locais demonstraram excepcional disposição em agendar reuniões para conversar sobre os mais diversos aspectos de sua realidade nacional, assim como responder às indagações dos sequiosos visitantes.

Os anfitriões sustentaram as conversas em tom ameno, marcado por profunda cordialidade, sempre procurando ressaltar as qualidades positivas do país dos visitantes, em relação ao qual professavam genuína admiração. De modo a não contaminar os laços de afeto e amizade entre as duas nações, evitaram mencionar as fragilidades do gigante, ou tocar em pontos que pudessem suscitar polémica. Restringiram-se a descrever as características de seu próprio país, suas muitas limitações – derivadas sobretudo da geografia e de uma longa história colonial – como também suas surpreendentes fortalezas – igualmente oriundas da geografia e de uma virtuosa, embora ainda curta, trajetória como nação independente, da qual os cidadãos, em sua maioria, se orgulhavam. Em nenhum momento os anfitriões aludiram, por exemplo, ao elevado índice de violência do país dos visitantes, cerca de seis vezes superior à média mundial; nem ao fosso de desigualdade a separar ricos e pobres. Longe disso. Os anfitriões compenetraram-se em apenas fornecer os dados necessários e esclarecer dúvidas.

Na véspera da partida, a missão foi homenageada com um coquetel ao ar livre. Transcorrida uma hora de confraternização entre os convivas, o mestre de cerimônias fez pausar a música ao vivo, que animava a festa juntamente com os drinques e salgadinhos, e chamou o representante da expedição estrangeira para que proferisse algumas palavras de ocasião em nome do grupo. O representante, que tinha pretensões de aceder a importante cargo político em seu monumental país, procurou resumir as principais impressões retiradas da visita, com a ressalva de que a massa de dados informativos deveria ainda ser adequadamente digerida, coisa que tomaria algum tempo. Contudo, em caráter preliminar, era possível dizer que o grupo ficara bastante impressionado com a tranquilidade reinante, que traduzia, a seu ver, a confiança da maioria dos cidadãos em

seus líderes, em suas instituições, bem como em suas próprias capacidades enquanto povo, um povo que, curiosamente, tinha numerosas comunidades residentes no exterior que remetiam anualmente vultosas quantias à terra natal, em solidariedade aos que ali haviam ficado. A delegação visitante também se surpreendera com o elevado grau de escolaridade dos habitantes locais e o fato de as elites políticas e profissionais serem em grande parte graduadas no exterior, em instituições respeitadas. Em seu regresso, os profissionais superiores traziam não apenas apurados conhecimentos técnicos, como também bagagem cultural e mentalidade apta ao enquadramento do país no contexto dos desafios globais, traçando metas salutarmente ambiciosas de desenvolvimento nacional. Antes de concluir o discurso com um comovido agradecimento pela hospitalidade recebida, o delegado representante parabenizou o país anfitrião pelos consideráveis êxitos alcançados em tão curto tempo de existência como nação independente e prometeu levar sugestões à pátria, com base nas observações feitas e conversas mantidas.

No trajeto de volta, o barco que transportava o grupo novamente enfrentou espesso nevoeiro, só que desta feita o desvio tomou rumo norte. O frio aumentava à medida que o barco ia avançando na direção do Ártico. A expedição, pega de surpresa, sem roupas adequadas, enrolou-se nas mantas e lençóis disponíveis na embarcação. Para melhor se aquecer, o grupo fez do refeitório uma única habitação coletiva, de onde não saíam nem para dormir. Durante dias, colados uns nos outros, seu passatempo foi discutir a experiência da visita ao arquipélago. A conversa logo se concentrou nas enormes diferenças entre os dois países. Era fácil administrar a realidade nacional quando se tinha uma população de país insular; queria ver se tivessem um país continental, com centenas de milhões de pessoas reivindicando todo tipo de atenção. A escassez de recursos gerava pouca riqueza e isso era simples de gerenciar; queria ver se tivessem que disciplinar toda sorte de “corridas do ouro” em várias “Califórnia” dentro de suas fronteiras. Possuir uma elite profissional e político-administrativa homogênea em termos de qualidade técnica e nível cultural era fácil quando se podia desfrutar das contribuições filantrópicas oferecidas pelos países desenvolvidos; queria ver se não tivessem a vantagem de ser pequenos e poucos. Apresentar reduzidos índices de violência era fácil quando quase todos se conheciam; queria ver se tivessem grandes favelas, traficantes poderosos e crime organizado. Queria ver, repetiam os membros da expedição. E, assim, acabaram vendo o contorno de seu país desenhar-se no horizonte. Pisaram em terra firme na data em que completavam 200 dias de viagem.

O representante do grupo, que, conforme se disse, nutria ambições políticas, foi incumbido de redigir o relatório da missão para entrega aos patrocinadores. Estes, por sua vez, esperavam poder transmitir uma sugestão ao governo central, com base nos resultados da missão. Passou o tempo e a importante data cívica foi comemorada sem nenhuma mensagem transcendente. Meses mais tarde, o representante apresentou finalmente o seu relatório, que se estendia por 200 páginas. Nele descreveu, no geral, o pequeno país insular visitado e reconheceu suas qualidades. Ponderou, contudo, que, dadas as enormes discrepâncias entre o país visitante e o visitado, nada da experiência do segundo poderia ser aplicado ao primeiro. Concluiu a peça com a seguinte reflexão: “O tempo de amadurecimento de uma nação guarda correspondência direta com a área



ocupada por seu território, o tamanho de sua população, e a abundância de recursos naturais. Quanto maiores forem estes fatores, mais lenta será a evolução nacional. Somos, portanto, ainda muito jovens; dispomos de tempo de sobra para amadurecer.”



**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Acaba de lançar um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino* (ed. Versiprosa, 2022). Tenciona publicar, em breve, seu segundo livro de poesia.

Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).



# NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



## Journal em São Paulo

Três jovens interligados vivenciam as feridas que nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo

MAFRA  
ÉDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

**BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI**

MAFRA EDITIONS  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA





# JÔ, AO CUBO

POR GILMAR DUARTE ROCHA



## JÔ SOARES

Há pessoas que nascem polímatas. Indiscutivelmente. Algumas já demonstram desde cedo as suas incríveis habilidades no campo das letras, artes, ciências e áreas afins. Outras vão apresentando o seu leque de aptidões ao longo do tempo, como se guardasse sempre uma carta dentro da manga, para apresentá-la na hora certa e no tempo devido.

José Eugênio Soares, ou Jô Soares, nascido no Rio de Janeiro em 1938 e falecido recentemente (05.08.2022) na cidade de São Paulo, poderia se enquadrar na segunda categoria, composta de homens/mulheres que nascem com grande talento para as artes e que vão dispendo o seu cardápio de prendas paulatinamente ao longo do tempo.

Filho único de um próspero empresário paraibano, de linhagem nobre, com ancestrais que ostentaram título de nobreza durante o Brasil-Império, mormente na área da diplomacia, Jô, desde pequeno, decidiu que queria ser diplomata. Após realizar o curso básico e fundamental no Colégio São Bento, no Rio de Janeiro, mudou-se para a Suíça para estudar no Lycée Jaccard, na cidade de Lausanne, e especializar-se no mister das relações internacionais.

Após a conclusão do curso suíço, retornou ao Brasil com a cabeça embaralhada e com o pressentimento de que o seu futuro estava ligado à artes. No início dos anos 50, com o advento da televisão no Brasil, Jô, que tinha uma forte tendência para o lado humorístico, entrou para o elenco da Praça da Alegria, na TV Tupi, onde trabalhou por cerca de dez anos. Entrementes, fazia incursões na música, especialmente na área do jazz, ritmo que adorava e idolatrava. Fez, também, participações no cinema e retornou em seguida para a TV para brilhar de vez como comediante. Primeiro com uma passagem de relevo no programa “A Família Trapo”, da TV Record, ao lado do talentoso Ronald Golias.

Depois, já década de 70, transferiu-se para Globo onde estreou no programa “Faça Humor Não Faça Guerra”, ao lado de grandes artistas do ramo. Mais tarde, assume um papel ainda de maior relevância no humorístico “Satiricon”, da mesma TV Globo. Mas a sua verve criativa explode de fato quando a emissora do empresário Roberto Marinho resolve criar um programa exclusivamente para ele estrelar como protagonista, chamado e consagrado como “Viva o Gordo”, onde Jô destila toda a sua criatividade dando vida a personagens cômicos inesquecíveis, quase todos fazendo críticas veladas, sob a forma de humor, ao regime militar de exceção. O sucesso e a celebridade chegaram de vez.

Quando todos esperavam que Jô passasse os seus dias de artista criando e dando vigor a personagens cômicos ou fazendo apresentações de teatro no estilo stand-up, eis que, no fim dos anos 80, ele faz um giro de 360°, muda de emissora, migrando para a rede SBT de Silvio Santos, e estreia o primeiro programa genuíno do gênero talk show no Brasil, de nome “Jô Soares, onze e meia”. Esse estilo de quadro de entrevistas, que mescla humor e música, criado a partir de similares americanos como “Dick Cavett Show”, ganha um contorno muito especial com a espiritualidade e o talento genuínos de Jô para a comédia e para a música. A partir do ano 2000, a Globo resgata Jô para fazer o mesmo tipo de programa, agora como o nome de “Programa do Jô”, onde o seu sucesso perdura e se consolida nas madrugadas do Brasil a fora até o ano de 2016, onde resolveu se aposentar de vez da televisão.

Todo esse êxito de Jô, seja nos quadros humorísticos, seja nos programas de entrevista, se deve, principalmente, à sua mente multifacetada, recheada de informações,



ideias, inteligência, criatividade e muita cultura, o que permitiu que ele nos brindasse com mais uma de suas singularidades: escritor de romance policial.

Jô Soares, no princípio de sua carreira na TV, já havia escrito e publicado alguns livros baseados em humor (e outros temas) e que não fizeram muito alarde e nem tinham conteúdo para isso. No entanto, em 1995, ele lança pela Companhia das Letras o seu primeiro romance policial chamado “O Xangô de Baker Street”, que agrada em cheio o público aficionado por esse tipo de livro, como também a crítica de um modo geral, fazendo com que o seu primeiro produto literário de expressão ganhasse a condição de best-seller. O romance é uma história simples, mas azeitada pelo tempero picaresco do autor, que mescla Sherlock Holmes, Dr. Watson (personagens consagrados do escritor britânico Arthur Conan Doyle) com Dom Pedro II e outras figuras do império, tudo para narrar a investigação do sumiço de um valioso violino da marca Stradivarius, bem como o assassinato de uma moça, em cujo corpo mórbido havia uma corda de violino emaranhada.



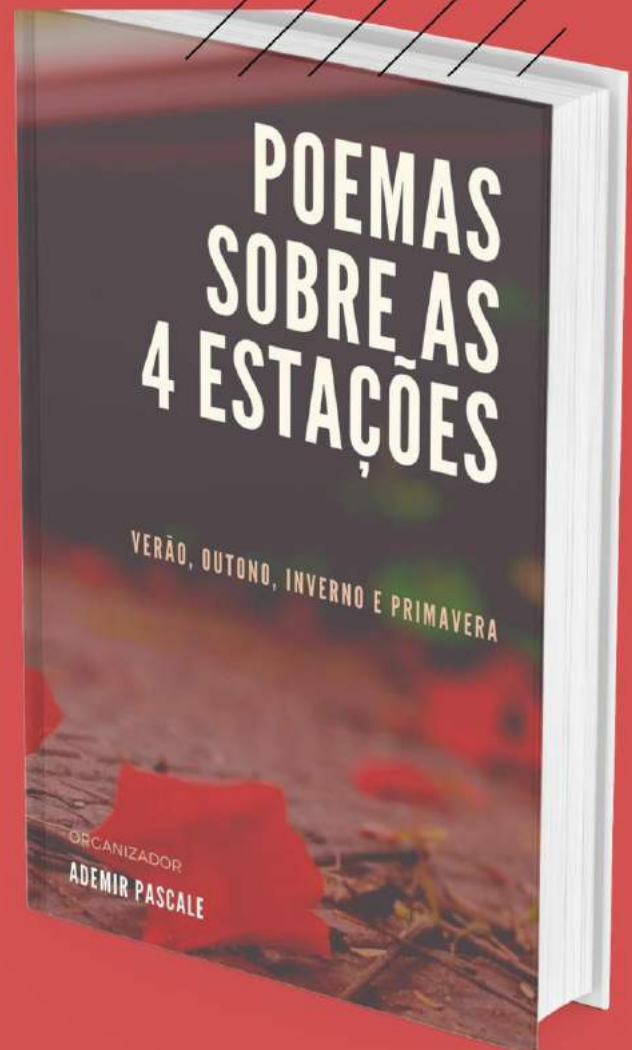
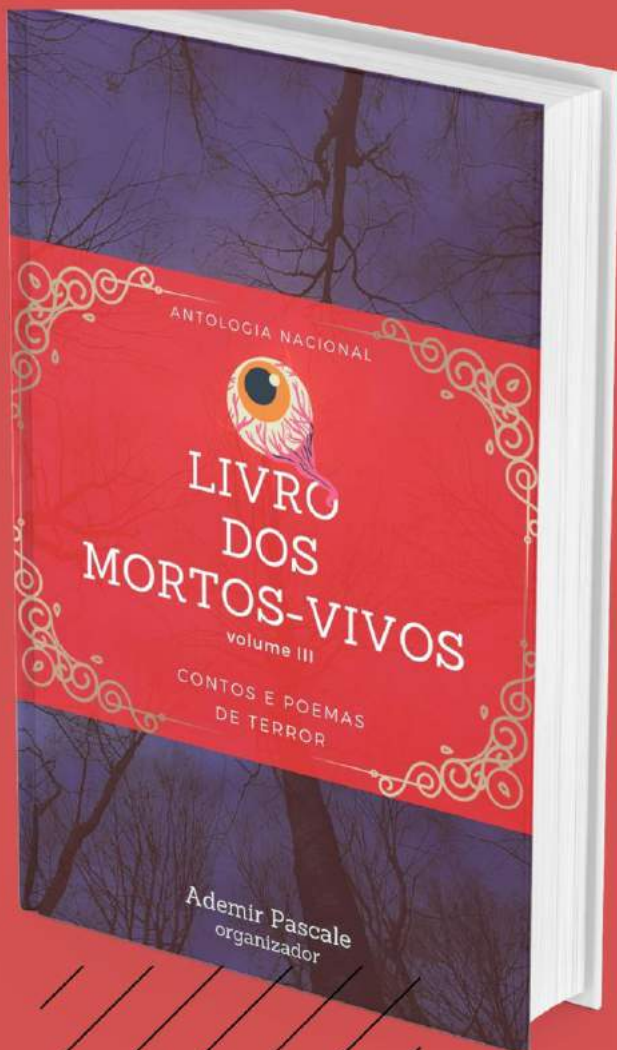
O sucesso do livro incentivou o agora também escritor de fama a publicar em seguida três grandes livros, todos seguindo a linha dos romances de suspense e mistério como “O homem que matou Getúlio Vargas”, “As esganadas” e “Assassinatos na Academia Brasileira de Letras”, sempre pela Companhia das Letras.

Aliás, integrar o quadro da Academia Brasileira de Letras (ABL) passou a ser uma obsessão de Jô e, após digladiar algum tempo com alguns literatos pelo posto, desistiu do desejo, talvez sentindo falta de apoio, e faleceu sem realizar o sonho de se tornar acadêmico, galardão que cabia com sobras dentro da sua genialidade.

**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor de Tesouraria da Associação Nacional de Escritores-ANE. Lançará o romance “O abençoado”, no segundo semestre de 2022.

## DICAS PARA LEITURA

O LIVRO DOS MORTOS-VIVOS - VOL. III REÚNE CONTOS E POEMAS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).



POEMAS SOBRE AS 4 ESTAÇÕES É MAIS UMA ANTOLOGIA DE POEMAS ORGANIZADA PELO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, UMA REUNIÃO DE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES ESCRITORES NACIONAIS. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).



# PACOTE

## DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU  
**LIVRO** CONOSCO

× × × ×  
× × × ×  
× × × ×  
× × × ×

- **DIVULGUE  
PARA + DE  
200 MIL  
LEITORES**

**R\$ 150**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)



- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)**



POR RITA QUEIROZ

# MOZART





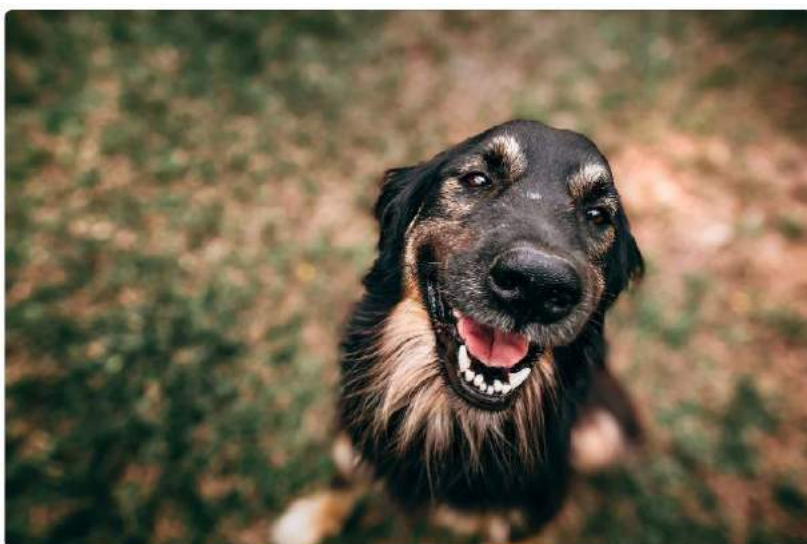
**N**aquele domingo, ao ler o jornal, foi surpreendida pela manchete: "Mulher mata marido e o coloca na panela"! Como pode?

Os dias se passaram e aquilo ainda ecoava na mente: "e o colocou na panela"! Qual seria o tamanho da panela? Qual seria a altura do marido? Será que ela conseguiu fazer isso sozinha? Quais habilidades havia desenvolvido para tal proeza? Indagações que a acompanhavam desde então.

Comprou um manual de anatomia. Leu todo, devorando cada ensinamento. O marido a olhava curioso e pensava: por que ela se interessa agora por anatomia? Logo ela, que nem sabia como cortar um frango?! Vá entender...

Os dias, os meses, os anos se passaram, Judite continuava interessada em anatomia. Até havia se matriculado em um curso de curta duração. Era preciso entender como ocupar bem os espaços. Aquela manchete ainda a atormentava, bem como a orquestra matinal de Mozart, com aqueles latidos insuportáveis.

Em uma bela manhã de domingo, Mozart foi para a panela e virou comida chinesa!



#### SOBRE RITA QUEIROZ:

Natural de Salvador-BA. Doutora em Filologia e Língua Portuguesa. Professora. Escritora. Poeta. Autora de 17 livros: 8 de poemas, 1 de contos, 1 biográfico e 7 infantojuvenis. Organizadora de 15 coletâneas. Coautora em mais de 150 antologias/coletâneas. Integra os coletivos: Confraria Poética Feminina, Mulherio das Letras, Confraria Ciranda Poetrix, Mulheres Maravilhosas e Enluradas. Membro de 9 agremiações literário-culturais. Prêmios: 2022 - Destaque Literário na Categoria Ensino e Pesquisa pela Focus Brasil New York/AILB; 4º lugar no Prêmio "Escreve-me" em homenagem a Florbela Espanca; Menção honrosa no Prêmio Off Flip; Hors Concours no Prêmio Voo Livre de Literatura; 2021 - Menção honrosa no VI Festival de Poesia de Lisboa; Destaque Literário na Categoria Poesia pela Focus Brasil New York/AILB; Grand Prix Femme Littéraire – categoria Pesquisa – e Prix Valkyrie pelo Institut Cultive Suisse Brésil; Mérito Poético pelo Projeto Poetizar o Mundo; Autor Destaque pelo Projeto Antologias Brasil.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



# 7 DE SETEMBRO

INDEPENDÊNCIA DO BRASIL



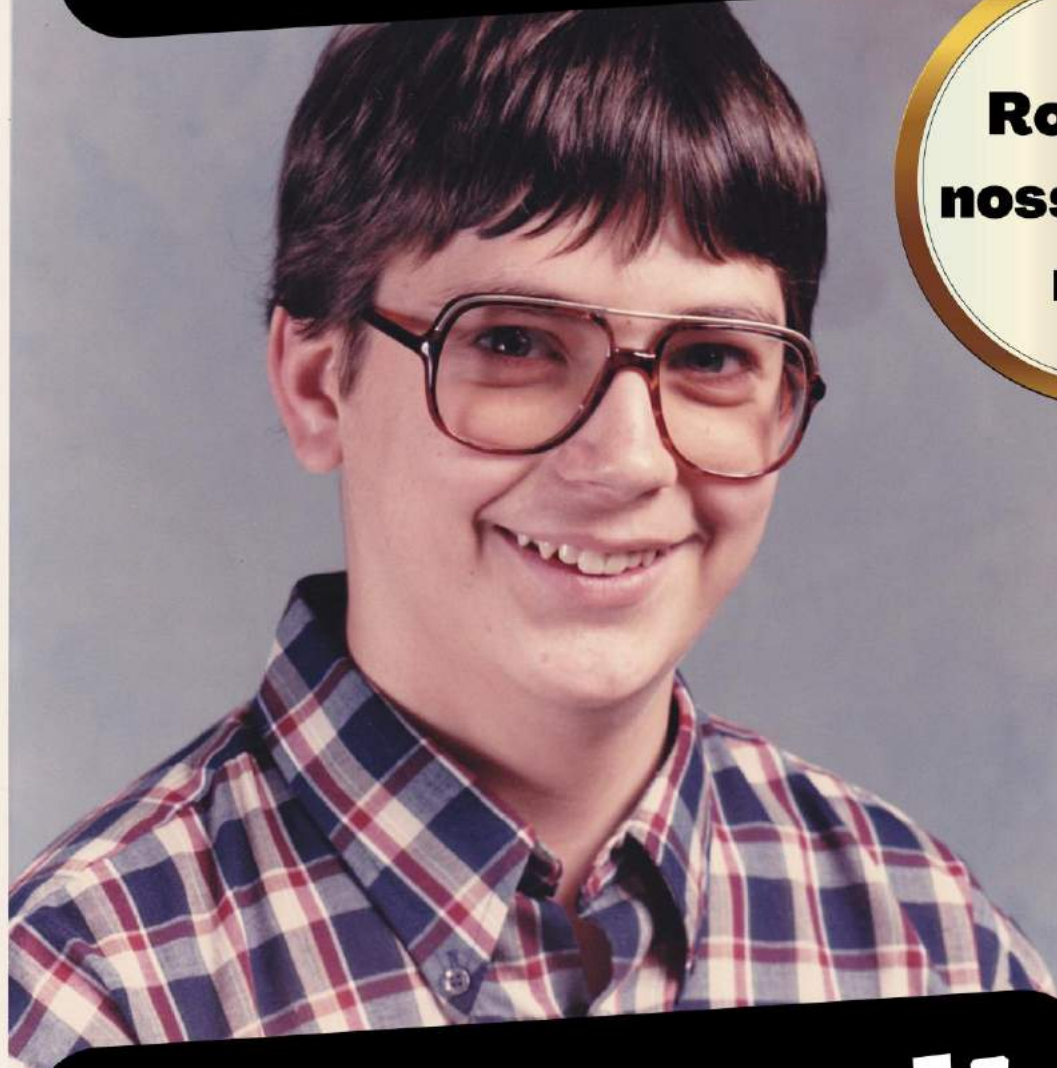


# CONEXÃO NERD

[www.youtube.com/conexaonerd](http://www.youtube.com/conexaonerd)



**vídeo novo**



**Rodolfo,  
nosso leitor  
nº 01**

**lá no canal!**

**Porque somos nerds**

**NÃO PERCA TEMPO. CLIQUE EM**







# HÁ BICHOS EM TODA PARTE

E ESSA É A ESSÊNCIA DA ZOOLOGIA CULTURAL

Por Elidiomar Ribeiro da Silva





Você já reparou que, para qualquer lugar que se olha, nos deparamos logo com algum animal? Pode reparar. Teste aí, vá até a janela, varanda ou porta da sua casa e olhe o entorno. O que você vai ver? Animais. Animais em toda parte. Mesmo nas grandes cidades, você pode ver cães, gatos, ratos, pássaros diversos, pombos, beija-flores, periquitos, urubus, gaviões, lagartixas, aranhas e muitos insetos, como borboletas, moscas, mosquitos, besouros e baratas, além de, eventualmente, especialmente nos subúrbios, porcos e cavalos. Esses são muito mais comumente observáveis no campo, junto com bois, cabras, patos e galinhas. Tirando os bichos de verdade, em carne, ossos, pelos, penas, cascos, escamas, antenas e escleritos, os outros integrantes do reino animal também estão perto de nós de uma outra forma: como referências simbólicas.

É só folhear um livro ou uma revista, assistir um filme, uma série ou um desenho animado, ouvir uma música, contemplar uma obra de arte ou mesmo escutar uma estória e, em grande parte das vezes, você irá se deparar com alguma menção a bicho. Experimente. Pegue, por exemplo, algum livro na estante e confira. Melhor ainda, tente lembrar de alguma música da sua banda, cantora ou cantor favorito. Provavelmente você encontrará o nome de alguma espécie animal, provavelmente até bem mais de uma. Isso, essa presença marcante dos animais nas manifestações da nossa cultura, representa a base daquilo que definimos como Zoologia Cultural.

Se Zoologia é o nome que se dá à ciência encarregada do estudo dos bichos, a Zoologia Cultural pode ser definida como o estudo da presença simbólica dos animais em qualquer tipo de manifestação da cultura humana. Tem bicho, tem cultura, está dentro do campo de interesse da Zoologia Cultural. E, como os bichos estão por toda parte, a Zoologia Cultural é um campo vastíssimo de estudo.

Ainda não está plenamente convencido disso? Então pegue o controle remoto, ligue a TV e zapeie pelos canais. Você encontrará pessoas que viram onça ou sucuri, jovens detetives que solucionam mistérios junto com um dogue-alemão falante e medroso, um pica-pau com risada característica, uma família de porcos sorridentes... Ah, e se estiver passando algum jogo de futebol, é bem possível que haja algum animal no escudo de, ao menos, um dos times, ou então como mascote. Nos clubes de futebol brasileiros é um festival de leões, lobos, porcos, águias, gambás, peixes, tigres e cachorros para tudo que é lado – tem até urubu! E não é diferente no resto do mundo e nem em relação aos demais esportes. Duvida? Assista um jogo de basquete da NBA ou de futebol americano da NFL. Voltando ao velho esporte bretão, aquele que mora no coração do brasileiro, assistir uma partida é ter a chance de se deparar com uma cornucópia de expressões de origem zoológica, do drible da vaca ao gol de peixinho, passando por aquele chute lá onde a coruja dorme e que garantiu um placar inesperado, uma autêntica zebra.

Por falar em jogos, que tal relaxar um pouquinho com as brincadeiras? Você pode brincar de cabra cega ou de pregar o rabo no burro. Vai um carteadado? Que tal então o jogo do mico? Se quiser um jogo eletrônico, o chamado *game*, sendo das antigas você pode ir de *Altered beast*, em que o herói vira lobo e outros animais, ou de *Sonic*, em que o protagonista é um ouriço amigo de uma raposa. E os mais jovens podem capturar

“monstrinhos de bolso”, os *Pokémon*, quase todos inspirados em animais de verdade, formando um verdadeiro zoológico virtual.

Quer mais exemplos? Tente lembrar então das histórias que seus pais, avós e tios contavam. Vamos começar pelos contos de origem europeia, boa parte deles adotada pela Disney. (Aliás, a Disney por si só já é o paraíso dos bichos – ave, Mickey Mouse!) Branca de Neve? Tem bicho. Chapeuzinho Vermelho? Tem bicho. A Bela Adormecida? Tem bicho. A Bela e a Fera? Tem bicho... Vamos mudar então para a nossa cultura popular. Nos chamados contos da carochinha, um dos mais populares é o da dona Baratinha que, em busca de um noivo, percorreu quase uma aula inteira de Zoologia para, finalmente, escolher o dom Ratão. OK, o final não foi dos melhores, nem para a barata casadoira nem para o roedor, mas são coisas da vida animal. Ah, o próprio nome, carochinha, tem a ver com inseto: uns dizem que é barata, outros dizem que é besouro. Mas que tal as cantigas de roda? Bom, aí você pode atirar o pau no gato (mas não faça isso!), desmentir a barata, que diz que tem um monte de coisas (“A barata diz que tem / Sete saias de filó / É mentira da barata / Ela tem é uma só...”) ou cantar a borboletinha, aquela que está na cozinha fazendo chocolate para a madrinha. Bichos por toda parte.

E mais, possivelmente o nome da sua rua ou do seu bairro, ou alguma praça perto da sua casa, ou até seu município ou estado tem inspiração em bicho. Quem mora em Jacarepaguá, a “baixada dos jacarés”, bairro da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, deve entender bem isso. Ou quem é do município fluminense de Araruama, o “lugar onde as araras se alimentam”. Ou, mais ainda, os sergipanos, oriundo do “rio dos siris”, os piauienses, do “rio das piabas”, ou ainda os tocantinenses, que nasceram nos “bicos de tucano”.

Aliás, você fala de bicho o tempo todo. Sem perceber. Não só você, mas eu também; todos nós. Falamos igual papagaio, esquecendo que em boca fechada não entra mosca. Nem parece que somos gatos escaldados, macacos velhos que não deveriam botar a mão em cumbuca. De qualquer forma, não temos motivo de preocupação com esse empréstimo que fazemos dos nomes dos outros animais, pois eles podem até não gostar muito, mas não vão reclamar, pois cão que ladra não morde. Aproveitemos esse presente legal que o idioma nos deu, afinal, de cavalo dado não se olha os dentes...

Na real, a verdade é que ao longo de sua caminhada, desde tempos rupestres até os dias de hoje, o *Homo sapiens* sempre foi fascinado pelos demais integrantes do reino animal. Isso pode ser comprovado, conforme já vimos, pelo tanto de referências culturais a bichos que fazem parte de nossa vida. O que fazemos hoje, estudando e apontando a presença animal nas artes e culturas, nossos antepassados já faziam com maestria. E a mais bela síntese dessa pretérita associação entre Ciência e Cultura são as famosas pinturas rupestres, retratos de animais e cenários nas paredes das cavernas, algo que nos encanta e comove até hoje.

Esse encantamento que vivenciamos quando finalmente reparamos como os animais estão presentes em todas as nossas artes - e aí tanto faz se é escrita, falada, tocada, contada, ouvida, lida, lembrada ou sonhada - aponta o caminho para que se use a Zoologia Cultural para quase tudo. Por exemplo, pode-se, em sala de aula, cativar e atrair estudantes para um conteúdo a ser ministrado, garantindo a atenção e, principalmente, a sensação de pertencimento – afinal, todos ali podem até não conhecer as espécies



envolvidas, mas conhecem os personagens nelas inspirados. Ou então pode-se, dentro do mesmo princípio, mostrar a todos as maravilhas da Zoologia e das ciências em geral. Mas, diante da progressiva destruição do meio ambiente e dos recursos naturais, é imperativo trazer simpatizantes à causa da preservação da biodiversidade. Dentro de um conceito básico do conservacionismo ambiental, que diz que as pessoas só se interessam pela preservação daquilo que conhecem, a Zoologia Cultural pode desempenhar função de destaque. Mostrando que nós não só conhecemos, mas também amamos os outros animais. Tanto em termos reais quanto culturais.



**Elidiomar Ribeiro da Silva** é biólogo formado pela UFRJ, mestre e doutor em Zoologia pelo Museu Nacional/UFRJ, professor do Instituto de Biociências da UNIRIO, onde coordena o Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural. Organizador do Colóquio de Zoologia Cultural e da Mostra de Biologia Cultural, editor-adjunto da revista *A Bruxa* e editor do zine *Homem-Leoa*. Como bom flamenguista que é, considera o urubu-de-cabeça-preta a melhor ave do mundo.

# CONEXÃO NERD

[www.youtube.com/conexaonerd](http://www.youtube.com/conexaonerd)



**vídeo novo**



**Aroldo,  
nosso leitor  
nº 02**

**lá no canal!**

**Porque somos nerds**

**NÃO PERCA TEMPO. CLIQUE EM**





# CINZA CORAÇÃO

**POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA**

Do cinza, adoro a discreta beleza,  
que, humilde, sugere tons multicores.  
Longe de ser ícone de tristeza,  
enaltece os tons dos campos de flores.

Adoro este “cinza” das incertezas  
Austero manto sobre tantas cores.  
“Cinza” de mistérios e de belezas...  
Comedidas cores de bastidores!

Enfim, este cinza n'alma instalado  
é mimese da abóbada celeste,  
com nuvens e pontinhos esboçados.

Similar a uma pintura rupestre...  
Retrato de um amanhecer nublado...  
Sóbria moldura de um coração agreste!

(In.: MÉTRICAS MACERADAS, ED. SCORTECCI, 2018, p.13)

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A - MANDALA -Itália, tendo participado do XXXIII Salão Internacional do Livro de Turim (outubro de 2021), como colunista da Revista Bilingue ACIMA Itália (OBA) e coautora de Antologia. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros, organizados pela ZL Books - Editora (New York, Portugal e, em 2021, Paris - França). É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura.





# EU PRECISO DE MAIS ESPAÇO

Quer mais espaço para divulgar  
o seu livro? Então entre em  
contato  
e solicite o nosso mídia kit:  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

REVISTA CONEXÃO LITERATURA  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# O SINCERO AGRADECIMENTO

## POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Tão deliciosa visão desse "retrato" no sereno apreciar  
Não me coloca surpresa  
Desfiladeiros em inúmeros relevos... mostram aspereza  
Mesmo "inerte", imagino movimentos na face sem parar  
Sorrindo... os comparo com as fortes ondas do mar

Antes, a face lisa, sedosa, roseada  
Pelo carinho bem cuidada  
Por todos amada  
Com o tempo, tal figura se foi, hoje apenas uma estrada  
Sem asfalto... buracos no caminho e mais nada

Consola-me, no entanto, o jorrar de radiante alegria  
A mutação! Por somente estar presente no exterior  
Por dentro, um coração abundante em euforia  
A todo instante dando exemplos de puro amor  
Expulsando aquela "tal" da nostalgia

Com tranquilidade apreciarei outras vezes "você"  
Estampa tão bela... rara beleza na juventude  
Olhar sereno focando atitudes  
Mostrando força para valer  
E, agora, me sinto tão contente, por essa mutação da vida  
compreender

Ah! Claro! Idosa serei mais ainda, nesta vida  
Bem imagino, com a idêntica postura enriquecida  
Atenta com a saúde, esbanjando cuidado  
Feliz pelo velho amor sempre ao meu lado  
E, por compreender a transformação, mostro-me muito grata a  
você "retrato"



# COM O PASSAR DO TEMPO POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Querida! Nada adianta  
Nesta vida! Nenhuma outra emoção espanta  
A tão deliciosa saudade  
Até aos nossos momentos chega "corredora" em alta velocidade

Promove assim um bailar de lembranças  
A saltitar junto à pequenina esperança  
Pertinho de mim e de você  
Tal como, sentadinhos debaixo daquele "velho" Ipê

O colorido das flores, de amarelo, com alegria banhava o chão  
Do "mar" formado, juntos, cada segundo uma imaginação  
O Norte, sempre o Mundo encharcado de glória  
Fruto das eventuais e possíveis vitórias

Ah! Querida! Nenhum projeto se tornou perdido  
Juntinhos aqui estamos  
E, nesse nosso "cantinho", se algo, porventura, foi sofrido  
Que o deixemos para lá, pois do alegre convívio muito  
aproveitamos

Agora... mais para frente?  
Pouquíssima preocupação! Somente bailarmos pelo sucesso que  
se passou  
Das experiências, surgirão outras belas sementes  
E, creia! Pode sorrir! Posto que, novamente, estaremos outra vez,  
a falar de tudo que se ama ou amou



# SERÁ SOMENTE EU?

## POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Confesso que ainda tenho saudade  
Daquele delicioso tempo  
Em que sorrindo a todo momento  
Era muito querida e esbanjava felicidade

Confesso que ainda tenho saudade  
Daquele seu olhar bem "safado"  
Para, pela minha juventude, ser amado  
Tão lindo e gostoso me apreciava de verdade

Confesso que ainda tenho saudade  
Dos pequeninos grãos (bem finos) que me jogava... pura areia  
A mim não machucava e, como dizia, querida sereia  
Ah! Tão envolvida ficava de alegria por intensa vaidade

Confesso que ainda tenho infinda saudade  
Hoje, indefesa, nem sei a quem reclamar  
Como sabe, o tempo passou, no meu interior bem devagar  
E aqui, frente a você, mas eu "sozinha" me ponho a lamentar, por  
não o ter amado com maior "intensidade"



Joaquim Cândido de Gouvêa é escritor, letrista de várias músicas, economista com vários Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A. Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Posuo poemas publicados no Brasil e no Exterior. Destacada participação no projeto da Editora Colibri em Lisboa-Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, iniciando na Edição 6 e, agora, já na Edição 21.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE. E outros dois, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa-Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título: SENTIMENTOS. AMOR. SAUDADE.

Menção HONROSA no Livro VII PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa de Literatura.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, onde ocupa a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco letras contando coma parceira da RENEE BRAZZIL na melodia e canto.



**“LER É CONHECER O MUNDO  
COM A IMAGINAÇÃO!”**

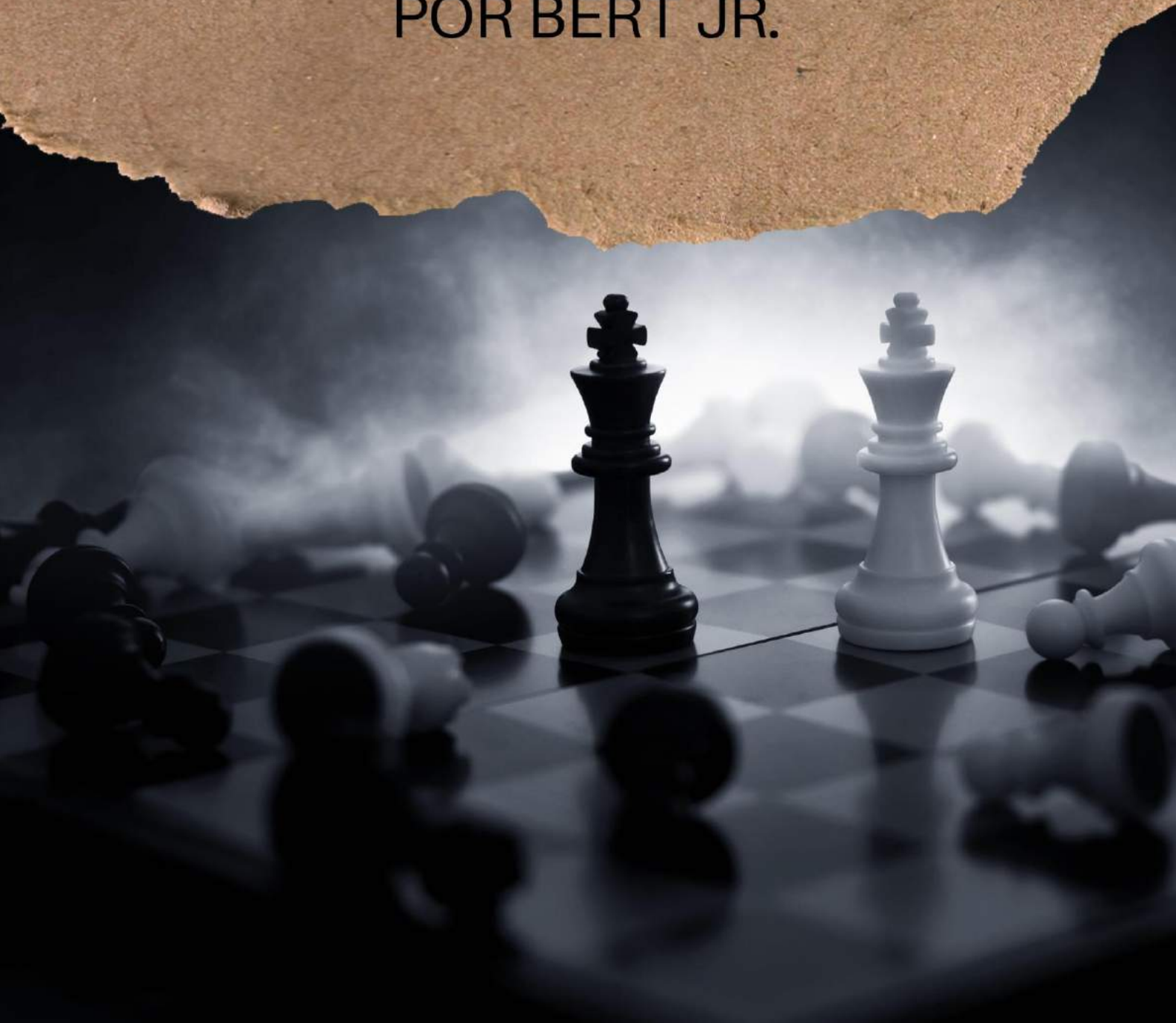
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)





# O JOGO

POR BERT JR.



Dentro de algum tempo, não é de todo impossível que se venha a encarar com naturalidade – tal como alguns já o fazem – a surpreendente partida do campeão Fodoran Czarov, jogada no começo da segunda década do século. Tendo diante de si, além do tabuleiro, o seu mais novo rival, um que falava o mesmo idioma, Czarov sentiu-se naturalmente no papel de irmão maior do jovem Bozolinsky. Para marcar sua ascendência sobre o vizinho de tabuleiro, somente se dirigia a ele tratando-o de Linsky, um diminutivo que apenas o próprio Czarov empregava.

Bozolinsky não se sentia nada confortável na presença de seu rival mais velho. Sabia expressar-se no mesmo idioma, era certo; contudo, não era essa a sua língua materna. Além disso, Czarov nutria manias de grandeza: viajava com seguranças armados, dando-se ares de muita importância, e era membro da diretoria do órgão regulador das regras do jogo, o Conselho Senhorial Normativo (CSN). Apesar de não fazer parte da diretoria, Bozolinsky contava com a simpatia de vários dos conselheiros, os quais olhavam para Fodoran com a desconfiança de que pudesse precipitar o órgão em algum tipo de crise.

O currículo de Bozolinsky como jogador não era sólido como o de Czarov. Entre os analistas e comentaristas do jogo, reinava o consenso de que boa parte de suas vitórias se devia a lances improvisados, de muita sorte. O próprio Bozolinsky acreditava nisso, o que alimentava sua veia de fanfarrão, fazendo-o apregoar pelos quatro cantos ser possuidor de uma sorte imbatível. E foi assim, num rompante grandiloquente de pura e tola gabolice, que suas declarações levaram o consagrado campeão Fodoran Czarov a desafiá-lo, com urgência, a uma partida.

A partida foi jogada na sala de estar da casa de um Bozolinsky orgulhoso do ambiente doméstico que construía, incluindo o jardim e a réplica da cabana de Tarzã, instalada sobre uma árvore para os folguedos dos filhos. Czarov aceitara o convite, mas quando, no dia do jogo, o anfitrião ganhou o sorteio para ver quem ficava com as peças brancas – o que lhe dava a vantagem de fazer o primeiro lance da partida –, Fodoran protestou. Aquilo cheirava a armação – esbravejou ele. Bozolinsky retrucou. Sua fama de sortudo ultrapassava fronteiras; ganhar o sorteio apenas corroborava o que todos já sabiam. Os conselheiros, alguns presentes e outros assistindo via Zoom, sustentaram, em sua maioria, a idoneidade do sorteio.

Entretanto, amparado no grupo de conselheiros que lhe era favorável, Czarov exigiu que o lado das brancas tivesse sua área de movimentação limitada à terceira das oito fileiras de casas do tabuleiro. Isso impediria o avanço ofensivo das brancas, reduzindo seus movimentos a táticas meramente defensivas. Nesses termos, o melhor resultado possível para as brancas era o empate. A medida alterava radicalmente as regras tradicionais, em que não havia restrições à livre movimentação das peças sobre o tabuleiro, além daquelas decorrentes das características próprias a cada um dos tipos de figura do jogo. Bozolinsky, sabendo contar com a simpatia da maioria dos membros do CSN, denunciou a iniciativa de seu oponente como algo totalmente inadmissível.



Nesse instante, Fodoran decidiu deixar de lado a costumeira manipulação do órgão senhorial: chamou seu time de guarda-costas e mandou que levassem os filhos de Bozolinsky para brincar no pátio, em cima da cabana de Tarzã. Isto aqui é um jogo de gente grande, afirmou Czarov, não é lugar para se ter crianças por perto.

— Mas não se preocupe, Linsky — acrescentou, num sorriso de canto de boca — suas crias estarão a salvo durante o nosso confronto.

Dito isso, começou o jogo com as peças negras, ignorando o fato de que cabia às brancas dar início à partida.



**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Acaba de lançar um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino* (ed. Versiprosa, 2022). Tenciona publicar, em breve, seu segundo livro de poesia.

Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).



# SOLIDÃO

Por Wanda Rop

A chuva fina cai suavemente  
Faz muito frio lá fora  
Sozinha, começo a chorar  
Sofrendo com saudade de você  
Um vento forte começa a soprar  
Trazendo a lembrança do seu lindo rosto  
Sinto o cheiro gostoso do seu corpo  
E meu coração acelerado por você  
Espero sua volta a cada momento  
Respiro a falta que você me faz  
Quero seu amor, sua ternura  
Mas o destino me nega esse doce sabor  
Aproxima-se a noite escura  
Multiplicam-se as recordações  
E as lágrimas em minha face  
Adormeço...em minha mente a doçura das ilusões  
Só em sonhos realizo o desejo de amar você



# SAUDADE DO MEU BEM

Por Wanda Rop

Em cada canto resta uma saudade  
Contemplo as folhas secas deste inverno  
Observo as luzes brilhantes da cidade grande  
Ouço o sussurrar do vento frio e  
Um arrepio percorre meu corpo

Oh saudade que rasga meu peito  
Oh dor de ter saído do meu sertão  
Meu amor mora no Norte, tem gingado e tem sorte  
Eu aqui sem poder seus abraços sentir  
Sem o canto dos pássaros poder ouvir

Sem saborear a delícia que é o brilho do pôr do sol  
É como sentir a dor da morte  
Oh saudade traiçoeira  
Me destrói por inteira  
Por que deixei o meu lar se para o sertão sonho em voltar

Saudade do calor noturno,  
Dos vaga-lumes iluminando a beleza do nosso amor  
Eu sorria como flor diante de ti meu amor  
Ah saudade se eu pudesse, tudo faria diferente  
Regressaria para o Norte  
Só para ter meu amor novamente!



# AMOR EM POESIA

Por Wanda Rop

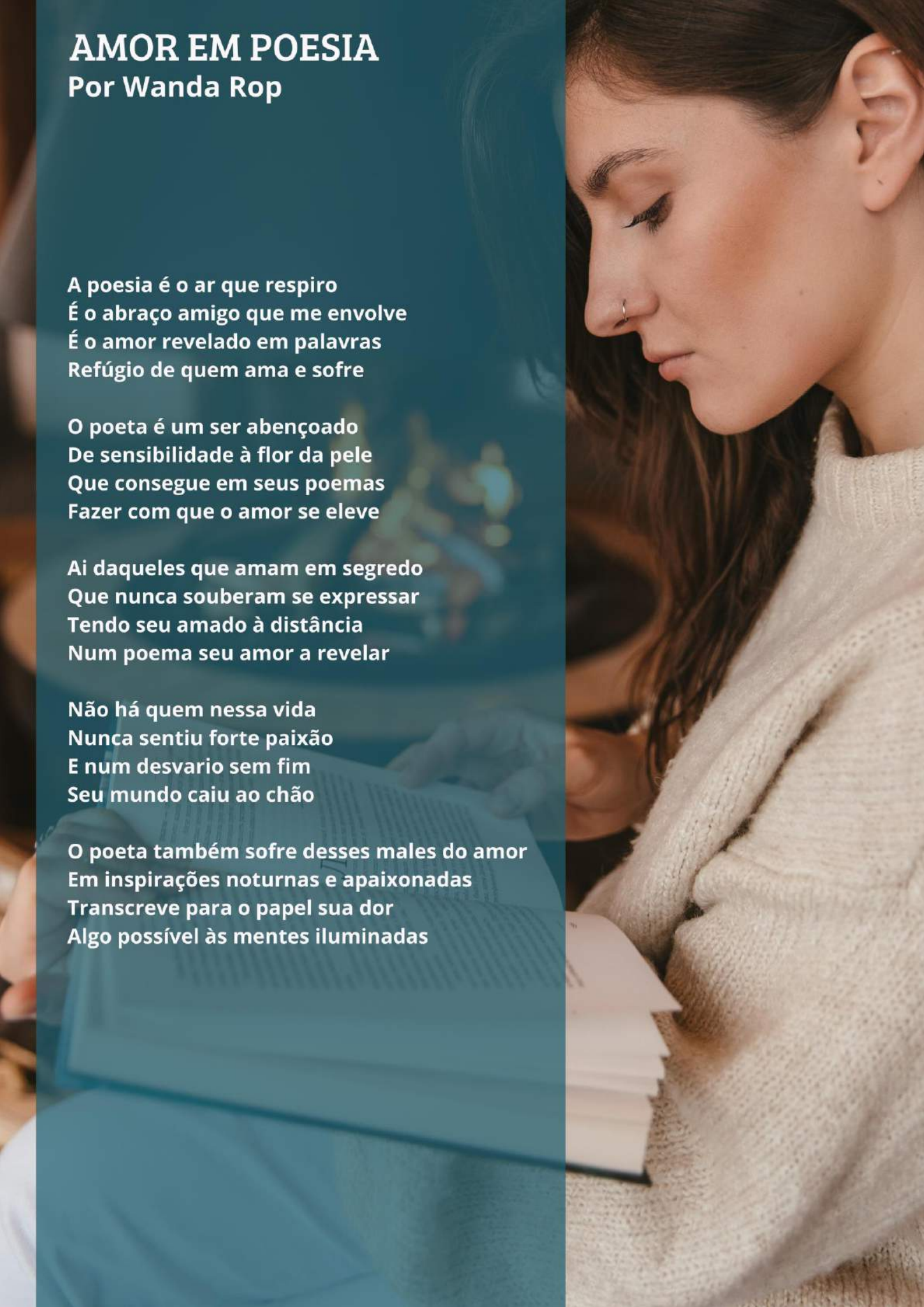
A poesia é o ar que respiro  
É o abraço amigo que me envolve  
É o amor revelado em palavras  
Refúgio de quem ama e sofre

O poeta é um ser abençoado  
De sensibilidade à flor da pele  
Que consegue em seus poemas  
Fazer com que o amor se eleve

Ai daqueles que amam em segredo  
Que nunca souberam se expressar  
Tendo seu amado à distância  
Num poema seu amor a revelar

Não há quem nessa vida  
Nunca sentiu forte paixão  
E num desvario sem fim  
Seu mundo caiu ao chão

O poeta também sofre desses males do amor  
Em inspirações noturnas e apaixonadas  
Transcreve para o papel sua dor  
Algo possível às mentes iluminadas





# DOCE MISTÉRIO

Por Wanda Rop

Meu amor, seu olhar demonstra  
doçura

Romântico, quente e misterioso

Tão forte e tão presente

Um pouco de sonho, me fez sonhar

Brilho nos olhos, muito amor

Sorriso nos lábios, carinho e paixão

O que se passa em seus pensamentos

Revela-me tudo o seu olhar

Posso sentir profundamente

Em cada olhar que trocamos

Que sonhos envolvem nossas vidas

Duas vidas que se completam

Nesse doce mistério apaixonante

Unidos por um grande sentimento

Com você a iluminar meus dias

Ao seu amor quero me entregar

Sentimento puro que encanta meu ser

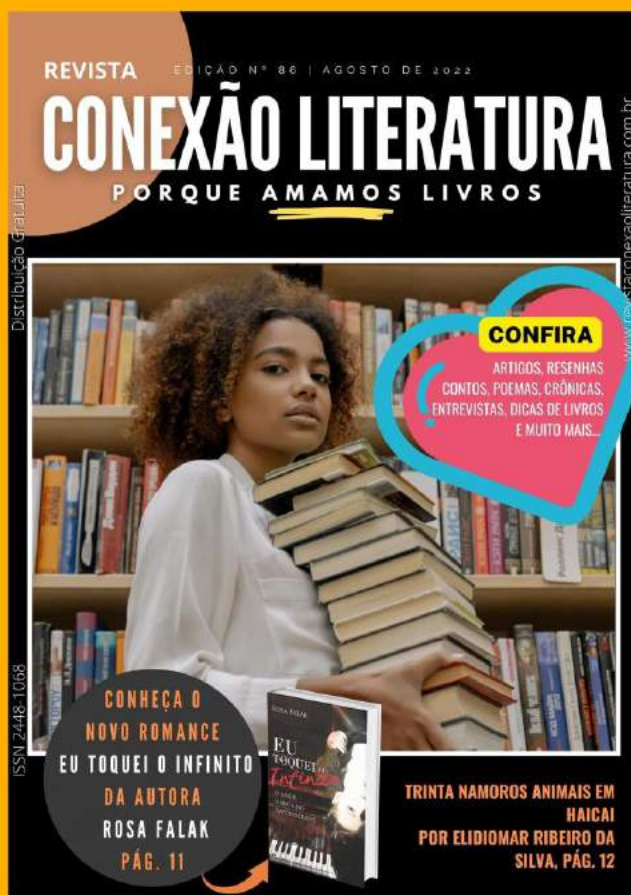
Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, antologista, filósofa, cursando último período de História, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros: "Tempo de Amar" e "Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa."

*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>





# Lembranças

de muito tempo atrás

Por Ilmar Ribeiro da Silva

**B**em, vamos voltar há muitos anos... Minha saudosa mãe era bela e meu saudoso pai era também muito bonito e conquistador, as mulheres se derretiam por ele. Mamãe ficou grávida do primeiro filho (isso após namorarem, noivarem e casarem, tudo dentro do maior respeito). Porém, no terceiro mês de gravidez, um saudoso tio jogou nela, de brincadeira, uma casca de banana e disse que era lagartixa. Conclusão: ela, que tinha pavor de lagartixa, igual eu tenho, abortou. Era um menino.

Depois de algum tempo, nasceu o meu saudoso irmão, no hospital em Cascadura, subúrbio carioca, pois meus pais moravam na Rua Frei Antônio 33. Após três anos, com ajuda da parteira, uma cuidadora de cabras, nasci naquele endereço, era um armazém-boteco, nos fundos. Meus pais eram os donos do estabelecimento, minha mãe atendia no balcão, com um funcionário auxiliando, e eu ficava dentro de um caixote de bacalhau. Papai gostava de fazer as compras com o carro dele e jogava futebol no campo em frente. Anos mais tarde, mais ou menos quando eu tinha 3 ou 4 anos, minha mãe engravidou novamente, era um menino que nasceu morto, com 4 quilos e meio.

Papai vendeu o armazém-boteco e comprou uma casa em Bento Ribeiro e um loteação 556, linha Méier x Mauá. Trabalhava dirigindo o loteação e minha mãe, excelente modista, costurava para os alfaiates de Madureira. Nos dias de entrega do serviço, lá íamos nós com ela, meu irmão de um lado e eu do outro. Quando papai chegava com o loteação, nós varriamos o interior do veículo e sempre achávamos moedinhas. Porém, surgiram as empresas de ônibus e papai teve que vender o loteação. Mas continuou sempre motorista de ônibus, até recebeu o título de “melhor motorista do Estado da Guanabara” e ganhou uma televisão do Lions Clube do Méier. Papai jogava futebol de salão no Social Atlético Caiçara, em Bento Ribeiro. Até hoje eu guardo o meião que ele usava.

Minha primeira escola foi o Instituto Nossa Senhora Aparecida. A diretora era dona Neuza, muito severa, e o esposo dela, seu Rubens, tomava a nossa tabuada todos os dias. Quem errasse, ficava de castigo depois da hora da saída, em pé, estudando. A minha primeira professora foi dona Irene, faleceu jovem e, por incrível que pareça, eu alfabetizei a filha dela. Quando ficava de castigo, depois da hora na escola, levava uma surra da mamãe. Ao terminar o ensino primário, fiz o admissão (6º ano) em Marechal Hermes, no Curso Musa, na Rua Aurélio Valporto. Fui batizada na Igreja Divino Salvador, em Piedade. Primeira comunhão, crisma e casamento foram na Igreja de Santa Isabel, em Bento Ribeiro.

Ainda pequenina, brincava com meu irmão. Jogava bola de gude com ele, e ele brincava de boneca comigo. Fui muito arteira, subia no telhado com o papai, também subia nas árvores que tínhamos no quintal. Eu era valente, espevitada e atrevida, quando meu irmão chegava da rua chorando, porque tinham batido nele, eu ia tomar satisfação com os garotos. Só existia a casa dos meus pais, o resto eram terrenos, em frente era barreira. Passava o trem da Aeronáutica às 17:00h, então mamãe trancava tudo com medo de ladrão, isso naquela época...

Sempre fui esperta, independente, com 11 anos já pegava sozinha o ônibus circular, hoje 781, e ia ao mercado em Cascadura para comprar queijo. Lá hoje é o Supermercado Vianense. Um dia, chegando do Curso Musa, minhas primas estavam assanhadinhas, no portão, para ver um rapaz que trabalhava na barbearia. Também fiquei curiosa para vê-lo.



Levei vantagem, pois morava lá e elas, mais distantes. Então, todos os dias, indo para o curso, passava e ele mexia comigo. Apaixonei-me pelos olhinhos verdes. Até que um dia (eu com 12 anos e ele, 17) marcamos encontro na Rua Caconde e começamos a namorar escondido de meus pais.



Com 76 anos bem vividos, **Ilmar Ribeiro da Silva** foi, por quase três décadas, professora da Educação infantil no município do Rio de Janeiro, lotada na Escola Municipal Irineu Marinho, em Marechal Hermes. Após a aposentadoria, passou a se engajar nas causas de ajuda social, a viajar e aproveitar a vida, o que lhe valeu a ampliação de seus conhecimentos. A reclusão durante a pandemia de Covid-19 lhe possibilitou o desenvolvimento de dotes artísticos, como desenho e escrita.

# DOUZE



Por Jorge Claudio Ribeiro



Certo dia, ao acordar, ele sentiu cólica aguda. Que seria? Check-up recente não apontara alteração em suas entranhas, nem leve nem grave. Aliás, toda a operação evacuativa foi idêntica à dos dias anteriores. Fluxo, odor, consistência, quantidade, tudo igual. Nada que indicasse intoxicação alimentar: até podia ser, sempre pode, mas não parecia. Por precaução, avisou na firma que não iria trabalhar. De tarde, a dor nas tripas migrou até a garganta e se transformou em indefinido sufoco; ao entardecer, irrefreável ânsia estacionou em seu peito. Da janela, a contemplar a icônica Serra do Curral, chorou cascata.

Aliviou-se, sossegou, compreendeu. Seu mal era uma saudade visceral da terrinha, tão esquecidinha ao longo de sua breve temporada em Belo Horizonte, que já durava quarenta anos.

Passou no RH, resgatou uns dias de licença vencida. Não iria a negócios nem encontraria parentes e conhecidos. Por sinal, vários haviam partido. Sua urgência era regar as raízes. Sem perder tempo, colocou na mochila bermuda, calção, camiseta e uns trecos. O suficiente para uma estadia básica no Rio de Janeiro.

Ao chegar, instalou-se numa pousada oquei em Copacabana, altura do Posto 6. Foi logo pedir a bênção a Drummond e a Caymmi, para sempre radicados no calçadão. Em seguida, desceu à praia, cenário de preciosas recordações da adolescência: pegar jacaré no peito ou em prancha de isopor, jogar frescobol, se lambuzar de bronzeador, beber chá-matte Leão, comer biscoito de polvilho Globo, chupar Chicabon, apreciar as garotas de biquíni.

Expôs ao divino Sol sua palidez de escritório. Molhando as canelas, flanou em direção a Ipanema. Carioca de novo! De repente, a meia distância, ofuscou-o a visão da moça da barraca da praia. À medida que se aproximava, mais se extasiava. Fora de forma, arriscou abordar a bela. Breve hesitação. Qual é seu nome? “Júlia”. Maravilhado com a informação, ele apontou para si, mas não teve tempo de se apresentar. “Vai querer...”. Vou querer água de coco, Júlia. Entretanto, o que ele desejava, mesmo, não era só isso.

A coisa toda de Júlia era, digamos, ecológica. Fazia parte da paisagem de *sua* Praia do Arpoador. A face de Júlia espelhava os traços eternos da deusa das águas, Iemanjá/Nossa Senhora da Conceição. Os olhos de Júlia eram verde-mar; a pele de Júlia tinha a cor da areia molhada; os cabelos crespos de Júlia semelhavam algas; as curvas de Júlia balançavam ao ritmo das marés; os seios de Júlia eram esculpturados, como os morros na orla ou as ilhas adiante. Um biquíni preto e justo emoldurava aquilo tudo.

Distribuindo guarda-sóis e cadeiras, servindo bebidas e petiscos, a moça se movia com a agilidade das ondas. Ora mansas, ora velozes, as águas ofereciam deleite e surpresa aos banhistas que nelas brincavam ou as cavalgavam montados em pranchas. *É arriscado escalar o Dois Irmãos de Júlia? Que gosto tem seu Pão de Açúcar? Como seria brincar com ela? E se cavalgássemos nas espumas salgadas?*, devaneou.

Ele ficou ali pelo resto do dia. Bastava-lhe admirar Júlia, beber e comer as delícias que ela trazia. O tempo voou rápido nas asas das gaivotas grasnadoras e leve como os urubus surfistas do azul celeste, elevados em espiral por correntes de ar quente.

Pôr do Sol para lá do Leblon. Aplaudiu o róseo espetáculo em cima do rochedo do Arpoador, misturado à Tribo do Poente. Regressou para a pousada com a alma embebida de Júlia. Sonhou com ela. Ao despertar, ocorreu-lhe curioso incidente linguístico do dia

anterior, que passara quase despercebido. Quando perguntada sobre o preço da caipirinha, Júlia informou: “Douze reais”. *Douze?! Como assim, douze? Ninguém fala desse jeito lá em Beagá!*, achou graça. Típico excesso de correção, talvez dizer “doze” soasse meio trivial para Júlia. Tanto faz, qualquer palavra que saísse de seus lábios, o encantaria.

Vestiu o calção. Retornou ao Arpoador cheio de audácia. Posso lhe confessar uma coisa, Júlia? Cautelosa, ela negaceou: “Depende”. Inspirando a maresia, declarou, enfático: Você é linda, Júlia! Ela baixou... levantou os olhos... encarou-o, verdadeiramente. “Obrigada”, sussurrou. Ele pediu um cuba libre. Mais um.

Alçado ao patamar das beatitudes, convidou Júlia a borboletearem pelo calçadão de Ipanema ou de qualquer praia do mundo. “Sim”. Conversinha, roçavam-se. Na metade do trajeto, Júlia pegou na mão dele. Assim continuaram. Já na barraca, gesto antiquado, ele beijou sua mão. E agora?

Espreguiçou-se na areia, olhou ao redor. Deu-se conta de que cochilara esse passeio pela calçada. O vento trouxe nuvens escuras. Até amanhã, Júlia!

Correu para a pousada. A moça da TV previu que choveria de noite e durante toda a semana. Acertou. Praia deserta. Abreviou a temporada. Ao menos, sua dor no peito sumira.

Logo que chegou em Minas, prometeu a si mesmo voltar a Ipanema, fartar-se de caipirinhas. Entretanto, do jeito como as coisas estão, o preço terá subido.



**Jorge Claudio Ribeiro** é professor, escritor, editor e jornalista. Nasceu em 1949, carioca, casado, três filhos. Formado em Filosofia, Jornalismo, Teologia, mestre em Educação e Teologia, doutor em Antropologia. Lecionou 45 anos na PUC-SP, tornando-se Livre-docente e Titular em Ciência da Religião. Fundou o jornal Porandubas (da PUC-SP) e trabalhou na Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.

É autor de dez livros, acadêmicos – como “A festa do povo, pedagogia de resistência”; “Sempre Alerta” (jornalismo); “Religiosidade jovem” – e ficção, como “Ela me tira pra dançar”; “O assassinato do jornalista suicida”.

Em 1991, fundou a editora Olho d’Água, desativada em 2019, que publicou 150 obras em ciências humanas.

Contato: [jorgeclaudio@olhodagua.com.br](mailto:jorgeclaudio@olhodagua.com.br)



Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

**PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150**

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com  
publicação no site  
e em uma edição da  
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista  
projeto

**AUTOESTIMA**

*edições*

acesse: [revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

# ROSAS

Por Augusta Arakawa

Você é maravilhosa!  
Adoro o seu cheiro pela manhã  
Minha mimosa!

E serei sempre cuidadosa  
De você porque sou sua fã  
Minha formosa!

E te livrarei das mariposas  
Em você, minha campeã  
Linda, gloriosa!

- Falando de mim sem prosa?  
Falando sozinha? Está sã?  
Perguntou o meu amor com cabelo babosa.

- Eu estava falando com as minhas rosas!





# **BEIJA-FLOR**

**Por Augusta Arakawa**



**Amor sublime amor  
Que olhando o mar  
Brilha ao sol se pôr!**

**Diante de mais um calor  
E mesmo ao se calar  
Dá o que tem de melhor.**

**Ah, este sublime amor  
Que não há de guardar  
Nenhuma mágoa nem rancor!**

**Que desabrocha em flor  
Querendo doar  
Mais uma alegria no cobertor.**

**E quem me ajuda a compor  
Mais um dia bom ao acordar  
Só poderia ser você, meu amor.**

**Que alivia a minha dor  
Com sua luz ao me abraçar  
E me ajuda a mudar de cor.**

**O que seria de mim sem te amar?  
Eu seria um pássaro que beija  
Sem flor.**

**Ah, meu beija-flor!**



# CONVITE: BRASIL!

Por Augusta Arakawa



Vamos viajar em um novo caminho!  
O coração a iluminar e bater.  
Cantando alto no nosso ninho.  
Uma festa de alegria vamos ter!

E que ninguém nos incomode,  
Pois neste dia vamos triunfar.  
Vamos passear até de bode!  
Vamos dançar e até surfar!

Vou te mostrar o belo nordeste  
De praias com o mar turquesa.  
Vamos de norte a sudeste!  
Muita alegria sobre a mesa!

E o pão de queijo de Minas  
Você vai provar. E irá gostar  
Do barreado das meninas  
E das cachoeiras a nos embalar.

Aqui tem pandeiro e samba no pé.  
Dizem que os cariocas são faceiros  
Mesmo caminhando com chulé.  
Aqui também tem cangaceiros!

Aqui tem música de roda  
Da morena de Belém do Pará.  
Aqui tem castanha e pula corda  
Das crianças do Ceará.





**Aqui tem tereré, churrasco e chimarrão.  
Aqui tem criança brincando de peteca.  
Aqui tem água nos lençóis do Maranhão.  
Aqui tem tacacá e muita moqueca.**

**Aqui tem mesa farta para os botos  
Do rio Amazonas, do rio Formoso.  
Aqui tem índio e mulato solto  
A brincar e se jogar no gostoso.**

**Aqui tem o rio do Velho Chico.  
Tem efeito pororoca no coração.  
Aqui tem gatinho e muitos micos  
A pular das árvores de montão.**

**Aqui tem terra vermelha de Tocantins.  
Tem serrado e tem cristais nas cavernas.  
Aqui tem boiadeiro e peão assim  
Que canta no escuro sem lanterna.**

**Este é o meu povo trabalhador  
Que o planeta ilumina porque Deus  
Este povo abençoou no amor.  
Brasil: terra que Deus me deu!**



#### **SOBRE A AUTORA:**

**Augusta Arakawa é natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" (Shan editores, 2006, para a Biblioteca de Alexandria no Egito em parceria com a Unesco) e o e-book "Lembranças" publicado pela UNIFAL - MG em 2022 (Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais).**





TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA  
GAVETA

# ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

---

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

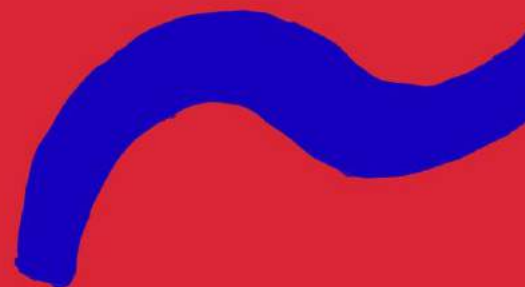


POR ALINE LOURENÇO

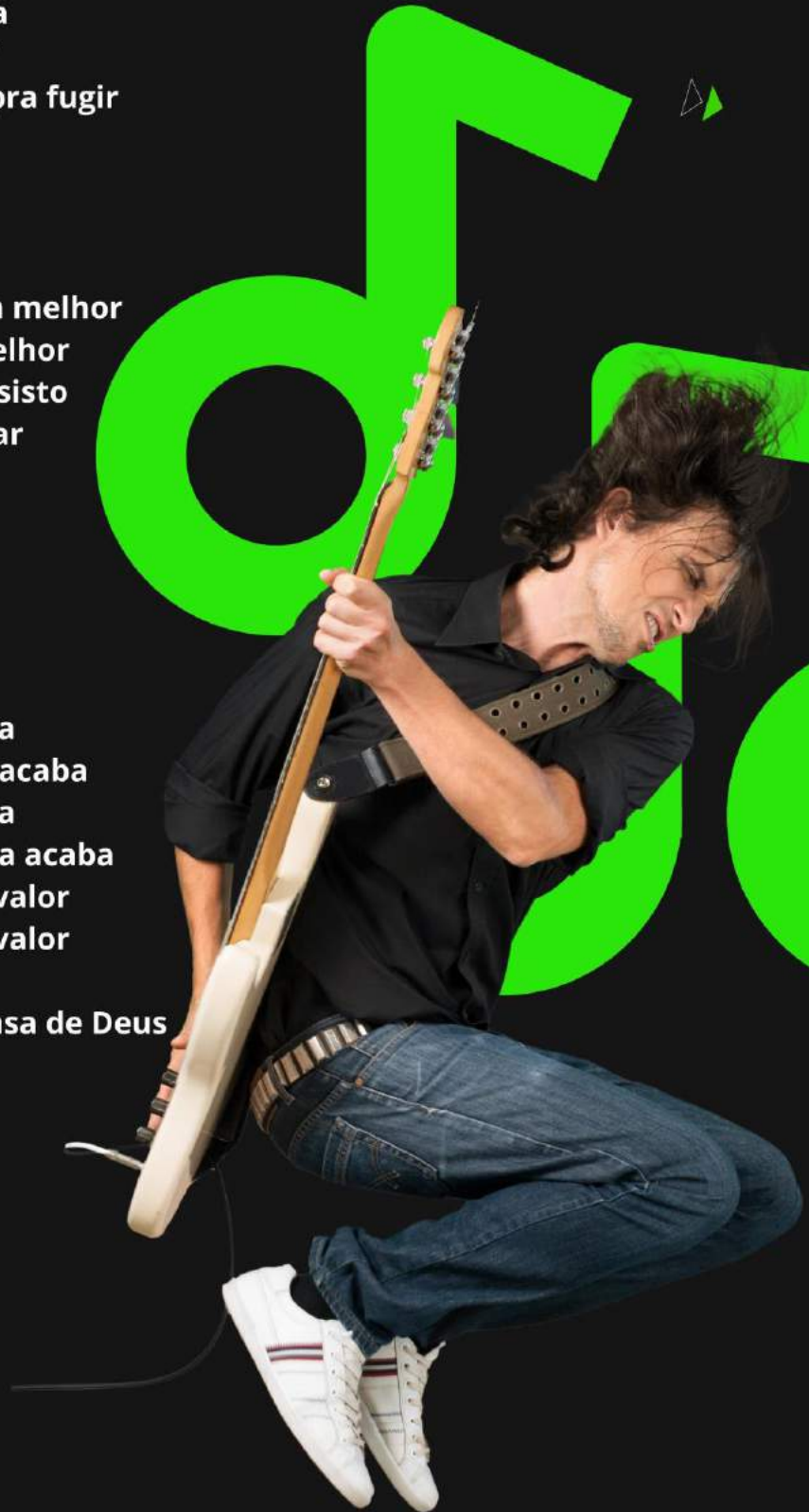


# LUGAR AO SOL

E SEU SIMBOLISMO



E o que ficou pra trás passou e eu não me importei  
Foi até melhor, tive que pensar em algo novo que fizesse sentido  
Ainda vejo o mundo com os olhos de criança  
Que só quer brincar e não tanta "responça"  
Mas a vida cobra sério e realmente não dá pra fugir  
Livre pra poder sorrir, sim  
Livre pra poder buscar o meu lugar ao sol  
Livre pra poder sorrir, sim  
Livre pra poder buscar o meu lugar ao sol  
Um dia eu espero te reencontrar numa bem melhor  
Cada um tem seu caminho, eu sei foi até melhor  
Irmãos do mesmo Cristo, eu quero e não desisto  
Caro pai, como é bom ter por que se orgulhar  
A vida pode passar, não estou sozinho  
Eu sei se eu tiver fé eu volto até a sonhar  
Livre pra poder sorrir, sim  
Livre pra poder buscar o meu lugar ao sol  
Livre pra poder sorrir, sim  
Livre pra poder buscar o meu lugar ao sol  
O amor é assim, é a paz de Deus em sua casa  
O amor é assim, é a paz de Deus que nunca acaba  
O amor é assim, é a paz de Deus em sua casa  
O amor é assim, é a paz de Deus... que nunca acaba  
Nossas vidas, nossos sonhos têm o mesmo valor  
Nossas vidas, nossos sonhos têm o mesmo valor  
Eu vou com você pra onde você for  
Eu descobri que é azul a cor da parede da casa de Deus  
E não há mais ninguém como você e eu





Já ouviram esta canção? Pois é, lançada em 2001 pelo cantor e compositor Chorão do grupo Charlie Brown Jr, teve seu sucesso. Agora em 2021 a cantora Sandy faz uma regravação, que nos trazem a vários "res" que podemos imaginar: reinterpretação, releitura, reparação e reanálise. A nova produção musical nos leva uma ressonância para uma imagem do nascer do sol, dando nos a esperança de conseguir realizar o nosso sonho.

Nas primeiras frases " Que bom viver, como é bom sonhar/E o que ficou pra trás passou e eu não me importei/Foi até melhor, tive que pensar em algo novo que fizesse sentido" o autor confessa uma decisão que teve que tomar para correr atrás de seus sonhos, deixando para trás a sua vida e alguém, sem se importar, pensando el algo novo que trouxesse sentido para ele. No trecho "Ainda vejo o mundo com os olhos de criança/Que só quer brincar e não tanta "responsa"/Mas a vida cobra sério e realmente não dá pra fugir" aqui ele continua sua confissão ao dizer que continua vendo o mundo com olhos de criança. Afinal, o que significa isso? Quando olhamos o tudo com de criança, olhamos de forma inocente, sem maldade, com diversão, sem levar as coisas a sério, porém, ele reconhece que este mundo cobra responsabilidade e não podemos fugir.

A música vai para refrão, onde o autor afirma que está livre para buscar o lugar dele, o lugar ao sol. Lugar este onde ele possa ter sucesso.

E, após o refrão o autor vem com um desejo " um dia eu desejo te reencontrar numa bem melhor", o que nos faz refletir em uma omissão " de "uma vida" bem melhor. E faz uma reflexão a Cristo, ao reconhecer que "somos irmãos do mesmo", ou seja, a fé é a mesma. Logo, se remete a Deus, a quem quer que tenha orgulho dele, como se estivesse olhando para o céu, completa que vai conquistar o seu sonho e que não está sozinho, pois é a fé que o faz sonhar e seguir.

No trecho: " O amor é assim, a paz de Deus em sua casa/ O amor é assim, a paz de Deus que nunca acaba, nesse momento, o autor reconhece o amor vindo de Deus, com a paz de espírito e de vida. E, em seguida conclui " Nossas vidas, nossos sonhos têm o mesmo valor", os sonhos que buscamos, almejamos, desejamos deve nos dá o mesmo valor vindo do amor de Deus.

Quando vem a expressão "Eu vou com você pra onde você for", é como se fosse a voz de Deus que interioriza dentro do autor. O mesmo faz um reconhecimento ao olhar para o céu azul que diz ser "a parede da casa de Deus", o que aproxima e os separa. Não existindo mais ninguém ali, somente ele e Deus.

## **"LUGAR AO SOL" E SEU SIMBOLISMO**

Ainda, não paramos por aqui...a música é algo tão mágico, que uma boa letra, precisa nos levar além e esta, pode ter certeza, nos levou através de sua linguagem subjetiva e onírica. Tudo começou lá na França no século XIX através dos estudos de

Freud, onde o mesmo trás um manifesto sobre o estudo dos sonhos, a expressão "pensamento onírico". Uma linguagem que os poetas do tempo, passam a captar e expressar em seus poemas, negando a realidade dos poetas realistas e parnasianos.

Lugar ao sol é uma canção com toda característica do simbolismo que podemos exemplificar pelo próprio título, "Lugar ao sol". Esta, ao pé da letra, significa uma posição em direção ao sol, sol, nada mais é que algo que trás luz, que para nós é o sucesso, vitória, felicidade, entusiasmo. Elementos que mexem com nosso interior, o nosso espírito.

O subjetivismo é algo muito íntimo e que afasta o poeta da realidade, criando um estado de desatenção, levando-o a um mundo a parte, com alucinações como "Ainda vejo o mundo com os olhos de criança/Que só quer brincar e não tanta "resposta" " e "Eu descobri que é azul a cor da parede da casa de Deus".

A fonética encontrada na expressão "Nossas vidas, nossos sonhos têm o mesmo valor" formam a musicalidade presente, o uso das palavras nossas/vidas, nossos/sonhos, mesmo/valor. Nota-se a repetição dos sons vocálicos e consonantais que formam as Figuras de Linguagens "aliteração" e "consonância". Uma mistura de sensações e emoções. Isto é o SIMBOLISMO.



**Aline Lourenço**, formada em Português e Literatura Brasileira, é professora, cursa especialização em Língua Portuguesa, é também escritora de poesias, contos e faz análise de letras de música com movimentos literários na página LITERAMUSICA. Já participou das antologias "Eu escrevi para você", "Contos de LU" e "PoesiasBR"



**NOSSO**  
**SILÊNCIO**  
**TAMBÉM DESTROÍ**



**NOSSAS  
MATAS**



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# TECENDO POEMAS II

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

E-BOOK

TECENDO  
POEMAS

VOL. II

saiba mais: clique aqui



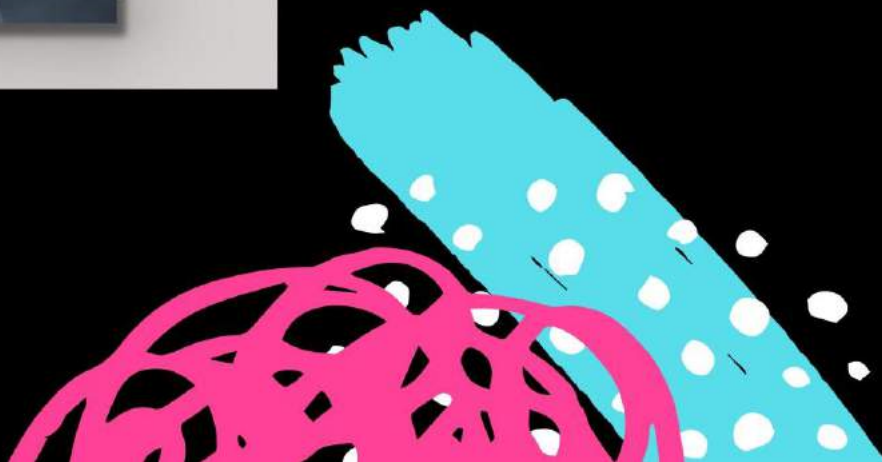


POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO

# Paixão e História: Uma narrativa romanesca dos Devons



AUTORA AMANDA FERNANDES



**O**s Devons (Corações Feridos), é uma caminhada literária por meandros da tradição burguesa inglesa, em unir a escritura ficcional com aspectos psicológicos, que remetem a uma filosofia do mobiliário, que assim vai se constituindo em uma condição humana, seguindo as métricas de etiquetas em relação a uma sociedade civil fechada e masculinizada, que refuta uma reformulação nos seus quadros existenciais que venham assim a ser sublime, no escárnio de não haver uma transposição da sua estética excludente, dentro de um mecanicismo em se manter certas atitudes comportamentais herméticas, inferiorizando o sexo feminino.

A narrativa do amor proibido, entre Catherina e Fernão, não detém o fatalismo *“shakeasperiano”*, ou tão pouco a geografia de tradições romanescas entre os dois lados do Canal Da Mancha, ao qual, por exemplo, Charles Dickens, dita em seu clássico Um Conto de Duas Cidades.

O romance de estréia de Amanda Fernandes traz uma vertente ensaística de época, mas é um apelo metafísico, para uma exasperação para que os Direitos da Mulher sejam de fato, colocados como atos de justiça entre as pessoas, sem haver discernimento de privilégios entre os gêneros.

Sua subjetividade culmina dentro de um *“espaço de ação narrativa”*, onde toda a luxúria da *“terra da rainha”* reduz o ser-humano feminino, a uma minoria escassa, perante uma acumulação de poder e tradição masculina, que fazem uma insurgência mental, para se criar uma reflexão em como os ideais democráticos que a Revolução Francesa emplacou, deixou vácuos, quanto a uma disseminação uniforme do que seja caracterizado como uma liberdade plena para todos os seres humanos.

*“Dentro de um sentido ideológico Michel Foucault, Os Devons, é uma forma de lexicografia, de contestar tecnicismos, para uma ‘liberdade da carne’*, que venha a argumentar, que para os caminhos da alcova dos bons costumes da sociedade britânica, há um cunho psicanalítico em fantasiar, tanto *“as tentações da carne, com também, partir para um apelo balzaquiano”*, que nos pequenos detalhes, está uma humanização de entalpia sentimental, que força muitas vezes as mulheres a esconderem seus desejos mais profundos, para não sofrerem represálias e castigos perante a figura austera de seus companheiros.

Susan Sontag *“coloca que, o sentido do amor para mulher vitoriana, se constitui, como um cunho de falácia de suas liberdades”*, onde sua coisificação parte para uma escatologia discursiva, de um cânone cultural que venha assim tratar a mulher de maneira desigual, perante o mundo dos homens.

Fernandes vai levando o leitor a criar uma espiritualidade de indignação diante o drama de Catherina Devon, em ter que respeitar os anseios de sua família, como também a ter que nutrir forças para resistir ou se entregar as investidas de Fernão.

Seu romance de estréia da quadrilogia dos Devons, ao contrário de os Bridgertons por exemplo, não se identifica em sua gnosiologia crítica, no enaltecimento da nobreza ou da burguesia, mas sim passa para uma psicologia feminina, que possa assim com um toque a lá Simone Beauvoir, *“não ser somente o segundo sexo”*, mas sim sair da ordem decimal de classificação antropológica e social.

Os Devons são um sinal da decadência patriarcalista inglesa, que mesmo depois da conquista dos direitos das mulheres, ou do tecnicismo da Revolução Industrial, ainda



procurou submeter-la, em um condicionamento, a fazer uma ontologia de pensamento arbitrário dentro, de suas transações interpessoais entre o universo particular do seu quarto e o convívio coletivo com o sexo oposto.

Até a primeira metade do século XIX, questões como a libido, a escolha sexual e amorosa, inconsciente, neurose, e psicose, eram tratadas como um *“mesmerismo”* destruidor de humanização paliativa.

A partir de lady Catherina Devon, surge uma viagem psicodélica, como um fator de fazer do romance de época, um nicho de inteligência da consciência, quanto a uma filosofia de libertação do dito sexo – frágil, que venha assim enfrentar os desatinos, de historicamente conter toda sua estrutura biopsicossocial a promover, certa *“luta de classes”*, perante a dominação masculina.

Uma dominação masculina, que segundo Pierre Bourdieu, (*“detém um pouco do medo, de sentirem menos homem em relação ao outro”*), que assim vai se enveredando, para uma diacronia de mentes, que vêem a submissão da mulher como algo natural, e até mesmo passando por um antropo *“darwinista”*, onde tudo pode ser classificado como sendo comum, mas não estando no senso-comum.

O cárcere privado da mulher inglesa, ao qual Fernandes traça, deixa também um espaço de literariedade, que não é apenas retratar uma determinada época social, mas sim fazer paralelos entre épocas históricas polivalentes entre si.

Seu romance tem vieses antropológicos, em surgir como um amparo sociológico de luta, para que os direitos das mulheres possam se reconstruírem, como um trabalho de política da igualdade entre os gêneros, estando no quesito de irrupção do corpo e de seus desejos com ética e empatia não estejam, encarcerados no tratamento informal, que tem ser dado a cada um dos gêneros.

Mary Wallcraft, ao qual é citada no respectivo romance, *“exalou que a libertação da mulher, passa por um caminho de submissão caminhando para uma irracionalidade criada pelos homens”*, que assim fazem do machismo algo como sendo *“natural”*, servindo como forma de gerar assuntos do cotidiano, entre os setores mais abastados de Londres.

Fernandes descreve as noites londrinas, como um vácuo repleto de prostitutas em seus pubs, mantidos pelos *“homens bons”*, mas que não fogem de uma boa farra, como também traça um *“papel freudiano”*, da necessidade de formação educacional da moral sexual, que não fique exclusivamente encarcerada no diâmetro do corpo.

Aliás *“o corpo”*, é o desejo ardente de Fernão defronte a Catherina, traçando um jogo de sedução, que coloca em evidência, em como se fazer um cunho de discurso lingüístico, que possa trazer informação para um sistema civil abusador, onde a mulher é comercializada como um produto, sendo trocada por mesas de pôquer, assim como também deixa uma fixação paranóica do que seja amor, dentro de uma dialética, que possa fazer da beleza feminina e tanto masculina, não somente atributos, da destruição de uma moral em se captar o *“real”*, mas sim que venha viver dentro do *“real”*, e que possa assim promover, a destruição de preconceitos, que dentro da imagística dos Devons, deixa as tradições familiares como um legado do passado soberbo de masculinidade, sem que venha assim prejudicar o seu futuro.

Karl Marx, dentro de sua Ideologia Alemã, coloca *“que as forças reprodutivas necessitam de força motriz contundente”*, se colocarmos nesse caso dentro da historicidade da mulher inglesa, vemos que ela é pouca citada dentro do seu conceito de luta de classes, ou alienação, cabendo ao homem estar banhado por um cunho de (des)humanização, ou seja de maneira teórica para a ciência, a mulher, não passa muitas vezes de um objeto de reprodução.

Bell Hooks, *“coloca, que a mulher foi fantasiada como a professorzinha, ou menina mimada, que é uma mimesis da discriminação que sofreu ao longo dos séculos através de uma educação secular, preconceituosa”*. Coloca também que o *“romantismo de Goethe”*, contribuiu para uma visão de que a mulher tem que ser idealizada e cortejada continuamente, tendo seu poder existencial, voltado para as tradições helenísticas, onde a beleza pode vim superar a razão, deixando de lado um sentido de criticidade quanto a uma concentração de empoderamento do sexo masculino, que se distancia de um *“aristotelismo”*, que seja empregado para todos os clivos de vivência intelectual.

Esse romantismo é descrito nas investidas de Fernão em Catherina, que tenta resistir a seu charme e sedução, deixando implícito, a questão da *“obrigação”* do homem em conquistar a mulher, mas que abre também interjeições psicossociais para certa sujeição do masculino para a elaboração de uma identidade intelectual, que possa assim fazer com que sua amada, contenha aspergidas características comportamentais, em que se apaixonar, não tem um sentido histórico claro, ou que possa vim a fabricar uma conduta de lisuras de tratamentos formais padronizados, em como se deve portar perante o desafio de vim conquistar alguém amorosamente.

Fernandes não faz um anti-romantismo, mas deixa tessituras de um naturalismo, quanto a inverter polaridades da frieza sentimental que força o homem, em se vê provocado perante a determinação de uma jovem em procurar e lutar em ter seu lugar no mundo, dentro do jugo de dominação masculina.

O enredo dos Devons se sublima a uma desconstrução do *“modus vivendi inglês”*, que faz assim sua mulher, ter um sentido de liberdade, que não fique exclusivamente a cumprir métricas de um tradicionalismo intelectual, de levar sempre um fetichismo dominador, fazendo a mulher possuir voz ativa e altiva.

Também dentro da personagem Catherina, se postula uma quebra do sentido *“hobbesiano”*, de que somente os homens podem participar da vida pública.

Fernão, também está em uma espacialidade espiritual de atender, a uma intelectualidade, que esteja em consonância com um ativismo, em fazer que a mulher, se detenha as suas vontades, assim como qualquer um dos outros mortais, e que é necessário um debate acerca do ambiente público e privado do universo feminista, no que seja tangente em como se comprometer a um sistema de labores de tratamento formais, para que assim seja possível uma igualdade, quanto aos tratamentos a serem outorgados para todos, dentro de um sistema de fabricação de preconceitos que a sociedade inglesa colocou, favorecendo uma machismo, que venha a fazer a identidade do feminino representada pelos Devons, uma objetivação, que não contenha uma verdade plena de colocar limites entre a pureza e a adestração feminina, perante a ferocidade



despudorada do mundo dos homens, em escravizar a mulher como seu brinquedinho particular.

Essa ferocidade ao qual Lady Devon, luta incessantemente, para assim quebrar maneirismos de construções mentais, que não venham a trilharem caminhos para uma criticidade, em conter a igualdade de gênero, que esteja exclusivamente focada, a admoestar os costumes, que refazendo segundo pensamento o Michel De Certeau, *“reinventar um cotidiano, que saia das ações comportamentais mecânicas, para atitudes psicológicas orgânicas”*, ou seja, construído um tipo de tempo movente, em fortalecer a história de luta e independência da mulher, perante o domínio dos homens.

Os Devons Vol 1, é uma viagem pela irracionalidade, da desfiguração de um sistema social, que colocou a mulher, como um sínodo de destruição do seu juízo moral, onde os homens podem fazer de tudo o que bem entender, e a mulher ficando confinada a vida do lar, que não deixa de estar imiscuído como um romance de militância, em busca da luta pelos seus direitos, em construir sua percepção da realidade, aquém da dominação masculina, ao qual Fernandes, deixa uma estruturação de uma parcimônia em unir dentro de um mesmo cenário de elaboração sócio-histórica, diferentes narrativas autodiegéticas, que envolvem antagônicas semiologias de disseminação política e social em busca do libertarismo feminino perante o jugo machista da sociedade inglesa vitoriana.

#### **SOBRE A AUTORA AMANDA FERNANDES:**

É uma autora e professora paulistana que se descobriu uma amante de romances de época durante a graduação de Licenciatura em Química. Corações Feridos é sua primeira obra publicada em formato digital e você encontrará uma história repleta de brasilidade, suspense, drama e amores intensos.

Contato: profamandaafdj@gmail.com

Instagram: @amanda.fdj

#### **SOBRE CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO:**

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br) usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias. Email: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br. Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>

# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



## Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



## Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



## Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



# ENTREVISTA

COM ALEXANDRA BARCELLOS



## Alexandra Barcellos

Alexandra Barcellos é uma escritora, poeta e professora de literatura paranaense. Em paralelo ao seu trabalho como professora se dedica ao mercado literário.

A autora, nascida em Foz do Iguaçu, morou em diversas regiões do Brasil devido ao trabalho de seus pais em companhias aéreas. Posteriormente, viveu na Europa e nos Estados Unidos, passando uma década fora do Brasil.

Além de escrever e lecionar ela é uma pessoa bastante esportiva e adora cozinhar.

Atualmente mora em Curitiba, onde leciona e trabalha na publicação e promoção de seus livros.

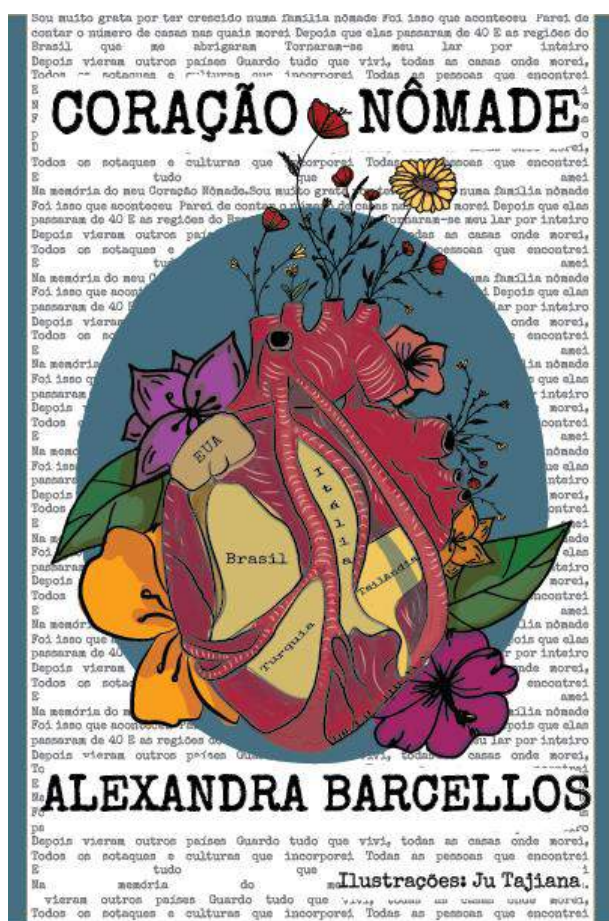


## Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Alexandra Barcellos:** Comecei a publicar por volta dos 30 anos de idade. Meus primeiros livros foram no universo da literatura infantojuvenil e depois eu fui escrevendo e publicando outros gêneros como conto, romance e poesia.

Minha primeira publicação foi em 2003 e desde então foram dez livros publicados.



**Conexão Literatura: Você é autora dos livros "Coração Nômade" e "Aquário de Amor". Poderia comentar?**

**Alexandra Barcellos:** Aquário de Amor é uma publicação de 2018, são poesias que falam do amor nas suas variadas formas... começo, meio e fim. Por este motivo nem todas as poesias são românticas, algumas são bem duras. Foi num período em que eu presenciei muitos finais de relacionamentos, tanto casamentos quanto namoros. Então, na medida em que minha inspiração chegava, eu criava de acordo com o que eu testemunhava.

Já o Coração Nômade foi publicado em 2020. Metade dele foi escrito antes da Pandemia, a outra metade durante o início dela e o livro foi lançado em outubro daquele ano. De todos os meus livros de poesias, ele é o mais espiritualizado. Eu acabei escrevendo muito sobre encontros e despedidas.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Alexandra Barcellos:** Eu tenho que fazer uma separação aqui, escrever uma narrativa é completamente diferente de escrever poesias.

Quando começo um novo livro, tem uma inspiração inicial e o fio condutor da história que se tornará o enredo da trama, independente de ser um livro infantojuvenil ou um conto.



Costumo escrever pela manhã, bem cedo e escrevo de uma só vez o livro, pode levar um ano ou mais. Só depois faço a reescrita e então passo para os revisores.

O processo criativo da poesia é completamente diferente, minhas vivências e experiências me lavam a escrever a qualquer hora do dia, frequentemente recibos de supermercado viram poesias. Costumo dizer que ela é um ímpeto da alma.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho dos seus livros especialmente para os nossos leitores?**



**Alexandra Barcellos:**

Companheirismo é o que muda tudo –  
Aquário de Amor.

A saudade é um dia que não termina  
nunca – Coração Nômade

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Alexandra Barcellos:** Existe uma rede de livrarias no sul do Brasil chamada LIVRARIAS CURITIBA, é uma rede bem grande (também presente em São Paulo) e com entregas em todo o Brasil vi vendas online. O site deles é [www.livrariascuritiba.com.br](http://www.livrariascuritiba.com.br). Outro lugar onde vendo os meus livros é na livraria

Patuscada do Eduardo Lacerda e da Pricila, a livraria fica na Vila Madalena, em São Paulo.

Os meus livros também estão disponíveis em formato de e-book na [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br)

Vocês podem me achar no seguinte Instagram @barcellos.alexandra

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Alexandra Barcellos:** Se você realmente acredita que esse é o caminho para sua realização pessoal, emocional e espiritual, vá em frente com toda garra que tiver. Não existe outro caminho. Grande parte das pessoas que trabalham com livros me dizia, no passado, que poesia não vende. Poesia se tornou o meu carro chefe de vendas e é o gênero que eu mais amo escrever.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Alexandra Barcellos:** Sim, estou com um novo livro de poesias com o seguinte título Alexandra Barcellos e suas poesias. Eu quero me celebrar com este título, percebo que, frequentemente, os poetas só se tornam nomes dos seus livros em antologias publicadas depois que estão mortos.

Eu quero e vou me celebrar enquanto estou aqui.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Cartas a um jovem poeta de Rainer Maria Rilke

Um ator ou atriz: Robert De Niro

Um filme: Sociedade dos Poetas Mortos

Um hobby: Coletar pedras e ler sobre o significado dos sonhos

Um dia especial: O dia do meu casamento há 27 anos.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Alexandra Barcellos:** Quem é amado por um poeta Nunca morre.





# ENTREVISTA

COM EMMANUEL M. A. MORENO



## Emmanuel M. A. Moreno

O autor Emmanuel M. A. Moreno é gaúcho de Porto Alegre mas vive há mais de vinte e cinco anos em Gravataí, região metropolitana. Sempre teve vontade de criar histórias que fizessem com que os leitores refletissem a respeito das coisas e do mundo. Sob grande e inegável influência de seus autores favoritos, Emmanuel busca realizar seu sonho enquanto completa sua pós-graduação em Ciências Humanas, já que o mesmo é formado em História e é instrutor técnico de boxe pela Federação Gaúcha de Boxe.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Emmanuel M. A. Moreno:** Meu início no meio literário se deu através do meu primeiro livro ‘Intempestivo William’, que foi meu grande laboratório onde experimentei a minha escrita e a minha capacidade de organização das ideias. Quando criei coragem de sentar o meu bumbum e começar a desenvolver uma história coesa que expressasse aquilo que eu queria expressar.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Amarelo verde e vermelho". Poderia comentar?**

**Emmanuel M. A. Moreno:** “Amarelo, Verde e Vermelho” é o meu segundo livro. Tive a ideia de escrevê-lo em meio a insana polarização política pelo qual passamos nas eleições de 2018. Então pensei em criar uma história que refletisse sobre a loucura que é tomar partido por A, B ou C, colocando abaixo relações de amizade, familiares, amorosas e até mesmo profissionais, em nome de políticos de estimação que pouco ligam para o real bem estar da população. Claro que isso está intrínseco e que foi criado toda uma alegoria para que isso fosse dito juntamente com outros assuntos que também julguei pertinente explorá-los.

**Conexão Literatura: Quanto tempo levou para concluir a sua obra?**

**Emmanuel M. A. Moreno:** Diferentemente do meu primeiro livro que escrevi em um intervalo de quatro anos, pois na época estava fazendo a minha faculdade, “Amarelo, Verde e Vermelho” foi escrito em umas férias que tirei. Todo o grosso do conteúdo eu escrevi em um caderno nessas férias (sim, sou antiquado), depois fui só digitando e corrigindo algum ou outro detalhe que achei pertinente.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Emmanuel M. A. Moreno:** Peguei-o e li o que estava escrito nele: “E se houvesse uma maneira de não sentir mais medo?”, dizia o papel com letra feminina. Abaixo dessa escritura havia um endereço, dia e horário para eu comparecer a algum lugar. Fiquei refletindo que desconhecia o local descrito no endereço do papel. Deveras, nunca tinha estado naquela parte da cidade devido a sua distância do centro. Concluí que deveria ser uma zona rural, com pouco urbanismo. Comecei a simular mentalmente mil e uma maneiras de não sentir mais medo, algo impensável no contexto da minha sociedade. O medo da punição gratuita pode destruir uma pessoa de essência débil.

Lucy: era uma jovem muito bonita, de olhos negros, cabelos castanhos e pele clara. A vivacidade do seu olhar foi o que mais me chamou atenção em meio a todo aquele caos



pelo que passamos. Tentei imaginar com que maneira ela faria que eu não sentisse mais medo. Qual a fórmula que ela tinha para chegar nesse objetivo. Com todas essas reflexões em mente, eu me deitei e dormi.

### **Conexão Literatura: O que tem lido ultimamente?**

**Emmanuel M. A. Moreno:** Meus dias andam corridos ultimamente, mas sempre quando dá um tempinho dou uma bizoiada em livros nacionais de autores que se tornaram meus amigos tais como D. Cardoso e Gustavo Drago (desculpem-me não citar todos aqui, por favor), e por vezes retorno a literatura clássica da qual eu tanto aprecio... Um clássico nunca é demais! Mas agora, nesse momento, do qual estou respondendo essa entrevista, eu estou lendo um livro chamado: “Tyson, Forjado no Fogo” de Antonio Carlos Novais.

Antonio é um autor nacional que também se tornou meu amigo, e que faz um trabalho sensacional contando histórias e curiosidades sobre personalidades ligadas ao mundo do boxe. O nome desse projeto é “Boxeando com os Contos”, que é um projeto dentro de um outro mais antigo chamado ‘Boxeando com a História’.

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você?**

**Emmanuel M. A. Moreno:** O livro está disponível na Amazon, no site da editora Drago Editorial, bem como em inúmeras plataformas digitais, tais como Mercado Livre, Carrefour, Ponto Frio, Casas Bahia entre outros, vai da preferência do leitor.

Deixo o meu recém criado perfil de autor no Instagram: autor\_emmanuel.m.a.moreno Lá os leitores ficarão mais familiarizados com o meu trabalho literário e, de vez em quando, coloco um poema de minha autoria. Pretendo interagir com os seguidores também no futuro, já que estou aprendendo a usar as redes sociais ao meu favor, no momento.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Emmanuel M. A. Moreno:** Sempre tem uma sementinha no campo das ideias, né? Quem sabe uma continuação para William? Já que alguns dos meus leitores fiéis sempre me cobram uma continuação para ele... Quem sabe um projeto novo? Quem sabe? O certo é que a minha cabeça sempre está maquinando e, do nada, pode surgir algo novo.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: “1984”, George Orwell. “Amarelo, Verde e Vermelho” lembra um pouco esse livro fantástico, claro, guardadas as devidas proporções...

Um (a) autor (a): Já que estou no campo das distopias, vou citar outro autor incrível: Aldous Huxley, autor do formidável “Admirável Mundo Novo”.

Um ator ou atriz: Esse é um gosto bem pessoal: Sylvester Stallone. A história de vida desse cara é impressionante, de como é que se acredita em um roteiro e não se abre mão de querer interpretar ele.

Um filme: “Rocky: Um Lutador”. Esse filme mostra como alguém pode se manter em pé e lutando, através da força de vontade.

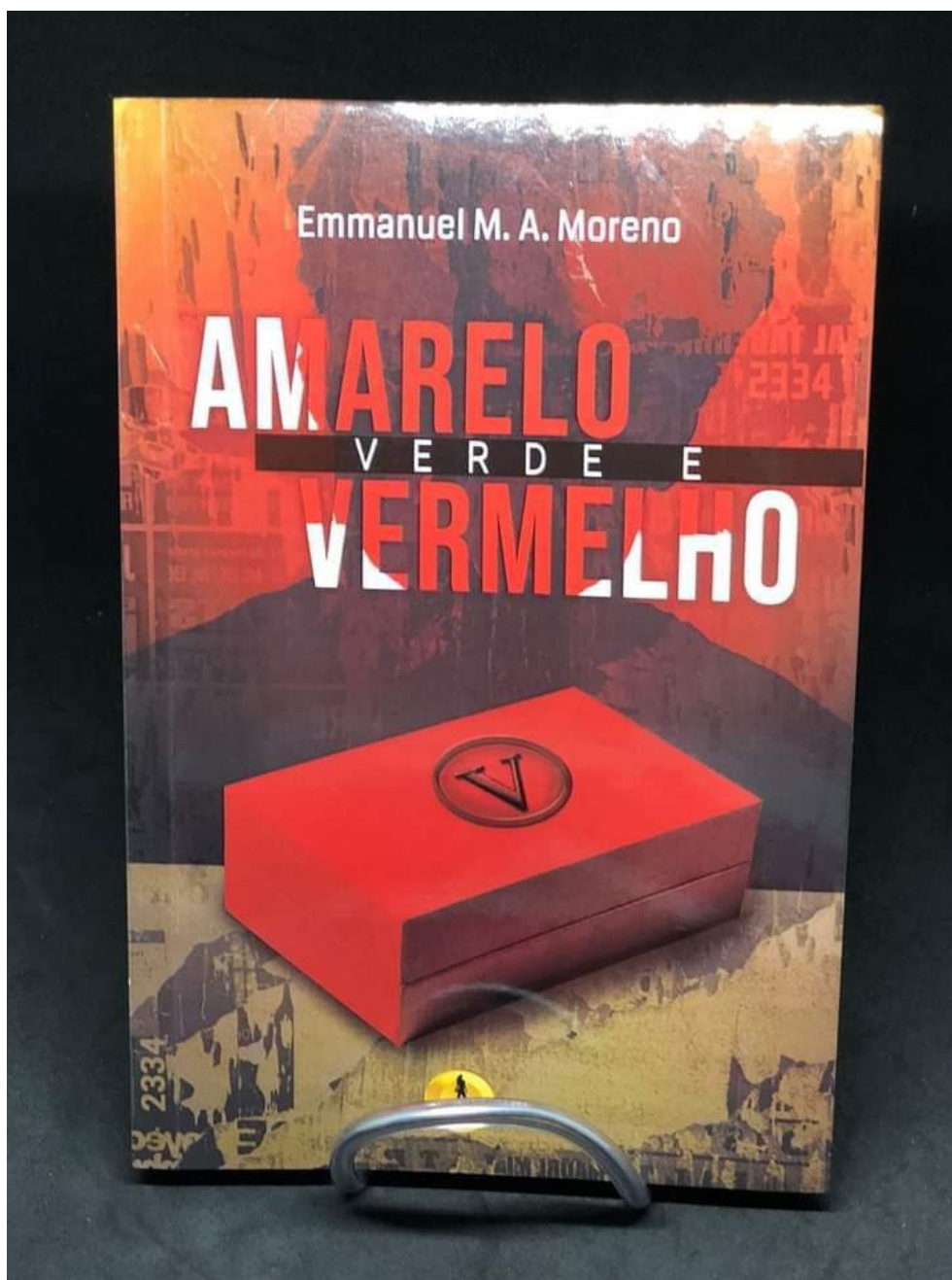
Um desejo: Que esse meu segundo livro faça a diferença na vida de um único leitor que seja, como eu sei que o primeiro fez. Se isso acontecer, já me sinto realizado como autor.

Um dia especial: É um dia aproveitado na companhia dos nossos entes queridos.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Emmanuel M. A. Moreno:** Sim: Que continuemos com os nossos delírios, com as nossas fantasias, com os nossos sonhos... Mas que jamais desistamos da nossa arte que é a literatura, tão subestimada e maltratada no nosso país. Força e persistência, meus amigos... A caminhada é árdua, mas quem disse que seria fácil? Um muito obrigado!

Autor Emmanuel M. A. Moreno.





# ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA



A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

**PARA SABER MAIS**  
CLUBE DE AUTORES - UICLAP  
AMAZON



# ENTREVISTA

COM J. MAGALHÃES



**J. Magalhães**

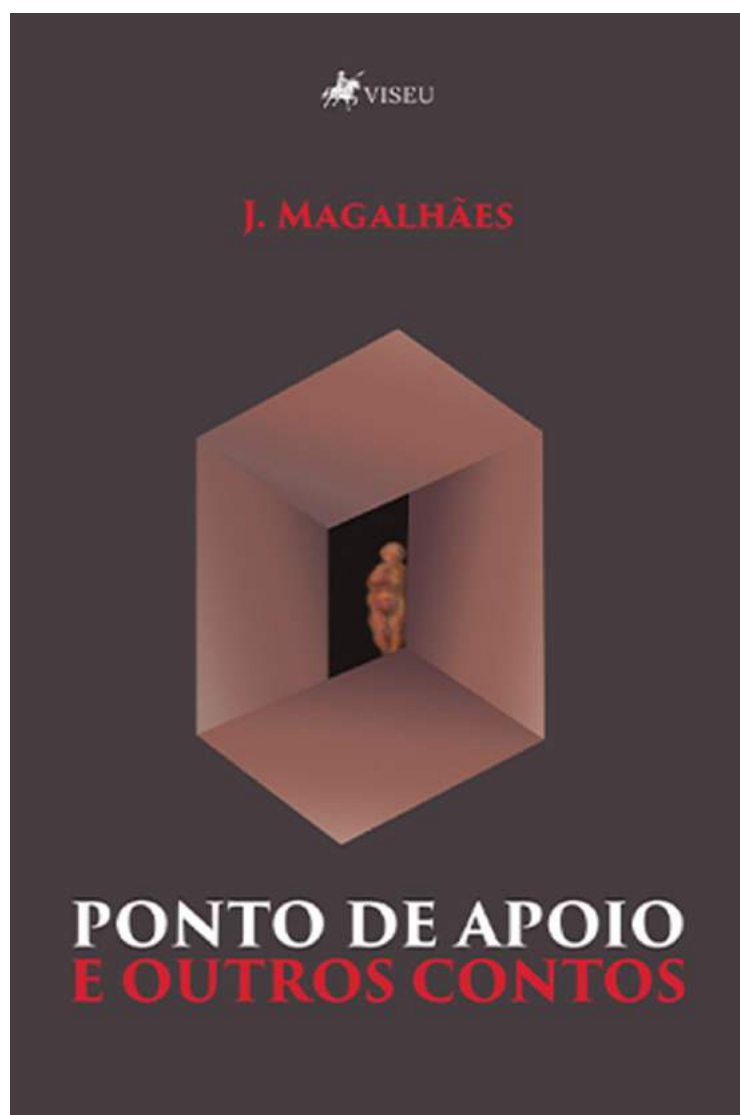
João Carlos Marques Magalhães é biólogo, mestre e doutor em biologia e professor aposentado da UFPR. Também é graduado em artes visuais (gravura) e tem especialização (PG lato senso) em psicologia. Na universidade atuou em genética, filosofia da biologia, ensino e divulgação científica. Sua formação eclética, um problema na vida acadêmica, é fonte de inspiração para a escrita de ficção científica, principal atividade a que se dedica atualmente.



**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**J. Magalhães:** Minha primeira e mais importante influência foi meu pai, Leonel Magalhães, que criou os filhos, eu e meus irmãos, em meio a livros, discos e alguma coisa de artes visuais. O interesse pela cultura nos acompanha desde então. Como biólogo e professor universitário, escrevi e publiquei textos técnicos e didáticos, mas também trabalhos de divulgação científica. Nestes últimos, me senti mais solto e a partir daí, passei a me aventurar na literatura de ficção, alguma coisa que vinha amadurecendo por dentro e que eu tinha de pôr para fora. Aconteceu naturalmente, de modo selvagem, isto é não tenho formação regular na área, só paixão mesmo.



**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Ponto de apoio e outros contos". Poderia comentar?**

**J. Magalhães:** Estes escritos foram selecionados e aprimorados a partir de esboços que eu vinha escrevendo ao longo de muitos anos, antes de pensar em publicar. Procurei separar alguns contos visando um mínimo de unidade temática, isto é, escolhi histórias de ficção científica, fantasia e aventura. O diferencial delas é que abordam questões, como os limites do conhecimento, a dificuldade da comunicação, o confronto do indivíduo com as instituições, o encontro e o desencontro com os demais, a existência e a finitude, o mistério enfim, coisas não facilmente abordadas pelo discurso relativamente rígido da ciência. Mas o objetivo jamais foi fazer da ficção, ciência ou filosofia. Escrevi por necessidade interior e pelo prazer de ouvir e contar histórias, prazer que gostaria de transmitir aos leitores

por intermédio da escrita. Por essa razão, concentrei-me nas estruturas gerais do livro e de cada conto, revendo e reescrevendo até chegar a algo que eu próprio gostaria de ler. Mas se reler tudo novamente, certamente vou encontrar defeitos e vou querer introduzir

novas modificações. J. L. Borges disse uma vez que publicava seus escritos porque se cansava de reescrevê-los. Se com o mestre era assim, imagine conosco.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**J. Magalhães:** Não tenho um processo regular e previamente definido, mas geralmente acordo ou sou assaltado por uma ideia e se não durmo novamente ou não me distraio, anoto alguma coisa. Depois vou ao computador (bendito computador!) e tento dar forma à ideia original, mas é impossível. Novas ideias vão abrindo caminho, combinando e recombinação com as anteriores, o acaso interfere, tudo vai se modificando e, por incrível que pareça, a coisa vai ficando mais coerente à medida que escrevo. Também posso escrever conforme demandas externas. Por exemplo, recentemente tive um conto selecionado para compor uma antologia sobre a Independência do Brasil, em um concurso temático promovido pelo Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca, Espanha. A vivência pessoal é a base de tudo. Coisas que experimentei ou ouvi no convívio com familiares, amores e amigos também influem, embora indiretamente. É o sentimento que conta. Às vezes eu me emociono escrevendo. Mas nada aconteceria se não fosse o que li e continuo lendo. De certa forma, a atividade do escritor parece ser uma tentativa de diálogo com os autores que lê. No meu caso, destaco os antigos dramaturgos gregos, os realistas franceses e russos, chegando ao realismo mágico da América Latina. Também tive influência da ficção científica, aventura e fantasia. Tudo isto sem deixar de lado a cultura popular, gibis e cinema, entre outras coisas, desde que tenham qualidade, que estejam além do lugar comum e ideologia. Lendo criticamente, mas sem preconceito, até em obras desprezadas podemos encontrar passagens que brilham como verdadeiras joias.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**J. Magalhães:** Segue um trecho do conto “Paralelismos”:

*Alguns dias após tio Jô, ou o que for, apareceu novamente. Lembro exatamente como foi, ponto por ponto.*

*Estava de folga, então fui dar uma volta no parque. Sempre gostei de pensar no ar livre. Ele veio em minha direção com seu sorriso habitual e desta vez nos abraçamos de verdade. É estranho pois tio Joachin está morto faz cerca de quatro anos. Evidentemente ele não se sentia morto.*

*— Que coisa estranha a gente se encontrar assim – ele falou, me perguntou sobre mamãe e contou da Alemanha onde, supostamente, vive. Eu pensei “vive?” Parece que ele parou no tempo. Achou estranho eu parecer mais velho.*

*— Parece que estamos em uma encruzilhada, ele repetiu a mesma frase do encontro anterior.*

*Respondi com a mesma pergunta de antes:*

*— Como assim?*

*— Você continua interessado em física?*



— *Sim, vou para o quarto ano da faculdade.*

— *Não sei se estou sonhando ou se você é só fruto de minha imaginação, mas parece que estamos em algum cruzamento incomum do espaço-tempo – pensei um pouco e concluí. – Não acho que estou louco ou que você esteja. Nem sei ao certo onde você está.*

*Eu me distraí da conversa pois uma vizinha, a D. Graziella, vinha caminhando em sentido contrário. A irritação da conversa interrompida deu lugar à curiosidade logo satisfeita. Ela parou para me cumprimentar e cumprimentou também ao tio Jô, que respondeu apenas com um aceno de cabeça, pois não tinham sido devidamente apresentados. Mas ela o viu! O tio Jô não foi só alucinação, a não ser que algumas alucinações possam ser compartilhadas. Uma dúvida me assaltou e pensei: “E se a realidade não passar de uma alucinação compartilhada?” Tio Jô riu-se:*

— *Acho que você começa a aprender a duvidar do senso comum. Isto é bom, pode ser o passaporte para um entendimento aprofundado.*

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**J. Magalhães:** Os interessados podem consultar a página “ponto de apoio” no facebook: @ponto.d.apoio

No Instagram podem procurar em: ponto.d.apoio

O livro impresso pode ser adquirido no site da editora Viseu, no endereço:

<https://www.editoraviseu.com.br/lancamentos/ponto-de-apoio-e-outros-contos-prod.html>

A versão digital na Amazon, no endereço: [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br)

### **Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**J. Magalhães:** Esta questão é difícil porque, mesmo com bastante idade, sou apenas mais um iniciante. Mas escreva por necessidade interior. Bukowski disse “se não sai de ti a explodir apesar de tudo, não o faça”. Não importa se virá dinheiro ou alguma fama, isto seria como ganhar na loteria, escreva para você mesmo, seu eu profundo, mas pense nos amigos, nos possíveis leitores. Se você é jovem e deseja mesmo escrever, viver disto, o ideal é que estude literatura. Leia muito, leia da tudo, especialmente os clássicos e os melhores contemporâneos. Estude teoria literária. Aprenda com os melhores professores, as boas universidades estão aí para isto mesmo. Se não tiver essa visão ou oportunidade, preze ainda mais a intuição.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**J. Magalhães:** sim, pretendo organizar, selecionar, reescrever e publicar alguns contos ainda não publicados. Além disto pretendo escrever um ensaio envolvendo biologia e arte. Já tenho o esboço, foi o TCC de um curso de artes visuais que concluí em 2015.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: D. Quixote.

Um ator ou atriz: Leonardo Vilar

Um filme: Blade Runner (1982)

Um hobby: Gravura em metal

Um dia especial: o dia de meu *desaniversário*

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**J. Magalhães:** não me leve muito a sério, mas divirta-se com o que escrevo.





Ler acompanhado  
é bom demais!





# ENTREVISTA

COM JONATHAN ROCK



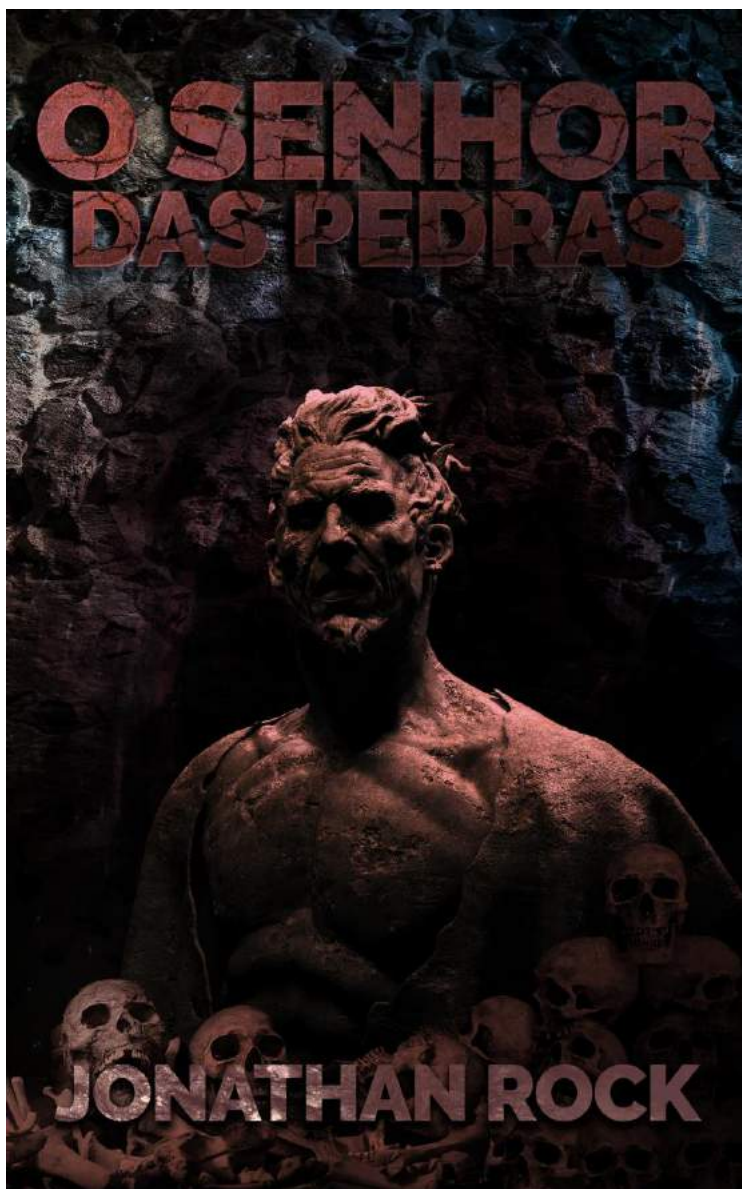
**Jonathan Rock**

Jonathan Rock, de Osasco – SP, é um estudante de física na Universidade de São Paulo (USP), formado em técnico em química, que além de sua paixão pelas ciências também mantém a vida toda a paixão pela literatura. É um fã fanático de Senhor dos Anéis, One Piece, Anne With an “E” e qualquer desenho animado ou romance de época. Também tem em seus hobbies francês e astronomia e sonha se tornar um cientista e escritor reconhecido, morar na Inglaterra como um típico cavalheiro britânico e dominar o mundo com seus empreendimentos.



**Entrevista****Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Jonathan Rock:** Na minha visão não teve um início já que é algo que faço desde que me conheço por gente, desde muito pequeno eu assistia desenhos animados, animes e filmes na tevê e pensando que poderia fazer tão bem quanto eles escrevia no papel minhas próprias histórias esperando se tornarem livros. Isso se seguiu a minha vida toda sempre sonhando com uma grande saga fantástica, mas só aos catorze anos, depois de terminar o meu último livro e desistir dele, comecei O Senhor das Pedras com o objetivo de ser uma história muito parecida com Game of Thrones em seguir muitas tramas de muitos personagens se enrolando e assim poder colocar todos os meios sobrenaturais que eu sonhava e assim eu segui escrevendo e reescrevendo e só hoje aos meus 18 anos finalizei e me considero pronto pra publicar.



**Conexão Literatura: Você é autor do livro "O senhor das pedras". Poderia comentar?**

**Jonathan Rock:** Como dito anteriormente o senhor das pedras é o livro no qual eu trabalhei a minha adolescência inteira criando um mundo com inúmeros tramas todos se conectando, desde sempre a ideia era criar uma grande saga fantástica, originalmente seriam cinco volumes, porém conforme a história foi ficando muito complexa e com muitas pontas soltas a serem encaixadas muitas páginas seguinte eu fui percebendo que qualquer pausa entre uma aventura e a próxima seria o suficiente para os leitores se esquecerem de detalhes que se mostrariam importantes, o que me incentivou a publicar toda a história na forma de um livro só para que os leitores possam degustar tudo de uma vez.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as**

**suas inspirações?**

**Jonathan Rock:** O meu processo de criação é complicado porque com o passar de quatro anos fica difícil lembrar o que exatamente me ia servindo de inspiração, mas eu vivia o tempo todo pensando e imaginando “seria muito legal se acontecesse isso na história” assim como sempre que lia e pesquisava sobre mitologia, história e teologia sempre encontrava pontas que pensava “seria incrível encaixá-las” e assim lapidei durante esses anos complexas pesquisas nesse meio a serem feitas na história como a base dos problemas dela.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Jonathan Rock:** “No mundo de pedra não há lugar para santos” essa frase serve exatamente para demonstrar a natureza imposta desde o começo de que aqui não é só um mundo onde não seguimos um herói resolvendo um problema, mas que realmente não tem lugar para pessoas politicamente corretas já que os personagens que fariam mais diferença e importância na história acabariam por ser até mesmo os mais dispostos a serem horríveis. É um lugar em que realmente para se ganhar você precisa aceitar sacrificar algo que é suficiente pras pessoas o considerarem um vilão.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Jonathan Rock:** Como o livro é insanamente grande a publicação física ficou a preços estratosféricos pela impressão então por enquanto o livro está presente pro público apenas em formato Kindle na Amazon, gratuito para quem tem Kindle Unlimited.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Jonathan Rock:** Vai ser difícil, muito difícil, não a parte de escrever que é só a ponta do Iceberg, mas a parte de vender o livro. Você vai precisar de Marketing, muito marketing, então por isso aconselho a o mais cedo possível começar a criar suas próprias redes sociais para criar um público ao qual você vai divulgar. E não adianta criar um Instagram ou Fanpage simplesmente sobre sua vida de escritos e seu livro, você tem que criar um onde a maioria do conteúdo é entretenimento que atraia seus leitores e é com eles estando engajados com você que você faz seu marketing.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Jonathan Rock:** Claro, tem muitos livros que tenho em mente e já estou trabalhando com o objetivo de explorar bem mais o universo sobrenatural criado nesse primeiro livro, chamado de Mundo de Pedra.



**Perguntas rápidas:**

Um livro: O Grande Deus Pã

Um ator ou atriz: Eddie Redmayne e Amybeth McNulty

Um filme: O senhor dos anéis

Um hobby: Desenhar

Um dia especial: 12 de Outubro, dia das crianças, meu aniversário.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Jonathan Rock:** Sim, se forem ler esperem a sensação de sua cabeça explodindo com toda a complexidade se encaixando, até informações completamente reais da história, muitas e muitas vezes, até você só entender realmente tudo que está acontecendo quando a história acabar.



# PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação  
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA  
MAIS DE 200 MIL  
LEITORES**

**R\$ 150**

Entre em contato:  
e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

[revistaconexaoliteratura.com.br](http://revistaconexaoliteratura.com.br)





# ENTREVISTA

COM JUNIOR MISAKI



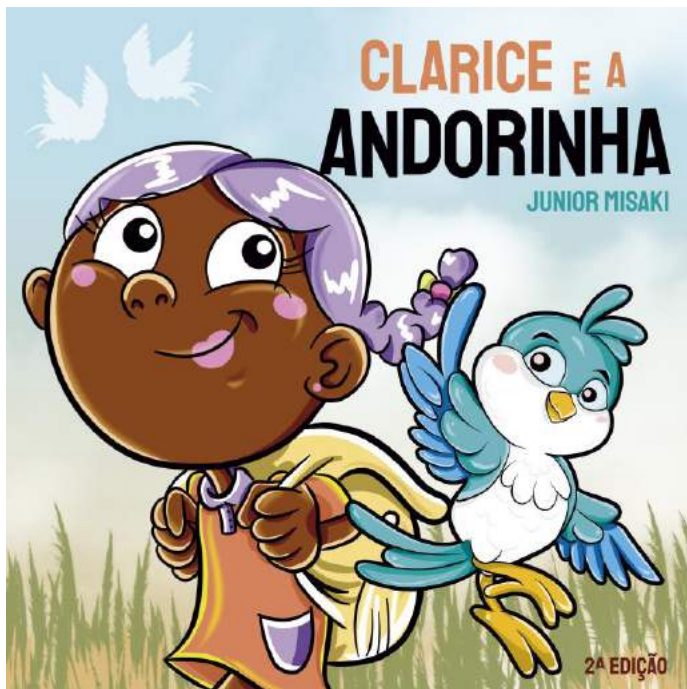
## Junior Misaki

José Jerônimo Vieira Júnior é artisticamente conhecido como Junior Misaki, nascido na cidade de Patos, no interior da Paraíba, o escritor e ilustrador é Mestre em Artes (UFRN) e professor da rede básica de ensino nos estados do Rio Grande do Norte e na Paraíba. Junior Misaki também é o autor das obras: Clarice e a Andorinha (2020), Quadrinizando nas aulas de Arte: De professor para professor (2020), O Mágico do Seridó (2021) e O Gato Juan (2022) e A Raposa: Depois daquele Adeus (2022).



## Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**



**Junior Misaki:** Em relação aos demais escritores, me senti motivado a escrever e publicar depois dos 30. Estou nessa aventura desde o final de 2020, quando a pandemia e a quarentena me fizeram repensar vários sentidos para a vida, e escrever foi um deles, principalmente baseado em histórias que observo no cotidiano na minha sala de aula, como educador. Quando pequeno, eu pensava que ser “escritor” seria algo apenas para grandes intelectuais de beca, mas tendo uma boa história pra contar, maneiras para publicar e divulgar, nenhum sonho pode se tornar distante.

**Conexão Literatura: Você é autor dos livros "Clarice e a Andorinha"; "O Mágico do Seridó"; "O Gato Juan" e "A Raposa - Depois daquele adeus", que será lançado em setembro. Poderia comentar?**

**Junior Misaki:** “Clarice e a Andorinha” foi a minha primeira obra, que conta a história de um passarinho que é adotado por duas mães andorinhas, na época ganhou um prêmio estadual pela Lei Aldir Blanc de literatura, na Paraíba. Abriu muitas portas para mim, enquanto escritor de estreia. O Mágico do Seridó foi uma adaptação do clássico “O Mágico de Oz” após uma peça teatral escolar, desenvolvida com meus alunos do Rio Grande do Norte, foi então que eu pensei: “Isso precisa virar um livro!” e foi lindo. “O Gato Juan” já foi em homenagem ao meu filho de pelos que morreu em 2020, que se





chamava Juan, onde na obra tento amenizar mais a dor do luto para as crianças entenderem. E “A Raposa – Depois daquele adeus” é uma homenagem a obra “O Pequeno Príncipe”, pois sempre me instiguei em querer saber o que ocorreu com a raposinha após a partida do príncipe, foi um processo de escrita apaixonante.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**



**Junior Misaki:** Para a escrita considero mais fácil. Sou um cara que consigo ter um bom feeling só em pensar numa temática. Sempre recorro a amigos para dar umas lidas antes e o processo de um revisor, que é o que deixa a nossa pedra mais preciosa. Já as ilustrações considero um processo mais demorado e cuidado, pois este depende só de mim, da pesquisa, produção e arte-finalização. As inspirações sempre vêm na estética dos quadrinhos e animações da TV dos anos 80 e 90, e vez ou outra também

pesco algo do que a garotada está curtindo atualmente. Outra vez, em uma apresentação, uma criança me disse: “você desenha do jeito que a gente gosta de ver”, e isso pra mim bastou todo o processo de criação visual daquela obra que eu estava apresentando.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?**

**Junior Misaki:** “Mimos não compram amor”. Assim me ensinou a Raposinha, depois que ela seguiu a sua jornada após a partida do príncipezinho. Ahhh... são tantos ensinamentos, daria uma revista completa (risos).

**Conexão Literatura: Além de escritor, você também é ilustrador. Conte mais...**

**Junior Misaki:** Eu amo ilustrar. E tenho um certo ciúmes de minhas obras, mais por causa do processo de ilustração. Tenho deixado de me inscrever em editais de editoras justamente porquê a maioria delas focam só na escrita e querem que as obras sejam ilustradas por outros artistas da empresa. Eu não ilustro obras de terceiros e nem quero que façam isso com as minhas obras, pois para mim isso é um processo de imersão que chega a ser espiritual, me envolvo por completo, como sou artista visual há mais de 20 anos, eu me sentiria traído por mim, se o livro não tivesse alguma ilustração minha.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Junior Misaki:** As redes sociais tem sido um portal para propagação do meu trabalho para todo o mundo. Outro dia, participei de uma palestra virtual com estudantes da Patagônia, na Argentina, falando um pouco sobre o meu processo de escrita, onde eles tinham acabado de ler o Clarice e a Andorinha. O Facebook e o Instagram (@jr.misaki) tem me ajudado bastante.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Junior Misaki:** Eu gostaria de ter investido bem antes na minha carreira de escritor/ilustrador, tenho tantas obras engavetadas, mas o receio e falta de assessoria para publicar, mesmo que de modo independente e sem apoio de editoras, me faziam adiar cada vez mais nesse sonho. Para quem está começando agora, pense primeiro na escrita, procure um bom revisor, faça um teste com pessoas que gostam da temática que você está escrevendo e permitam que elas opinem na sua escrita, e depois invista em uma tiragem pequena, entre 200 e 500 unidades e monte um plano de marketing para que seu trabalho não fique encaixotado em seu armário. Divulgar é o segredo do sucesso! Ir de encontro ao seu público.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Junior Misaki:** Tenho projetos literários fechados até 2024. Neste ano foram dois livros impressos e dois audiobooks pela plataforma da “Ubook”. No próximo ano quero começar com um novo livro infantil com uma temática que está bem em destaque, sobre o uso do celular pelas crianças, este já estou em processo de criação das ilustrações. No livro do “O Gato Juan” tive a oportunidade de compor e cantar a canção tema da obra e nesse próximo livro também estarei me arriscando na linguagem musical, pois as crianças adoram.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: O Pequeno Príncipe – Antoine de Saint Exupéry

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: São vários. Mas os musicais me atraem mais.

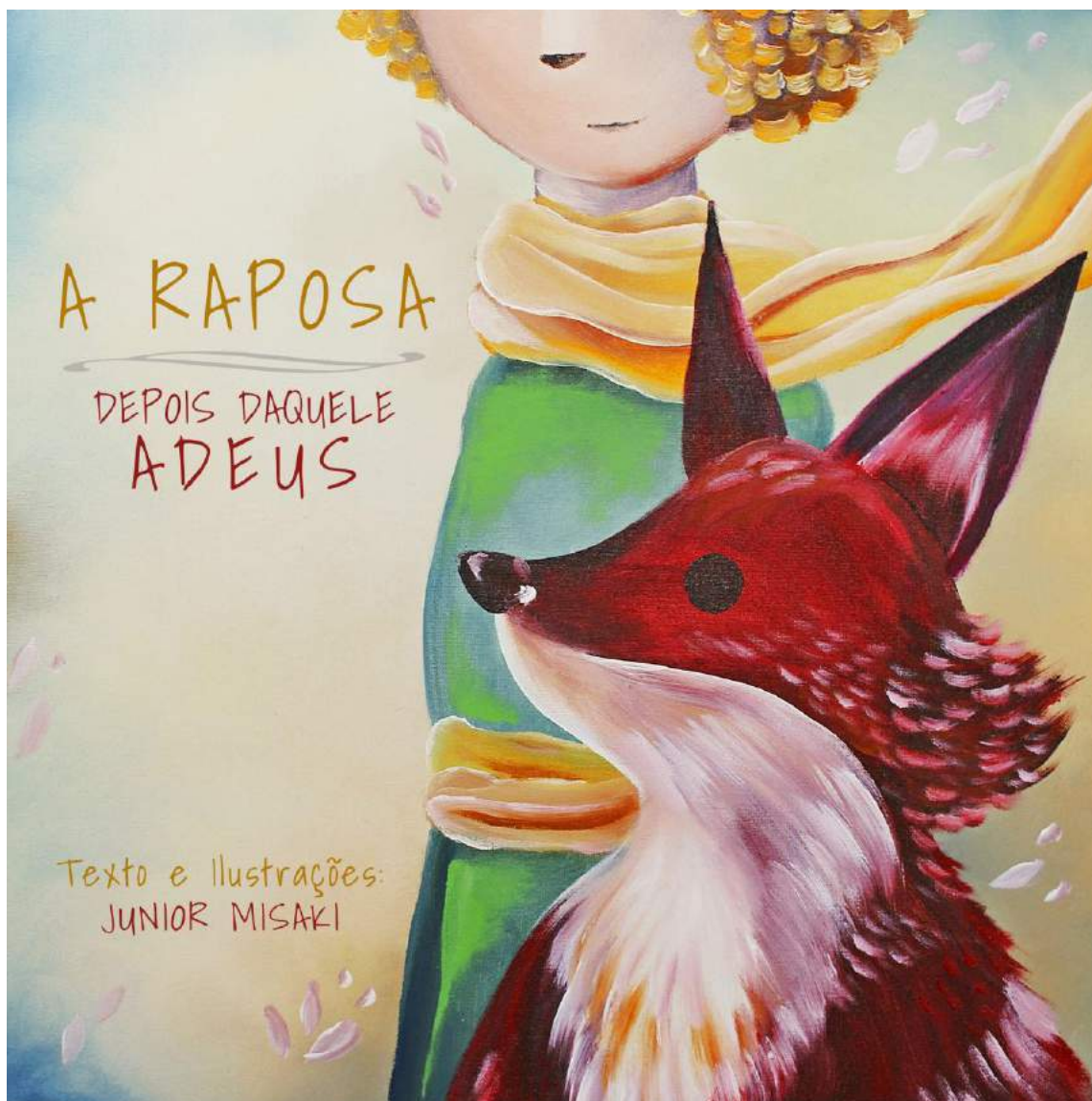


Um hobby: Karaokê / Ler Quadrinhos / Ouvir Vinis.

Um dia especial: Quando abro as caixas que chegam da gráfica com as minhas obras. É uma sensação única.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Junior Misaki:** Dizem que brasileiro não gosta de ler, mas isso não é verdade. Embora o acesso à leitura ainda tem se concentrado bastante em pessoas mais favorecidas economicamente, que chega a ser distante da realidade de boa parte dos brasileiros. Precisamos investir mais em projetos que facilitem a publicação e circulação de livros, principalmente nas escolas públicas, pois é lá onde muitas crianças tem acesso a seu primeiro livro, e não na cama no momento do “boa noite” dos seus pais. Precisamos cobrar isso dos nossos governantes, exigir que leis e fomentos de incentivo a cultura possam existir mais com a abertura de editais para que todos possam ter acesso a literatura nacional. É possível plantar um sonho através da leitura, pois esta ainda é a nossa arma mais poderosa e transformadora.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO - VIII

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)



# ENTREVISTA

COM MAURO KWITKO



**Mauro Kwitko**

Mauro Kwitko nasceu em 17 de novembro de 1947, às 8:20h, em Porto Alegre/RS. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

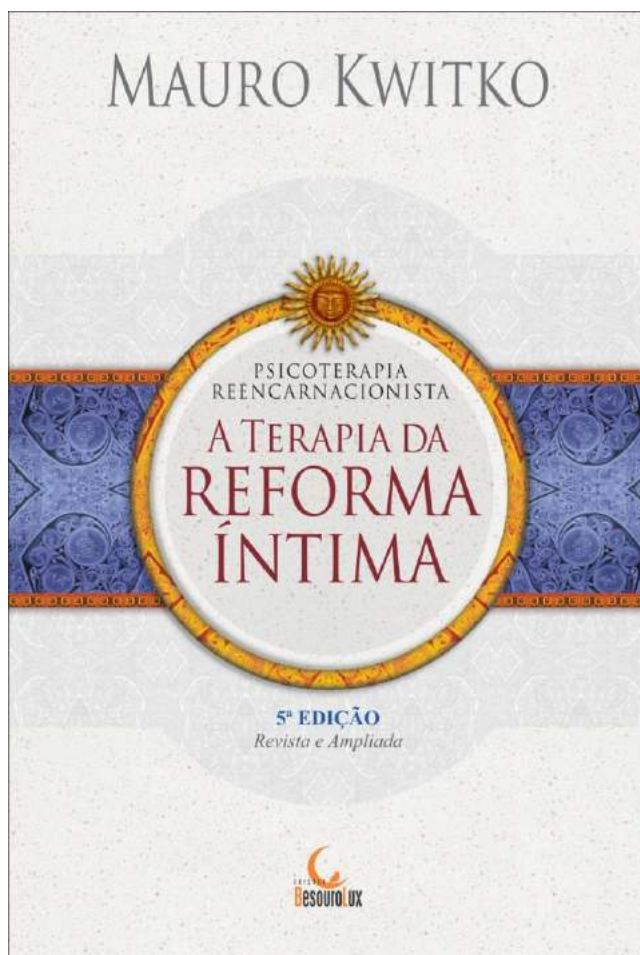
É Fundador e Patrono da Associação Brasileira de Psicoterapia Reencarnacionista. É autor dos livros (Besourobox Edições): "A Fascinante Vida de Mirta Kassov", "Como Aproveitar a Sua Encarnação", "Doutor, Eu Ouço Vozes!", "Jovens Guerreiros e Guerreiras da Luz", "20 Casos de Regressão", "A Terapia da Reforma Íntima", "Como Evoluir Espiritualmente em um Mundo de Drogas", "Terapia de Regressão – perguntas e respostas", "Tratando Fobia, Pânico e Depressão com Terapia de Regressão".

É autor dos livros em e-book (Amazon.com.br): "A Arte de Adoçar os Olhos", "Como matar o pensamento suicida", "Viver para servir", "A Força Espiritual", "Baixa auto-estima", "A Reencarnação de Mirta Kassov", "A história de Betinho, que nasceu ladrão", "A Linha do Horizonte", "Reencarnação - a desigualdade social, o racismo e as guerras".



**Entrevista****Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Mauro Kwitko:** Em minha encarnação anterior eu era um escritor russo e, por isso, nasci com esse dom. Desde criança eu escrevia, durante muitos anos fui letrista de música, de outros compositores e das minhas próprias. Tenho várias pastas no armário da bagunça com poemas, textos, livros inacabados etc., antes de desencarnar, um dia irei abri-las e tentar colocar um pouco de ordem nisso e, quem sabe, transformar em um livro, ou mais, de memórias que se perderam no tempo? Pela metade dessa vida me convenci que eu era escritor e comecei a criar livros, até o momento, 18, em papel e em e-book. Como ainda tenho uns 8.000 dias antes de voltar para Casa, acho que deixarei por aqui uns 23 ou 24 livros.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "A Terapia da Reforma Íntima". Poderia comentar?**

**Mauro Kwitko:** Sim. Este livro é considerado a “Bíblia” da nossa Escola psicoterápica, baseada na Reencarnação. Comecei a formatar a Psicoterapia Reencarnacionista em 1996 e em seguida iniciei este livro. Dos seus capítulos originaram-se os Textos que, até hoje, constituem o Conteúdo Programático do nosso Curso de Formação, claro que com atualizações periódicas. Ao início era apenas eu, atualmente estamos com cerca de 40 Ministrantes de Curso, em 14 estados do Brasil, cerca de 2.000 psicoterapeutas reencarnacionistas formados atuando em cerca de 100 cidades brasileiras, e em franca expansão para todo o Brasil e outros países.

**para concluir seu livro?****Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou**

**Mauro Kwitko:** As “pesquisas” são um acesso direto com os Seres Espirituais do Plano Astral, os criadores da Psicoterapia Reencarnacionista na Terra. Sou apenas um retransmissor dos Ensinos, sob a forma de livros, artigos, palestras, vídeos, Lives, etc.



## **Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Mauro Kwitko:** Sim, duas citações são fundamentais:

1. “Precisamos divulgar no mundo o conceito moralizador da Personalidade Congênita, em processo de melhoria gradativa, espalhando enunciados novos que atravessem a zona de raciocínios falíveis do homem. Faltam às teorias de Sigmund Freud e seus continuadores a noção dos princípios reencarnacionistas.” - Obreiros da Vida Eterna, de André Luiz, editado em 1946, psicografado por Chico Xavier.

2. “Mergulhando na vida corpórea, perde o Espírito, momentaneamente, a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as cobrisse. Todavia, conserva algumas vezes vaga consciência, e lhe podem ser reveladas. Esta revelação, porém, só os Espíritos superiores espontaneamente lhe fazem, com um fim útil, nunca para satisfazer a vã curiosidade.” – O Livro dos Espíritos, questão 399.

Enquanto Obreiros da Vida Eterna anunciava há 50 anos a chegada da Psicoterapia Reencarnacionista, o Livro dos Espíritos anunciava há 150 anos a chegada da Investigação do Inconsciente (“Regressão”).

## **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você, seus outros livros e o seu trabalho?**

**Mauro Kwitko:** Pode acessar o meu site – [www.maurokwitko.com.br](http://www.maurokwitko.com.br) – onde estão muitas informações a meu respeito, da Escola de Psicoterapia Reencarnacionista, todos os meus livros, as turmas do Curso de Formação que ministro no momento em vários estados do Brasil, o Projeto de 60 Vídeos “Reforma Íntima com Mauro Kwitko” (na Hotmart) e o meu amor inicial, a música, atualmente Hinos Espirituais que recebo, sob a forma de Cds (Hinos de Amor, Hinos de Paz e Hinos de Fé), disponíveis no YouTube (canal Mauro Kwitko) com imagens que coloquei através do iMovie.

## **Conexão Literatura: Existem novos Projetos em pauta?**

**Mauro Kwitko:** Sim, estou escrevendo um livro a respeito do Transtorno do Espectro Autista e a Reencarnação, com casos que atendemos, gratuitamente, de crianças e adolescentes em nosso Grupo São Miguel, da nossa Associação, encaminhadas pelos seus pais ou educadores para tratamento. Este trabalho é coordenado por mim com vários psicoterapeutas, ex-alunos meus, em que estamos realizando uma investigação do Inconsciente desses irmãozinhos, buscando entender, através do acesso a suas encarnações passadas, a explicação, a causa, a origem, a finalidade, desta circunstância; e, através dos desligamentos de situações traumáticas do seu passado, a melhoria de alguns sintomas que apresentam hoje. Os resultados têm sido muito promissores.

### Perguntas rápidas:

**Um livro:** Autobiografia de um Yogue

**Um (a) autor (a):** Yogananda

**Um ator ou atriz:** Renato Prieto

**Um filme:** Nosso Lar

**Um dia especial:** Hoje

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Mauro Kwitko:** Desejo que todos nós aprendamos a nos libertar, gradativamente, do comando do nosso ego ainda infanto-juvenil sobre os nossos pensamentos e comecemos realmente a procurar viver em paz, com amor, harmonia e fraternidade, e nos unamos definitivamente para encerrar este trágico ciclo milenar de miséria, fome, violência, disputas, guerras, e que foquemos no principal: acabar com a injustiça pirâmide social.

Somos uma micro-partícula divina, que chamamos de Espírito, imersa em um Todo, que chamamos de Deus, e que, mantendo-se ligada ao Núcleo Central do Universo, veio para este planeta para estudar a ilusão da individualidade, a ilusão da sensação da separatividade, que criou o nosso ego, que vem nos comandando até hoje.

A missão dessa micro-partícula é, com o passar dos séculos, retornar consciencialmente para o Todo, onde na verdade está e sempre esteve, mesmo esquecida disso, mas, para tanto, necessita libertar-se de todas as inferioridades que o nosso ego acumulou ao longo de centenas de milhares de anos aqui neste planeta, libertar-se do seu comando e, assim, recuperar a lembrança de ser esse Todo.

Lembrando o questionamento que um discípulo fez ao seu Mestre: “Qual a melhor maneira de lidar com o outro?”, ao que o Mestre respondeu: “Não existe o outro.”.





# ENTREVISTA

COM ROBERTO LEON PONCZEK



## Roberto Leon Ponczek

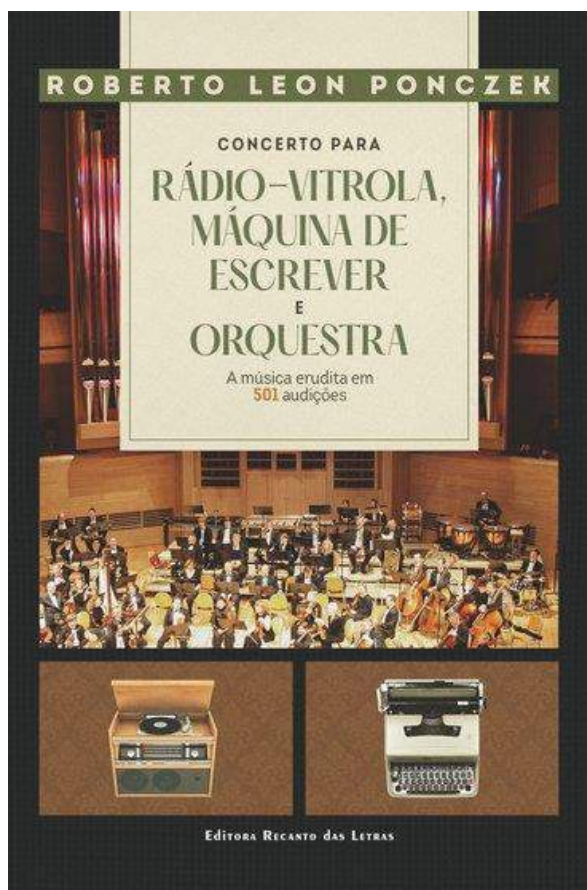
Roberto Leon Ponczek é professor concursado pela UFRJ e Professor Permanente no Doutorado em Difusão do Conhecimento da UFBA, onde orienta vários alunos. Foi Professor Visitante da Purdue University, Indiana, EUA e da Hebrew University de Jerusalém, Israel. É autor de vários livros de História, Filosofia e de Crônicas, sendo descendente de uma família de músicos: bisneto do compositor polonês Moritz (Maurice) Moszkowski e sobrinho neto da cravista polonesa Wanda Landowska. Fez o curso de Composição e Regência na Escola de Música da UFBA, sendo articulista do jornal A Tarde, de 1987 a 1998, onde publicou cerca de quinhentos artigos sobre música erudita e jazz, além de críticas a concertos e shows musicais, na coluna Música Erudita do jornal A TARDE.



**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Roberto Ponczek:** Depois de minha aposentadoria como professor de Filosofia da Física da UFRJ e da UFBA, resolvi que iria tentar ser um escritor. Depois dessa decisão editei três livros: *Da Babilônia ao Brasil, o improvável milagre da existência*, uma autobiografia narrando a milagrosa sobrevivência de meus pais durante os anos do genocídio dos judeus cometido pelos nazistas; *Conversando com Estátuas e outras histórias*, um livro de paradoxos cabalísticos e de minhas andanças pelo Rio, "conversando" com as estátuas da cidade. Finalmente, o livro *Concerto para Rádio Vitrola, máquina de escrever e orquestra: a música erudita em 501 audições*, que ora pretendo lançar e divulgar.



**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Concerto para Rádio Vitrola, máquina de escrever e orquestra: a música erudita em 501 audições". Poderia comentar?**

**Roberto Ponczek:** Esse livro resulta de um trabalho de cerca de doze anos como crítico musical do jornal A TARDE, quando publiquei cerca de quinhentos artigos e resenhas sobre concertos e CDs de música erudita e jazz. Resolvi transformar os artigos isolados num livro, atualizando as audições que, originalmente, eram de concertos ao vivo, LPs e CDs que saíram de catálogo, e agora, nessa nova edição, são de vídeos do You Tube acessíveis por um clique em links, que estarão disponibilizados no blog oficial do livro, contendo uma lista de 501 links que se relacionam ao texto principal.

**concluir seu livro?**

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para**

**Roberto Ponczek:** Foram doze anos de pesquisas para escrever os artigos no jornal e cerca de dois anos de pesquisa para selecionar quinhentos e um links mais representativos das obras dos compositores e intérpretes abordados no livro.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**



**Roberto Ponczek:** "O que Roberto Ponczek nos oferece tão claramente neste livro é um mapa do contexto pessoal, político e histórico que contribui para desenvolver compreensão e prazer pela música, mesmo reconhecendo que palavras sempre serão insuficientes para traduzir totalmente a experiência musical. Os artigos reunidos neste lindo livro reforçam e alimentam a descoberta desse maravilhoso mundo que é a Música. E é com alegria que recomendo sua leitura."

Jean Louis Steuerman (trecho do prefácio escrito por este pianista mundialmente conhecido)

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Roberto Ponczek:** Para maiores informações sobre o livro , o leitor poderá consultar o blog oficial do livro ou caso queira adquirí-lo, poderá se comunicar diretamente com o autor no zap/cel: 21 96846-8858 ou email: roberto.ponczek@gmail.com que o enviará autografado para o leitor. Sobre o trabalho literário do autor, o leitor poderá consultar o link:

[https://www.recantodasletras.com.br/autor\\_textos.php?id=218358](https://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?id=218358)

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Roberto Ponczek:** Sim, estou concluindo dois novos livros: um livro de contos, *O bêbado e o Rabino e outras histórias* e um romance *Em busca da brasilidade*. Pretendo também escrever mais um livro de música, desta feita sobre o jazz.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Crime e Castigo

Um (a) autor (a): Dostoiévsky

Um ator ou atriz: Bibi Ferreira

Um filme: Pequena loja da rua principal

Um dia especial: 2 de setembro de 1945 ( fim da segunda guerra mundial)

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Roberto Ponczek:** Tenho convicção que o leitor, seja um estudante de música ou seja ele um apreciador da boa música, aprofundará bastante seus conhecimentos musicais lendo o livro *Concerto para Rádio Vitrola, máquina de escrever e orquestra*, e terá imenso prazer de ouvir/assistir, sem nenhum custo, 501 vídeos de memoráveis concertos, sinfonias, sonatas, óperas e entrevistas dos maiores músicos da história.

# ENTREVISTA

COM WILLIAM PARDO



**William Pardo**

William Pardo, 37 anos, casado, nascido na cidade de Franca-SP, interior paulista, se formou na Faculdade Claretiana de ensino de Batatais-SP em Educação Física. Trabalha atualmente na rede de ensino do estado de São Paulo. Amante de livros de filosofia e poesia.

Publicou sua primeira obra "Crônicas da Rua de Sardas" pelo grupo editorial Caravana, livro esse onde foi apresentadas crônicas e prosas sobre o cotidiano e suas nuances.

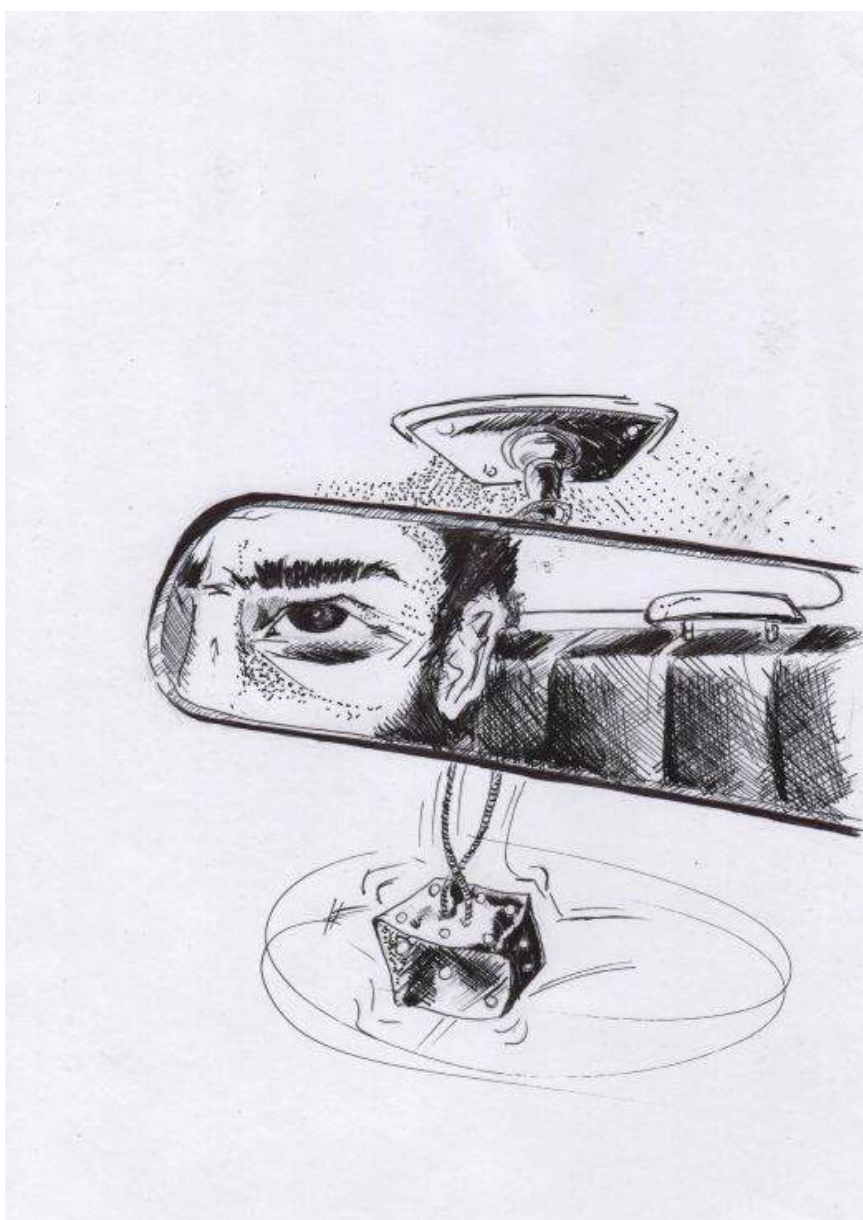


## Entrevista

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**William Pardo:** Comecei com livros de poesia, e apesar de distantes expoentes os dois primeiros autores que tive contato foram Augusto dos Anjos e Olavo Bilac.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "Pedro Jorge". Poderia comentar?



**William Pardo:** O livro é uma síntese do que imagino como a composição da alma, uma tentativa ao acesso a ela, através da exposição das humanidades

**Conexão Literatura:** Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

**William Pardo:** Toda vida. Em relação a escrita, demorou apenas nove meses para colocar sobre a tela, mas em relação a pesquisa e história, levaram um vida inteira.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

**William Pardo:** O capítulo Infância, por revisitar questões e sentimentos que ainda se encontram latentes no personagem, mas sobre

uma nova perspectiva.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**William Pardo:** O livro Pedro Jorge está disponível na Amazon em formato digital e para conhecer um pouco mais sobre minha escrita, basta acessar meu perfil de Instagram: @william\_cronicas.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**William Pardo:** Sim, estou terminando um ensaio sobre a adolescência, período nebuloso para alguns, inclusive para mim.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Livro do Desassossego.

Um cordelista: Patativa.

Um (a) autor (a): Clarice Lispector.

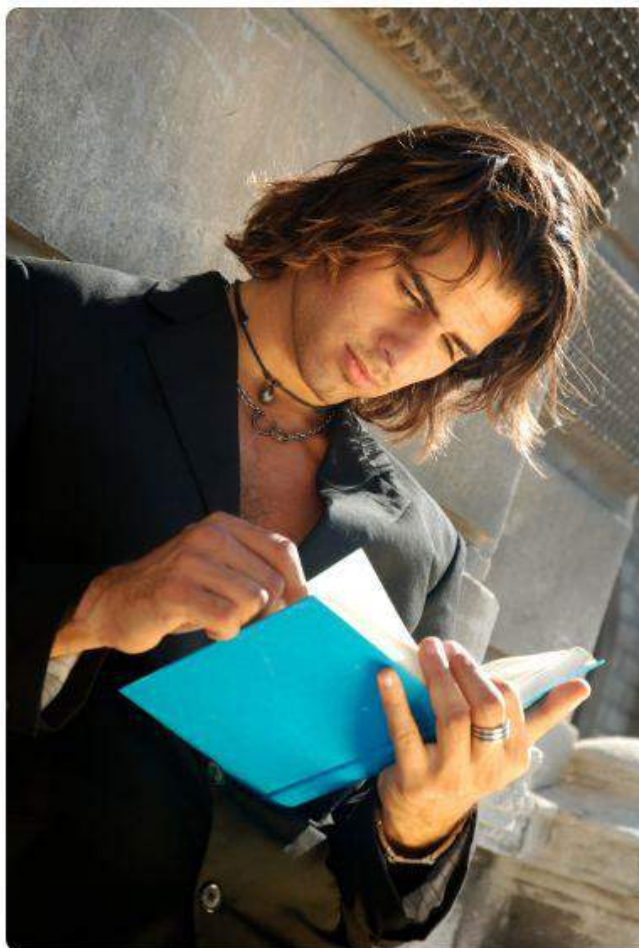
Um ator ou atriz: Selton Melo.

Um filme: Coração Valente.

Um dia especial: Amanhã.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**William Pardo:** Espero que os curiosos leitores de Pedro Jorge consigam se identificar com as humanidades do personagem, desejo a todos leitores ou não uma ótima vida.





# ENTREVISTA

COM DANIELA SIMONE TEREHOFF  
MERINO E CLÁUDIA ANDRÉIA  
TEREHOFF MERINO



## Cláudia Andréia Terehoff Merino e Daniela Simone Terehoff Merino

Daniela S. Terehoff Merino (@daniterehoff) é doutora em Letras pela USP, tendo sido bolsista FAPESP orientada por Elena Vássina tanto no mestrado quanto no doutorado. Desde 2011 suas dramaturgias são encenadas em mostras teatrais da cidade de Ribeirão Pires. GANHOU 3 menções honrosas em concursos e publica seus contos, crônicas e poemas no próprio blog, no instagram e antologias de diversas editoras. Tem vários trabalhos em parceria com a ilustradora Cláudia (@caucauilustra). É autora de "Sulerjítiski: mestre de teatro, mestre de vida" (Perspectiva, 2019), de "O sabiá carnívoro" (Dialética, 2022) e agora também de "Brilha brilha Adelina", que está para ser lançada na 1ª FLIRP este mês.



## Entrevista

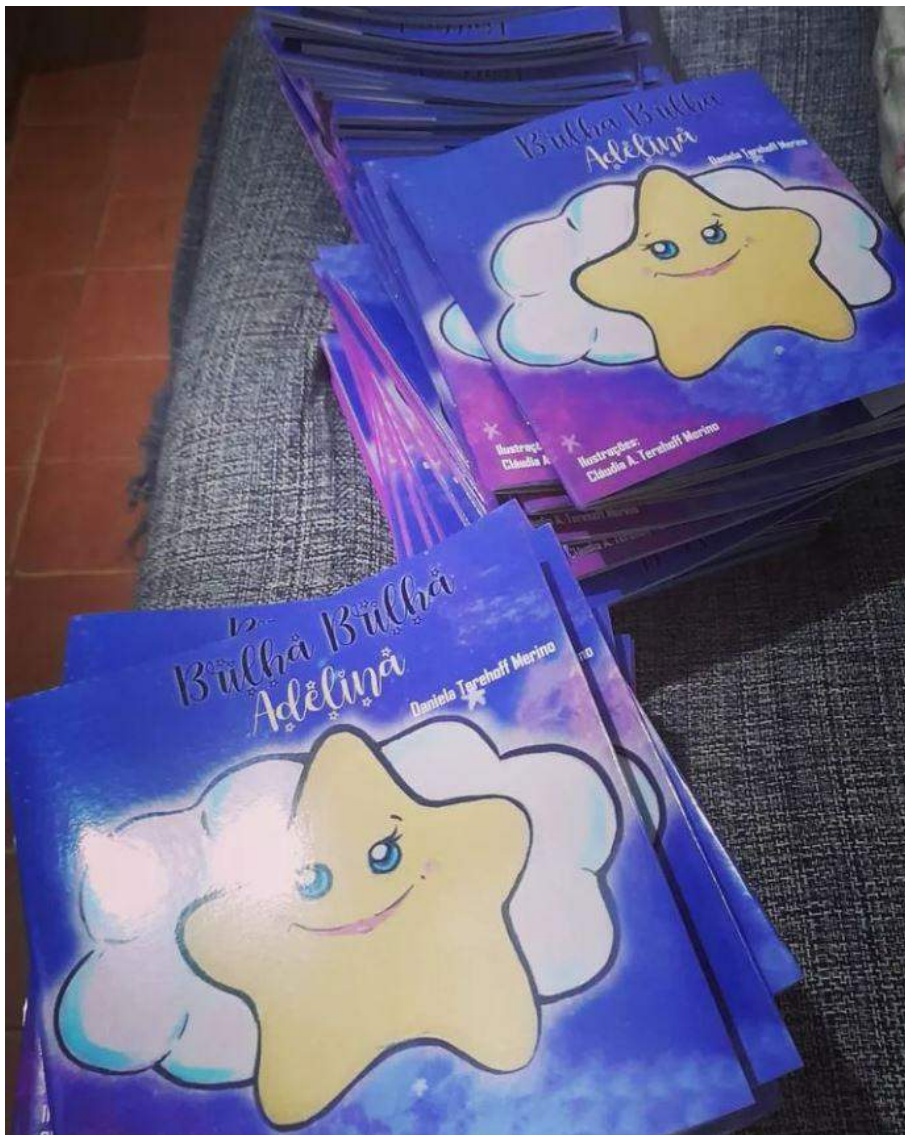
---

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como e quando surgiu essa sua grande paixão pela escrita?

**Daniela Simone Terehoff Merino:** Em abril deste ano, ao falar nesta mesma revista sobre a obra “O sabiá carnívoro” — que havia sido lançada há pouco, em fevereiro —, tive a felicidade de poder contar aos nossos leitores um pouco sobre a minha infância e a forma como a paixão pela escrita foi tomando conta de mim. Como eu disse na ocasião, desde que me entendo por gente, repetia: “Quero ser escritora” cada vez que me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse. Influenciada por meus pais, lia contos de fadas e fábulas, escrevia muito em caderninhos (principalmente poemas com rimas) e adorava brincar de criar e contar histórias para a minha irmã mais nova, Cláudia (hoje ilustradora), sobretudo com bichinhos de pelúcia e outros bonecos. Nós brincávamos de criar histórias todas as noites, sem falta! Bem, uma vez que essa história de como nasceu a paixão pela escrita já ficou mais detalhadamente registrada na revista de abril, gostaria de pedir licença para contar, em poucas palavras, a narrativa de como *renasceu* essa paixão depois de sua quase extinção, pois pode não parecer, mas em determinado momento da vida o gosto pela escrita foi perdendo muito espaço para outras atividades menos prazerosas ou mais urgentes e eu precisei buscar meios, aos poucos, de reacender a paixão que vinha desaparecendo. Para ficar mais compreensível do que estou falando, é preciso mencionar o fato de que entrei na faculdade de Letras em 2008 por ver nisso uma forma de estar próxima da literatura e da escrita e, conseqüentemente, de realizar um sonho antigo. Mas, com o passar dos anos, algo inexplicável foi acontecendo e eu já não escrevia mais por prazer — todo o contato com a escrita era destinado apenas à escrita de trabalhos acadêmicos, análises de textos de escritores consagrados, etc. Não está muito claro para mim o que acontece nesse momento, mas uma coisa é fato: muitas pessoas entram em uma faculdade de Letras dizendo “Quero ser escritor/a” e, com o tempo, vão deixando esse sonho para trás. Por quê? Talvez a gente não veja muitos meios de ser um autor publicado depois que entra na faculdade; talvez seja apenas medo de arriscar, ou, quem sabe, seja falta de conhecimento para compreendermos como chegar lá; quem sabe tenha a ver também com a falta de uma grade com matérias destinadas à prática exclusiva da escrita criativa, ou, talvez, seja apenas consequência da vida mesmo, que vai levando a gente por caminhos tortuosos e que nos desconectam da nossa própria essência. Seja lá como for, na faculdade eu não praticava a minha criatividade literária, e o reencontro com a escrita criativa, para a minha surpresa, deu-se apenas através do teatro. Foi escrevendo peças — a convite de amigos, atores e diretores — para serem apresentadas por alunos das oficinas de Ribeirão Pires que eu realmente comecei a me sentir um pouco escritora. Mas as peças eram apresentadas e desapareciam: além das fotos da lembrança e, vez por outra de uma gravação, não restava nada. E então, a sensação era de ser impossível virar uma autora publicada. Não que isso fosse o mais importante! De maneira alguma. Mas o fato é que eu continuava a sonhar (cada vez menos) em, algum dia, quem sabe, ter livros circulando por aí e poder imaginar que alguém, em algum lugar do vasto mundo, está se conectando comigo através de um livro. Eu não tinha amigos com textos publicados, não



sabia como proceder e, verdade seja dita, nem ia atrás de saber como publicar um livro literário — infelizmente, às vezes apenas sonhamos, mas não nos movemos muito do lugar para realizar nosso sonho. Voltando ao teatro, entre 2011 e 2019 escrevi 11 dramaturgias, quase todas encenadas por alunos da cidade. E isso me deixava imensamente feliz e grata, pois era praticamente o único contato que eu tinha com a escrita criativa. Mas eis que em 2020 veio a pandemia e a pequena chama foi se extinguindo de vez. Além de eu ficar afastada das matérias que seriam presenciais no



doutorado, ainda me encontrei sem o teatro e a chance de escrever algo para ser encenado no fim do ano. Ou seja, eu não tinha mais nenhuma meta com a escrita, nada em que me agarrar. Passei então a escrever apenas por distração ou necessidade. Era algo intenso e eu escrevia principalmente com base em notícias que via na TV. No entanto, todas as poucas vezes que tinha acesso a saber sobre concursos literários e inscrevia algum texto, não ganhava nada. E quando mostrava minhas narrativas a conhecidos, não surtiam muito efeito — na maior parte das vezes, havia apenas críticas vagas. Estava realmente começando a pensar: “Será que eu não

devia desistir de tudo isso e mudar de vida? Será que eu tenho mesmo jeito para isso ou era tudo ilusão? Com que fim eu escrevo, afinal?” quando três acontecimentos principais mudaram o rumo da história: 1) comecei a fazer cursos online, entre os quais o de bioescritas, no qual tive contato com gente que realmente amava escrever e voltei a me empolgar; 2) a minha amiga Irene Godoy leu textos que eu havia inscrito em concursos e com os quais eu não ganhara nada e finalmente me deu dicas certeiras sobre o ritmo e a forma de construir as frases — isso me ajudou a entender *como* eu podia melhorar; e, 3) para terminar, conheci através da amiga Priscila Marques um site chamado Seleções literárias. Ali eu encontrei milhares de editais e entendi que não era tão impossível assim

publicar. Mandei um texto para a editora Ao Vento Editorial em janeiro de 2021, fui aceita com um “Nossa equipe amou o seu texto!” e de lá para cá, resolvi investir de vez nesse sonho e vim publicando em diversas antologias de diferentes editoras. Também foi aí que eu conheci a revista Conexão Literatura, na qual publiquei contos e crônicas mais de uma vez.

**Conexão Literatura:** Você é autora do novo livro "Brilha Brilha Adelina". Poderia comentar?

**Daniela Simone Terehoff Merino:** O livro “Brilha Brilha Adelina” surgiu especificamente durante a pandemia e foi totalmente influenciado por tudo o que eu via e ouvia durante o ano de 2020, sobretudo nos noticiários. Eu andava ouvindo muito sobre o sofrimento das crianças e pré-adolescentes e também sobre como seria difícil para eles reaverem uma vida normal após tanta tristeza e tensão. Ao mesmo tempo, havia, volta e meia, reportagens falando sobre a necessidade de fazermos algo para mantermos a esperança dentro das crianças apesar de tudo o que se passava. No próprio ano de 2020, com tudo isso na cabeça e a vontade de participar do concurso Giostrinho (a proposta era falar sobre o tema da pandemia em um livro infantil), comecei a ter ideias. Comecei a imaginar como o mundo estaria sendo visto pelas estrelas naquele momento e acordei certa manhã com uma frase na cabeça: “Brilhava no céu, pequenina, uma estrela chamada Adelina.” Pronto! Eu tinha um ponto de partida que, aliás, virou mesmo a primeira frase do livro. Consegui terminar o texto a tempo, mas não ganhei o concurso Giostrinho. Quando a minha amiga Irene leu o texto pela primeira vez e deu algumas dicas de ouro, resolvi mexer nele e tentar a participação em outro concurso. Arrumei o texto, adaptei-o, e inscrevi-o, desta vez com algumas ilustrações feitas por minha irmã. Também não ganhamos nada. Porém, eu gostava da minha história e não queria desistir dela. Tanto é que voltei a mexer no texto, trabalhando nele tanto quanto pude. Em 2021, ao saber sobre o Primeiro Prêmio Travassos de literatura por um grande acaso — afinal, eu soube no último dia das inscrições! — acabei enviando o livro. Por que não enviaria, se já estava praticamente pronto? E, desta vez, deu certo! Ganhamos o segundo lugar e, com isso, a publicação, feita pela Editora Travassos com muito capricho.

**Conexão Literatura:** Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

**Daniela Simone Terehoff Merino:** Levei menos de um ano escrevendo e, como comentei acima, minhas principais fontes de pesquisa foram, sem dúvida, os noticiários. No entanto, é preciso mencionar outros detalhes. Primeiro: fiz pesquisas e cursos mais focados no universo infantil e descobri alguns pontos importantes como, por exemplo, colocar situações bem próprias da vida de uma criança dentro da vida do protagonista a fim de criar identificação. Foi aí que me vieram ideias como a de fazer a estrelinha estar em uma sala de aula. Foi o mesmo quando comecei a pensar: o que será que as crianças estão sentindo em suas casas, presas o dia todo? E aquelas que passam por dificuldades, por exemplo, no caso de os pais terem perdido o emprego durante a pandemia? E as que



gostam de desenhar ou estudar, e não conseguem fazer isso em casa por falta de materiais? E as que estão passando fome? Se uma estrela visse tudo isso, se importaria? Outro ponto importante: decidi que em momento algum do livro eu mencionaria a palavra “pandemia”. Eu não queria que o livro ficasse restrito a isso; gostaria que ele trabalhasse outros aspectos, e não que fosse algo feito para as crianças se lembrarem do período com todas as letras. Também foi importante eu ter procurado estabelecer relações diretas com a música “Brilha Brilha estrelinha”. Assim como foi fundamental ouvir o escritor Pedro Bandeira no evento online Conaler, em 2020, dizendo que um escritor ama o seu leitor e precisa dar esperança a ele. Precisa mostrar que apesar dos erros cometidos e dificuldades da vida, ele ainda tem chance de ser feliz. E por fim, não poderia deixar de dizer que, como sempre, minha irmã e eu trabalhamos em conjunto. Ela ia fazendo desenhos que influenciavam o meu trabalho diretamente, tal como em “O sabiá carnívoro”.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

**Daniela Simone Terehoff Merino:**

Foi então que o sinal bateu e todas as trinta estrelinhas ali presentes voaram felizes para a saída. Como era bom ir embora! Iupi! Viva!

Apenas Adelina seguiu seu caminho para casa de outro jeito, cabisbaixa e pensativa. Afinal, ela também tinha, como todas as outras estrelas, o sonho de ganhar o *Concurso anual* e virar uma estrela cadente. Ah! Que maravilha! Um sonho para lá de estelar! Mesmo assim, não conseguia concordar com tudo o que a professora havia dito. Seriam todos tão maus assim lá na Terra? Impossível acreditar! Se ela ao menos pudesse ter certeza... “Ah! Já sei!”, pensou Adelina, tendo subitamente uma grande ideia: “Eu vou lá dar uma olhadinha por mim mesma e se eles forem mesmo muito ruins, fujo num piscar de olhos, mais rápido do que um cometa! Agora, se forem bons, eu vou consolar todos eles, abraçar e ainda por cima ter a prova de que a professora estava errada enquanto a minha mãe estava certa.”

Mal teve essa ideia, olhou para os lados, tomou fôlego e... *Zás!* Voou para a Terra. E seu voo foi tão rápido, mas tão rápido, que Adelina nem conseguiu escolher onde cairia e acabou parando perto de uma casa minúscula onde um menino chorava no parapeito da janela.

A princípio Adelina quis se esconder desse menino e foi para trás de uma grande árvore, pois teve medo de a professora ter razão e o menino querer fazer-lhe algum mal. Acontece que o brilho de Adelina era muito forte e o menino logo a enxergou apesar de toda a escuridão. Em seguida, parou de chorar e, percebendo tratar-se de um rosto amigo, sorriu para a estrelinha.

**Conexão Literatura:** Você é irmã da Daniela e também trabalha em seus livros com suas lindas ilustrações. Conte como isso funciona; você lê o texto da Daniela para criar as ilustrações ou vocês debatem sobre isso para entrarem num acordo?

**láudia Andréia Terehoff Merino:** Primeiro leio as histórias dela. Vejo as cenas que são mais importantes e então conversamos para ver o que ela gostaria que fosse desenhado.

**Conexão Literatura:** Fale mais sobre as ilustrações que você desenvolveu para esse novo livro da Daniela.

**Cláudia Andréia Terehoff Merino:** As ilustrações para o “Brilha Brilha Adelina” foram feitas para agradar o público infantil. Então as fiz com formas mais arredondadas, que mostram um pouco mais de suavidade, e cores mais alegres.

**Conexão Literatura:** Como os leitores poderão saber mais sobre você e suas ilustrações? É possível contratá-la para o trabalho de ilustração?

**Cláudia Andréia Terehoff Merino:** Os leitores poderão me acompanhar por meu instagram @caucauilustra. E sim: basta entrar em contato comigo que eu posso passar um orçamento.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o novo livro?

**Daniela Simone Terehoff Merino:** O lançamento do livro será realizado no dia 24 de setembro, às 15h, durante a 1ª FLIRP (Feira Literária de Ribeirão Pires). Esta feira será um marco na história de nossa cidade e contará com uma belíssima programação em seus dois dias de evento (dias 24 e 25), na qual estarão presentes vários escritores e artistas do ramo, inclusive os de nossa cidade. Ali, terei exemplares para vender. Mas, caso prefira, basta entrar em contato comigo pelas redes sociais (@daniterehoff), que eu envio pelo correio para qualquer lugar do Brasil, ou, ainda, é possível adquirir o livro através do site da editora Travassos e de seus outros canais de venda.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Daniela Simone Terehoff Merino:** Certamente! E são tantos que eu não conseguiria mencioná-los todos. Então vou mencionar apenas o próximo, que já está sendo preparado, no forno: um livro infantil com uma história de natal em formato poético.

**Cláudia Andréia Terehoff Merino:** Sim, tenho alguns projetos com a Dani. Pretendemos fazer o livro de natal até o fim deste ano. Também tenho projetos individuais de ilustração, e de criação de ilustração.

### **Perguntas rápidas para Daniela:**

**Um livro:** Momo e o senhor do tempo

**Um (a) autor (a):** Anton Tchéchov



**Um ator ou atriz:** Audrey Tautou

**Um filme:** A invenção de Hugo Cabret

**Um dia especial:** O dia em que apresentaram a minha primeira dramaturgia, “Conto de amor e morte”, com direção de Romário Oliveira e Dida Genofre.

### **Perguntas rápidas para Cláudia:**

**Um livro:** História sem fim

**Um (a) autor (a):** Edgar Allan Poe

**Um ator ou atriz:** Keanu Reeves

**Um filme:** O castelo animado

**Um dia especial:** Difícil escolher um só, então escolho os dias que passo com a minha família.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Daniela Simone Terehoff Merino:** A criação literária é um processo intenso, de muito trabalho, esforço, dedicação, leitura, releitura, mudança até encontrar a melhor frase, tentativa e erro, enfim, um processo infinito! Mas se você, por acaso, sentiu o chamado artístico, não deixe que ele escape ou desapareça e siga em frente, apesar das dificuldades. Eu tive duas negativas antes de ganhar o segundo lugar no Primeiro Prêmio Travassos e poder realizar o sonho de ver “Brilha Brilha Adelina” enfim publicada. É assim a vida. “O fracasso”, já dizia Henry Ford, “é apenas uma oportunidade para começar de novo de maneira mais inteligente”.



Ilustração do livro “Brilha Brilha Adelina”, por Cláudia Andréia Terehoff Merino

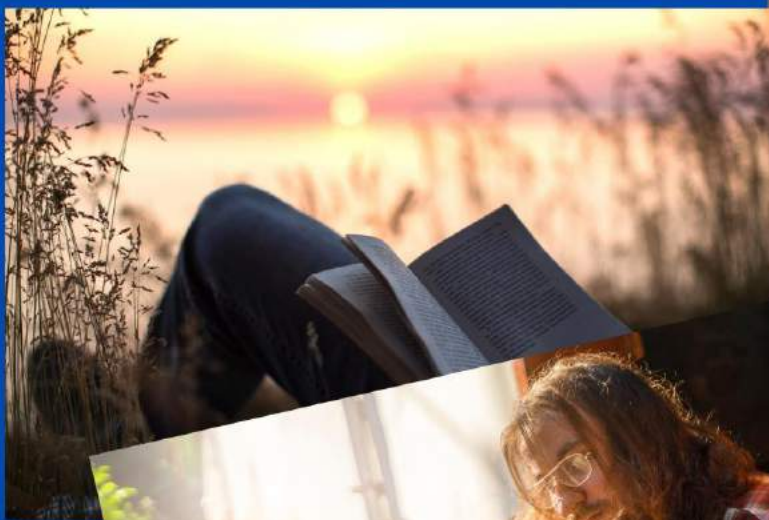
*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

**APOIA.se**



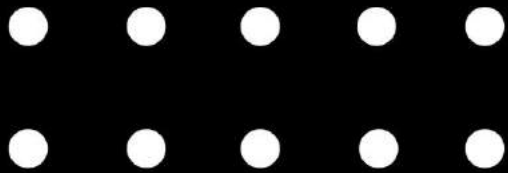
**Agradecimentos aos apoiadores:**

Roberto Schima - Mayanna Velame - Sandra Boveto  
Ana Beatriz Silva Carvalho - José Luís Farias Pereira -  
Flavio Henrique Marques Ferreira Lima

**você também pode apoiar, acesse:**

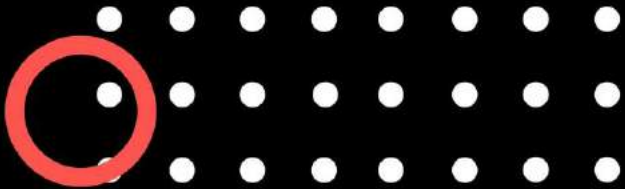
<https://apoia.se/conexaoliteratura>





# CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na  
Revista Conexão Literatura



# **COCO CHANEL**

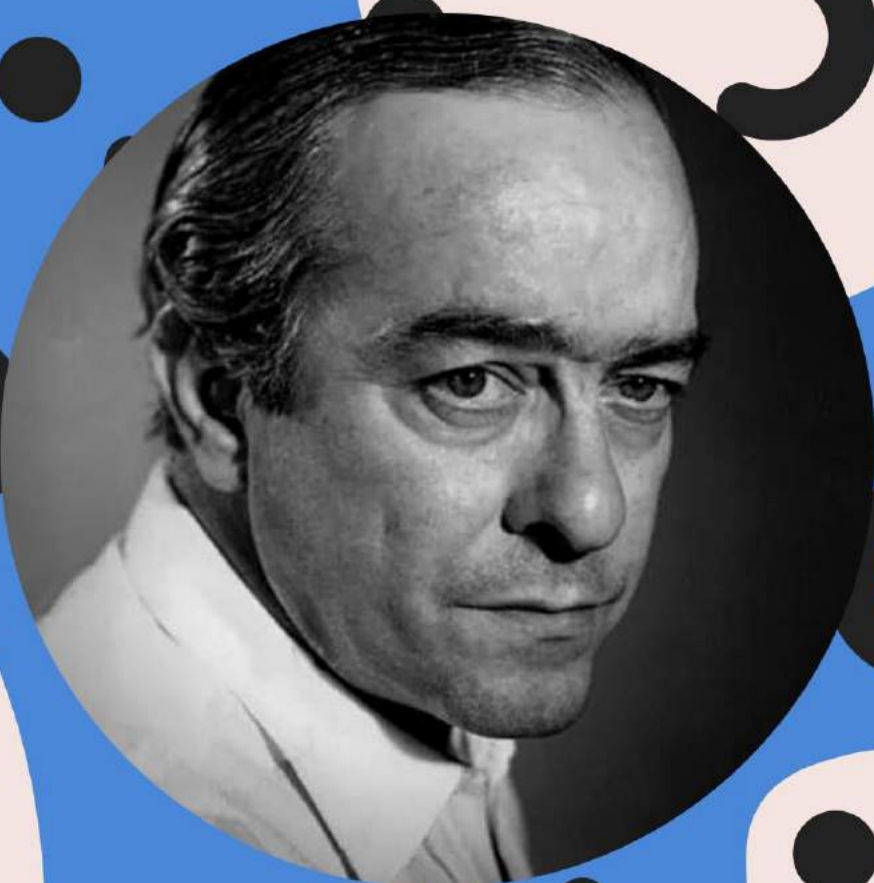
A moda sai de moda, o  
estilo jamais.





# VINICIUS DE MORAES

A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.





## **ADELE FABER**

A atitude por trás de suas  
palavras é tão importante  
quanto as próprias  
palavras.





# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

Acesse o nosso site e redes sociais e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

 @conexaoliteratura

 @revistaconexaoliteratura



[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

incentivo à leitura



## *As asas da imaginação*

**CONTO**

"As fronteiras da mente tropeçam na realidade...  
A liberdade é fruto da imaginação, porque  
sempre existirá a regra, uma linha imposta de  
comportamento. O raciocínio está encarcerado  
nos limites da cultura..."

**IDICAMPOS**



**Conto**

---

**A**s fronteiras da mente tropeçam na realidade... A liberdade é fruto da imaginação, porque sempre existirá a regra, uma linha imposta de comportamento. O raciocínio está encarcerado nos limites da cultura...

Voar, subir, não ter pra onde ir, nem resistir, sair pra se divertir, chutar o balde; existir e ter a coragem de desistir... A vida acontece diferente no peito de cada um...

O coração de todos bate dentro de Ítalo, veste a dor do outro, entende as limitações da existência, compreende-se parte de um quebra cabeça, a ser montado por múltiplas cabeças.

O contexto deságua no anti-herói, o propagador da revolução dos costumes, apoiado na liberdade de expressão; cuja ideia reside numa sociedade alternativa, sem classes, nem autoridade constituída.

Ítalo, cercado de bons exemplos, aprendeu a falar com a mãe, andar feito o pai, estudar tipo o tio, ser carinhoso como os poetas... Ainda pequenino descobriu que não se transforma a sociedade sem lapidar o homem.

Um anarquista, convicto, vivia no morro Beira Mar, em Duque de Caxias, onde compôs o viés auto gestorário... Iniciando a consciência política no colégio, questionando tudo, até o uso obrigatório do uniforme escolar.

Achava a gíria uma evolução da língua, não se submetia à autoridade nenhuma; enxergava a história pelo lado do oprimido. Na escola reclamava do roubo da merenda, dos desvios das verbas na educação, da qualidade do ensino, etc.

Repudiou a retirada de filosofia do currículo do ensino médio, criou um reboiço, organizou uma greve, fomentou passeata, fechou a Avenida Presidente Kennedy, principal via de Caxias.

A repressão, truculenta, jogou bomba de efeito moral, expirou spray de pimenta, arremessou balas de borracha, sentou o cassetete na juventude; dispersou a multidão e filosofia virou caso de polícia!

Interpelou a aprovação automática, expediente da Secretária Municipal de Educação, visando à contenção de verbas, evitando o investimento na formação integral do educando.

Ítalo, com os colegas, distribuiu panfletos denunciando a militarização do ensino; opondo-se à castração do potencial crítico, uma política moralista alheia a liberdade de expressão, à pedagogia do oprimido.

Liderou um movimento para evitar a privatização do ensino, o retorno das bolsas de estudo, uma prática comum na época da ditadura militar, que defendia o monopólio

privado de ensino. Alimentando o clientelismo, as cartinhas dos políticos, o toma lá dá cá do dinheiro público.

Encabeçou um levante junto aos estudantes de Duque de Caxias, negando o primeiro ministro da educação que não falava português; flagrando o segundo ministro escrevendo errado; resistindo ao terceiro, era um falsificador de diploma. Como se não bastasse, o penúltimo era ladrão. O último até Deus duvida, provavelmente, um ignorante.

O MEC recusou disponibilizar internet para os alunos estudarem, em protesto tirou a roupa, mostrou as vergonhas, desfilou nu no Calçadão de Caxias... Não deu outra, baixou delegacia, indo a julgamento por atentado ao pudor! O juiz condenou o revolucionário à prisão domiciliar.

Ítalo privado da liberdade de ir e vir, trancafiado no lar, num verdadeiro labirinto, pirou na batatinha... Solicitou aos comparsas penas de urubu rei, mais visgo de jaca; colou nos braços, tornou-se um pássaro... Subiu no telhado, escancarou as asas, pelado, saiu voando...

Na altura dos acontecimentos, já próximo do Sol, o visgo derreteu. Ítalo, desgovernado, despencou das nuvens, caiu de cabeça na baía de Guanabara. Vindo a órbita com um cagalhão na boca, vitimado pela poluição do mar.



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



CONTOS FANTÁSTICOS

# UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E  
IMPRESSO

saiba mais: clique aqui

incentivo à leitura



## O pródigo e a sogra



### CONTO

"Saiu da loja com uma sacola de segredos. Só à noite, depois da novela, mostraria as compras para a família. Esperava que ficassem surpresos e contentes."

**IRACI MARIN**



## Conto

Saiu da loja com uma sacola de segredos. Só à noite, depois da novela, mostraria as compras para a família. Esperava que ficassem surpresos e contentes. Eram meias para o filho, bibelôs de porcelana para a casa e linhas de crochê para a sogra, sempre sentada numa poltrona antiga — dizia que era herança da avó. A mulher não se conteve:

— De novo, Arnaldo?

— Entrei no *shopping* e vi que estava tudo em promoção. Comprei.

— Tudo isto estava em promoção? Não acredito...

— Bem, só os bibelôs. São pra ti.

— Mas já tem bastante em casa, não precisava comprar mais.

— Não faz mal, Nastácia, você troca de vez em quando, nossa casa vai ter sempre alguma novidade.

Nastácia suspirou, foi tomar um copo de água na cozinha. A sogra olhou para ele e comentou:

— Eu precisava de linha *bianca*, você trouxe *rossa*.

— Ah, desculpe. Amanhã eu faço a troca.

Fez pausa e emendou:

— Amanhã não posso, mas num outro dia eu faço.

— *Va bene*. Não precisa se incomodar.

No dia seguinte, a doméstica fez seu trabalho costumeiro, admirou-se dos novos bibelôs, nunca tinha visto coisas tão bonitas.

— Escolhe um pra ti.

— Vai me dar um presente, dona Nastácia?

— Isto.

No fim do dia, escolheu uma escultura feminina; tinha cabelos cacheados, o vestido era largo da cintura para baixo, com babados em todo ele, braços abertos em pose de dança.

— É muito bonitinha, uma graça. Posso levar este?

— Pode, sim.

— Minha filha vai gostar. Sabe, ela quer ser bailarina.

As duas sorriram felizes.

No mercado, alguns dias depois:

— Arnaldo, nós temos detergente em casa, não precisa levar.

— Veja, Nastácia, está um preço bom e não estraga. Vou levar só dois ou três. Vou pegar o neutro, que você gosta.

Colocou cinco no carrinho. A esposa seguiu adiante e ele parou em frente aos sabonetes. Ali estava escrito: “Promoção”. Não teve dúvidas, levou vários. Aproveitou também para levar alguns pacotes de massa e latas de tomates pelados. A esposa reclamou de novo.

— Tua mãe vai gostar — respondeu.

Nastácia achou estranho ele se interessar por sua mãe. Balançou a cabeça, desanimada, e deixou passar.

A sogra fazia seu crochê, sossegadamente afundada na poltrona. Olhou tanta compra que traziam e sorriu.

— Trouxe pacotes de massa e tomates pelados pra senhora.

— *Grazie*. Hmmmm... de repente, decidiu me agradecer...

Não falou nada e guardou as compras. Era ele que cuidava da despensa da família.

\*\*\*

A nona chamou o neto e fez-lhe uma proposta. Ele aceitou e passou a pegar produtos da despensa. Num dia, eram detergentes; noutro dia, sabonetes, ou panos de prato, ou quilos de açúcar, de arroz. Colocava-os em sua sacola e saía tranquilamente. Ora dizia que ia jogar bola, ora que ia conversar com algum amigo no parque. Vários dias assim.

Numa oportunidade, voltou com o vinho que a nona pedira — um bordô. Levou-o para o quarto dela, na hora da sesta.

— Você é *molto carino* — disse, entregando-lhe a sua parte de dinheiro.

Ele agradeceu e correu comprar um sorvete.

Um dia:

— *Ragazzo*, hoje eu quero beber um *Valpolicella*, que é *della mia regione in Italia*.

— Mas eu não sei qual é...

— *Domanda a qualcuno*.

Olhou para ela e fez sinal afirmativo com a cabeça, demonstrando que tinha entendido.

Retornou com o vinho.

— *Bravo! È questo!*

Passou a sorrir de satisfação enquanto fazia crochê, sentada em sua amada poltrona.

— Mãe, a senhora tem ido para seu quarto mais cedo, ultimamente, mal termina a novela. Mas fica acordada até tarde, vejo luz acesa por baixo da porta do seu quarto.

— *È vero. Io fico deitada, lembrando la mia vita...Ecco.*

\*\*\*

Arnaldo chegou com mãos e braços carregados de compras — eram jogos de lençóis, toalhas de banho e de mesa, tapetes para o banheiro. Colocou sobre a mesa da sala. Nastácia preparava o jantar.

— Hoje fiz bons negócios — falou alto.

— O que foi?

— Venha ver.

Nastácia foi à sala. Parou logo na entrada e não se conteve:

— Meu Deus, Arnaldo! De novo? — Mas não precisamos de nada disso.

— Estava tudo com preço muito bom, e ainda consegui parcelar o pagamento de alguma coisa... Valeu a pena.

Ela baixou os braços, retornou para a cozinha com ar de desânimo. Não adiantava mais ponderar ou reclamar.

A sogra olhou para ele, sorrindo.



— A senhora aprovou minha compra?

— *Ha fato bene.*

Na hora do banho de Arnaldo, ela falou para a filha:

— *Tuo marito fa bene comprar queste cose.*

— Mãe, a senhora está dando razão pra ganância que ele faz!?! — disse, entre indignada e triste.

A mãe apenas sorriu.



**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou contos em diversas revistas, além de obras de ficção. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com)





## *Rito de Passagem*

**CONTO**

"Nosso orgulho não se deve a um inflar vazio do ego, outrossim, ao intenso amor que nutrimos pela terra da qual fazemos parte, à luta diária pela sobrevivência e às criaturas com as quais compartilhamos e, às vezes, combatemos."

**ROBERTO SCHIMA**



**Conto**

*Somos o povo do Grande Norte.*

*Mas ele não nos pertence.*

*Pertencemos a ele.*

*Por ele vivemos.*

*A ele cedemos.*

**N**osso orgulho não se deve a um inflar vazio do ego, outrossim, ao intenso amor que nutrimos pela terra da qual fazemos parte, à luta diária pela sobrevivência e às criaturas com as quais compartilhamos e, às vezes, combatemos. Do Grande Norte viemos. Ao Grande Norte retornaremos. Somos um povo nômade. Vivemos no frio intenso à mercê das forças elementais. A neve se acumula ao redor de nossos olhos e transforma-se em gelo sob nossas barbas. Acompanhamos as mudanças das estações. Reverenciamos as tremeluzentes luzes de espíritos ancestrais. Elas pairaram sobre nossas cabeças em meio às estrelas, em sua longa jornada até a morada dos mortos onde a paz reina suprema e eterna.

Desde um tempo tão distante que a memória é incapaz de alcançar, habitamos em meio às nevascas, as bétulas, aos vendavais, as montanhas e aos rios. Até onde posso me lembrar, numa época em que eu era muito pequenino, recordo-me das palavras do meu pai:

— Muito cuidado com os lobos, Dmitri!

É um conflito antigo.

As alcateias sempre perseguiram nossos rebanhos durante as incontáveis migrações que fazíamos em busca de novas pastagens. Os lobos sempre atacaram nossas renas. Nós sempre procuramos exterminá-los. Algumas vezes, conseguíamos abater um deles, enquanto os demais debandavam para o alto das montanhas ou o interior das florestas. Outras vezes, eles tinham êxito e perdíamos um de nossos animais. Podia ser uma rena velha ou enferma, incapaz de acompanhar as outras, uma retardatária cujo tempo de vida terminara. Ou podia ser uma rena jovem e vigorosa, mas que por força do azar, extraviara-se, tropeçara nas pedras, atolara-se nos pântanos ou encontrava-se no local errado, na hora errada. Alguns diriam destino; outros, a vontade do cruel deus dos lobos.

Havia um ódio mortal de meu povo em relação aos lobos.

Meu pai os detestava e apreciava vestir as peles daqueles que matara.

Desde que eu era pequeno, ensinou-me a odiá-los também. Ressaltava com frequência:

— Elimine-os sempre que possível!

Era o meu pai.

Suas palavras eram lei.

Eu acreditava fielmente nele...

... Até o dia em que me fez matar um lobo.

\*\*\*

Foi numa tarde sombria. O céu se cobria de nuvens espessas. O vento glacial fazia erguer a neve, sussurrando segredos do Ártico. Deixava tudo esbranquiçado e sem permitir divisar o horizonte ou o cume das montanhas.

Havíamos acampado à beira da floresta.

O agitar das renas atraiu nossa atenção e fomos até lá.

Lobo!

Era uma fêmea subnutrida. Mal devia ter leite para alimentar seus filhotes. Os lobos possuíam uma pelagem cuja cor variava do branco ao negro, sendo a mais comum aquela que abrangia diferentes tonalidades de cinza. Aquela fêmea era totalmente preta. Seria uma esplêndida criatura, não fosse seu estado de fraqueza.

Erguêramos nossas tendas nas proximidades de sua toca, embora ignorássemos isso até então.

A loba, numa tentativa desesperada, não ignorando a rara oportunidade, correria atrás de um dos filhotes de rena até conseguir abatê-lo.

— Miserável! — sussurrou meu pai. — Acabe com ela.

A fome tornara a loba descuidada. Pôs-se a dilacerar a pele macia, ignorando tudo o mais a sua volta. Sua pelagem escura em contraste com a brancura da neve tornava-a um alvo relativamente fácil, apesar da ventania.

— Mire um pouco adiante do alvo, Dmitri. Antes de puxar o gatilho, fique calmo e prenda a respiração.

Meu tiro ceifou a felicidade da loba bem como a sua vida.

Ganhei tapas no ombro de meu pai, o qual cumprimentou-me pela bela pontaria. Sua expressão vincada pelo frio abriu-se num largo sorriso.

— Muito bem!

Confesso que, em um primeiro momento, o calor de seu orgulho me aqueceu. Porém, enquanto nos aproximávamos do cadáver, minha agonia cresceu e só piorou ao perceber que a loba vivia. Ofegava em agonia, ainda a segurar um naco de carne entre as mandíbulas.

Meu pai franziu o cenho.

— Acabe o serviço, filho.

Assim o fiz a fim de abreviar o sofrimento dela e atiçar o meu.

O estampido reverberou em meus ouvidos, um som que eu jamais esqueceria.

Meu pai pretendia levar a loba para o acampamento. Mais tarde, arrancaria o couro e aproveitaria o que fosse possível. Levaria também a carcaça do novilho, afinal, não nos podíamos dar ao luxo de desperdiçar alimento.

Então, escutamos as lamúrias dos filhotes e avistamos a entrada da toca.

Antes que eu pudesse reagir, ele correu na minha frente e, de faca em punho, começou a matá-los.

— Pare! — implorei. — Pare!

A lâmina prateada respingava rubro.

Sobrou apenas um, o qual agarrei em meus braços.

Sangue quente afundava na neve até esfriar e, enfim, congelar.

Meu pai protestou:

— Não me agrada fazer isso, porém, o filhote de hoje é o lobo que nos atacará amanhã. Ademais, você liquidou a fonte de sustento das crias. Eram novas demais. Não iriam sobreviver sozinhas. Melhor dar um fim nesse aí também.

— Não! — choraminguei.

— Irá morrer de frio.

— Vou levá-lo.



— O quê?

Sentia-me terrível por ter assassinado a mãe daqueles filhotes. Pela primeira vez, nutri rancor contra meu pai. Odiei-o por odiar os lobos, por haver matado aqueles pequeninos e por ter me ensinado a detestá-los. Em verdade, devo confessar, jamais tive tal sentimento por essas extraordinárias criaturas. Admirava os lobos a distância e em segredo, sem compartilhar com ninguém, trancando o fascínio no fundo do coração enquanto meus olhos observavam as silhuetas longínquas. Via em suas figuras esguias altivez, coragem, dignidade, força e ferocidade. Seus uivos eram a voz do Ártico e o lamento pela severidade de um mundo cruel, mas o qual não podíamos deixar de amar. Os lobos eram o próprio espírito encarnado do Grande Norte.

Meu pai tentou me convencer mais algumas vezes a encerrar o suplício do filhote, mas ante a minha indignação e firme resolução, balançou a cabeça, inconformado.

— Será responsabilidade sua, Dmitri — advertiu-me, orgulho dissipado. — Se atacar uma rena, arcará com as consequências.

— Sim, senhor.

— Isso se alguém de nossa gente não eliminar o fedelho primeiro.

— Ninguém irá matá-lo.

Voltei para nossa tenda infeliz, triste por haver ceifado a vida da loba, sem conseguir disfarçar. De certa forma, após haver puxado o gatilho, algo dentro de mim morrera junto com ela. Não foi sem receio que levei o filhote para o clã. Como eu esperava, a maior parte da reação foi negativa, semelhante a de meu pai.

— Matará as renas!

— Chamará outros lobos!

— Atrairá azar para todos nós!

As crianças foram mais compreensivas e, ao verem o lobinho que continuava a choramingar, rodearam-no e fizeram-lhe agrado. Apanhei um pouco de leite e de carne. Devorou e bebeu sem hesitar. Estava morto de fome. As mulheres aproximaram-se devagar e, penso eu, o instinto maternal falou mais alto. Breve, acariciavam-no.

Viktor, um primo, aproximou-se e, maldoso, comentou:

— Hum, nunca provei carne de lobo.

Fitei-o nos olhos. Retruquei:

— Nunca provei carne de primo.

Surpreso, resmungou qualquer coisa e foi se aquecer junto ao fogão.

Eu simplesmente *tinha* que cuidar do lobinho. E assim o fiz. Alimentei-o, dei-lhe o afeto e o calor que negara a sua mãe. Chamei-o de Patu por sua pelagem ser bastante clara, quase branca.

Algum tempo depois, meu pai me trouxe o couro curtido da loba. Fiz uma careta e estava pronto a recusar quando escutei o choramingo de Patu. Ele farejara o cheiro da mãe. Com o coração apertado, aceitei a oferta e foi sobre a pelagem negra que Patu passou a dormir. Se lhe trouxe um pouco de tranquilidade, só serviu para reforçar meu remorso enquanto um lembrete constante daquilo que eu fizera.

Patu se mostrou bastante dócil e, com o tempo, todos — ou, ao menos, a maioria — o aceitaram como aceitavam a seus cães, ainda que cheios de desconfiança e olhares enviesados. Até meu pai, um dia, reconheceu:

— Ele é bonito.

Mas jamais o afagou.

Por alimentá-lo de carne de animais já abatidos, Patu teve o seu instinto selvagem atenuado. Tanto que perambulava por entre o rebanho sem atacar nenhuma das renas, sequer um filhote. Claro que isso causava um alvoroço no rebanho, a ponto de meu pai chamar a minha atenção.

— Mantenha o lobo longe dos animais.

— Mas ele não faz mal às renas!

— Por isso mesmo, filho.

— Não entendo.

Fitou-me sério. Falou em tom firme:

— Eu ouvi seu apelo. Agora, escutará o meu e obedecerá. Patu deve permanecer distante do rebanho a fim de que as renas não se acostumem ao seu cheiro e a presença de um lobo. Porque, se isso ocorrer, elas perderão o medo e não reagirão quando outros lobos surgirem e morrerão por isso. Compreendeu?

— Sim, senhor.

Engoli em seco. Estava ciente de que a sombra da tragédia pairava sobre nós.

A princípio, fiz uma corda comprida de couro e uma coleira.

Patu reagiu inconformado, roendo o couro.

Outros membros do clã balançavam a cabeça para nós.

— Você arranjou um problemão, amigo dos lobos — disse Viktor, fazendo chacota.

Os anos passaram.

Partia-me o coração deixar Patu preso. Embora já fosse um adulto, tampouco poderia deixá-lo na floresta a fim de que vivesse por sua própria conta. Ele não sabia caçar. Ainda que soubesse, sem ser membro de uma alcateia teria dificuldade em conseguir alimento. Outros animais como lince, ursos e até os de sua espécie poderiam atacá-lo. Contudo, para mim, o pior seria imaginá-lo alvejado por outra pessoa. Às vezes, questionava-me se meu pai e os outros não teriam razão. Todavia, a recordação da mãe de Patu e seus irmãozinhos logo me faziam mudar de ideia.

Um dia, durante uma das migrações, meu pai apontou seu rifle na direção de um lobo nas proximidades. Seria um tiro fácil para ele. Observei-o de longe, desejando gritar para impedir o primeiro e para afugentar o segundo. Patu também ficou quieto a observar o que acontecia e rosnando baixinho. O dedo de meu pai estava firme no gatilho. Apontou. Prendeu a respiração. O tempo congelou um instante. Todavia, de súbito, relaxou, retirou o dedo do gatilho e afastou o olho da mira. Do outro lado, o lobo encarava-o ereto. Então, também ficou à vontade, deu às costas e partiu tundra adentro. Retrocedi e voltei para dentro de tenda. Quando ele chegou, resmungou para mim:

— O que você fez comigo?! — E encarando Patu: — E você também!

Patu se encolheu junto a mim.

Contudo, percebi que meu pai não estava de todo contrariado.

Continuamos nossa vida nômade. Migrar e migrar atrás das pastagens. Fazíamos uma extensa volta no decorrer de cada ano até retornarmos ao ponto de partida, enfrentando o rigor da intempérie e do relevo. Enquanto os líquens eram abundantes,



acomodávamos no local durante algumas semanas. Derretíamos blocos de gelo para obter água. Pescávamos. Apanhávamos lenha para o fogão. Reparávamos os trenós. Limpávamos as armas. As mulheres cuidavam das crianças, cozinhavam, costuravam roupas, varriam o piso de tábuas, amaciavam o couro. Quanto às crianças, faziam coisas de criança. Quando os líquens escasseavam, erguíamos o acampamento e nos mudávamos. Por vezes, eu me imaginava tendo uma vida sedentária na cidade, mais protegido do frio polar. Mas não durava muito. O Grande Norte estava no meu sangue. Eu era parte dele. Meu destino era mudar, seguir adiante, assim como alteravam-se as estações.

Como tantas outras vezes, os líquens findaram.

— Vamos desmontar as tendas — ordenou meu pai, líder do clã.

Todos obedeceram. Cada um sabia de suas funções.

Precisávamos levantar acampamento e buscar novas pastagens.

Entretanto, dessa vez, após vários meses, teríamos de cruzar o Grande Rio.

Era um alvorecer cheio de cinza.

— Chegou o dia — murmuraram alguns.

Sim. Todos sabiam o que isso significava.

O Grande Rio representava um rito de passagem.

Era motivo de júbilo quando o garoto conseguia enfrentar, vencer a corredeira e atravessar por conta própria as águas geladas de uma margem a outra. A partir daí, passava a ser considerado um homem e assumia as responsabilidades que lhe competia. Nem todos eram bem sucedidos e, alguns, terminavam levados pela correnteza, espíritos transformados em luz para a grande viagem no céu. Nesse caso, todos lamentavam uma perda tão jovem, mas prosseguíamos o caminho, pois assim era a vida e assim tinha de ser.

Ao mesmo tempo, havia um segundo rito do qual não se fazia tanto alarde e, tampouco, demonstrávamos alegria. Ninguém que superara todas as adversidades da vida — incluindo muitas travessias pelo Grande Rio — encontrava-se isento de se submeter a derradeira prova da qual nada era exigido e tudo era tomado. Tratava-se do momento onde, já idoso ou enfermo, a pessoa não possuía forças para seguir adiante e acompanhar o clã. Porém, tanto o rebanho quanto o clã deveriam prosseguir, senão o flagelo da fome recairia sobre todos. Assim, os fracos seriam deixados para trás, enquanto os demais avançariam para a outra margem e prosseguiriam viagem.

Todos tínhamos isso em mente.

Todos aceitávamos o nosso destino.

Não significava que não o lamentávamos.

Mas não podíamos atrasar a migração sob o risco de colocar a todos em perigo.

Então, antes de cruzarmos o rio, realizamos uma cerimônia de despedida, deixamos mantas e alguns alimentos. Escondemos o pranto. Disfarçamos o luto. Trocamos as últimas palavras carregadas de recomendações e memórias.

Sentia-me dilacerado por diferentes emoções. Tristeza e alegria. Apreensão e júbilo. O amanhã e o passado.

Meu pai e guia era um dos homens que seriam abandonados.

Meu filho adolescente faria o rito de passagem para a maturidade.

— Pai...

— Dmitri.

Fitou-me sem pesar, resignado, aceitando sua sorte e talvez, lembrando o tempo em que dissera adeus ao meu avô. Contudo, percebi no brilho de seus olhos uma dor semelhante a minha, bem como o temor de se juntar aos espíritos. Afinal, quem de fato estava pronto para se ver alçar até as gélidas Luzes do Norte?

— Vá firme e em paz. Lembre-se de tudo que lhe ensinei — aconselhou-me. — Um dia, poderá ser o líder. Precisarás cuidar de nossa gente e do rebanho. Ademais, tem meu neto por zelar.

De fato, meu filho completara quatorze anos. Seria o teste de maturidade para ele. Eu temia por seu destino, apesar de termos atravessado outros rios e exercitado exclusivamente para aquele momento.

— Faça uma jornada tranquila, meu pai.

— Farei e falarei de você e seu lobo para seus avós.

Primeiramente, fizemos a travessia das mulheres e das crianças. Iam montadas nas renas mais vigorosas, cercadas por outras usadas como animais de carga e tração. As águas batiam furiosas; uma ou outra rena tropeçou, mas mantiveram-se firmes, escorando-se nas outras. Já do outro lado, as mulheres providenciaram uma fogueira para se aquecerem, enquanto as crianças brincavam. O calor também cuidaria de secar os jovens que seguiriam em breve.

Depois, foi a vez do rebanho e do homem encarregado do pastoreio. Era sempre emocionante observar a rena líder ser conduzida primeiro e as outras seguirem obedientemente atrás, formando uma massa compacta de centenas de cascos. As respirações condensadas chegavam a formar uma névoa sobre elas.

O restante — exceto pelos velhos que permaneceriam e os adolescentes que se submeteriam ao rito de passagem — atravessou o Grande Rio montados em cavalos. Tive dificuldade em levar Patu. Ficou inquieto em um cesto de um lado e, do outro, eu pendurara um rolo de couro de urso para manter o equilíbrio.

Ficamos a aguardar a travessia daqueles que, sem a segurança de uma montaria, tornar-se-iam homens. Abraçaram-se aos idosos uma última vez num derradeiro gesto infantil. Que melhor metáfora para a vida e a morte poderia existir?

Tambores soaram, vozes entoaram cânticos antigos, clamando aos deuses das águas pelo sucesso dos garotos.

Além da forte correnteza, o Grande Rio era forrado por milhares de seixos escorregadios, herança de eras glaciais passadas. Um passo em falso seria o fim. A morte viria menos por afogamento do que pela hipotermia.

Segui um, depois outro e mais outro. Apesar da enorme dificuldade, meu filho conseguiu. Nem todos tiveram êxito porém. O filho de Viktor, meu primo, se perdeu e foi arrastado para desespero deste. Seguimos em frente, sem voltar o rosto, mas cientes daqueles que ficavam. Não obstante a pressa em conduzir os animais, iríamos acampar mais adiante, montar uma fogueira enorme e comemorar a vinda dos novos homens. A festa dos vitoriosos seria animada, incluindo bebida fermentada, não apenas para saudar os jovens, mas para amenizar a dor pelos que foram deixados para trás.



Curiosamente, eu sabia que, quando retornássemos ao mesmo local no ano seguinte, não encontraríamos vestígios da maioria dos velhos. Não fazia parte de nossas tradições, contudo, em vez de se deixar morrer na margem do rio, a maior parte penetraria nas águas geladas e caudalosas uma última vez, abreviando seu fim. Quanto aos despojos dos que permaneceram, juntaríamos os ossos e cobriríamos com pedras até formar um montículo a assinalar o último lugar de repouso.

Houve o festejo.

Viktor embebedou-se até cair.

Junto à fogueira, falei ao meu filho sobre o avô.

Foi pouco depois de encerrada a algazarra da comemoração, quando as brasas ainda brilhavam, o carvão crepitava e a fumaça subia, que alguém berrou:

— Morta! Uma rena foi morta!

Era o homem encarregado de cuidar do rebanho. Chegou todo esbaforido. Ao passar por mim, seus olhos me fuzilaram numa acusação muda. Gritou:

— Onde está o seu lobo?

Eu deixara Patu preso a uma árvore. Lá chegando, vi a ponta da corda roída por seus dentes. Não acreditei.

— Patu!

Meu primo, cego de dor pela perda do filho, apontou-me o dedo.

— Falei pra você: devíamos ter comido o lobo! Agora, ele morrerá de qualquer forma.

— Não toque nele, Viktor! É responsabilidade minha.

— Decerto que é, não é, Dmitri? E pagará por isso depois. Mas com a morte da rena, é dever de todos nós eliminar a ameaça. — Pegou seu rifle e incitou os demais a seguir seu exemplo. — Vamos!

Fiquei me perguntando como seria possível Patu ter feito aquilo. Corri atrás de Viktor, movimentos desajeitados por causa da pesada vestimenta e da neve. Saltei sobre ele. Furioso, tentou me acertar uma coronhada. Enquanto os outros faziam um círculo a nossa volta, rolamos sobre a neve, trocando socos. Viktor portava-se como um animal enlouquecido. Apanhou uma pedra e tentou me acertar na cabeça feito um martelo. Agarrei-me a ele em um forte abraço e gritei a plenos pulmões em seus ouvidos:

— Lamento por sua perda, primo! Lamento muito!

Seu corpo esmoreceu imediatamente. Soltou a pedra e pôs-se a soluçar.

Ficamos abraçados por bastante tempo. Crescêramos juntos, todavia, éramos muito diferentes. Porém, naquele instante, tornamo-nos iguais em nossa dor. Eu também chorava, fosse pelo garoto perdido, fosse pelo meu pai, fosse pelo que teria de fazer a Patu.

Patu.

Ergui meu rosto.

— Levem-no para a tenda dele — pedi. — Cuidarei do meu lobo.

Os homens assentiram.

Em um misto de alívio e pesar, como se já não bastassem as perdas sofridas por todos nós, a resposta surgiu alguns metros adiante da rena abatida.

Encontrei Patu caído em meio ao próprio sangue congelado. À sua volta, rastros na neve denunciavam a violenta luta que se travara. Centenas de pegadas de lobos. Não foi difícil imaginar o que ocorrera. Patu, através do olfato apurado e de seus ouvidos sensíveis, devia ter cheirado e escutado aquilo que não pudéramos detectar, imersos que estávamos na comemoração e no torvelinho das emoções.

Uma alcateia surgira e atacara o rebanho.

Patu roera a corda, libertara-se e corra para defender as renas. Numa luta desigual, enfrentara os membros de sua espécie. Dera a vida pelo rebanho e por nós de maneira a cumprir seu próprio rito de passagem.

Arrasado, chamei alguns membros do clã a fim de testemunharem e, sem eu dizer palavra, chegaram a idêntica conclusão.

Eu, minha esposa e meu filho levamos o corpo de Patu até as proximidades de um rochedo. Enrolei-o na pele de sua mãe. Era o contraste do branco e do negro, do dia e da noite, da vida e da morte. Por fim, reunidos. Cobrimo-lo com pedras até formar um pequeno monte. Parecia exagero, mas, para mim — a exemplo de Viktor —, era como se eu também tivesse perdido um filho. Meu próprio filho chorava, pois amava Patu como a um irmão. Quanto aos lobos que o atacaram, não os odiei, pois sabia das dificuldades que enfrentavam a fim de sobreviver e alimentar suas crias.

Assim era a existência dos lobos.

Assim era nossa luta pela vida.

Assim era o Grande Norte.

Eventualmente, tornei-me o líder do meu povo. Procurei transmitir aquilo que aprendi com meu pai, com Patu e com os lobos que, a distância, observara no decorrer da vida:

— Se continuarmos a abatê-los indiscriminadamente, os que sobreviverem continuarão famintos e persistirão em atacar o rebanho a todo momento a fim de saciar a dor da fome não somente deles, mas de seus filhos. Nós não faríamos de tudo para alimentar os nossos? Porém, se deixarmos uma oferenda, a rena mais velha, incapaz de acompanhar as outras durante as migrações, não apenas daríamos um fim rápido ao sofrimento desta, como pouparíamos o martírio de qualquer outra rena entre as mandíbulas da alcateia. Ademais, os lobos esfaimados seriam saciados por semanas, deixando-nos em paz.

Assim foi feito e, de fato, os confrontos diminuiriam.

A lenda que surgiu em torno de Patu contribuiu para amenizar a ira.

Com o tempo, seríamos conhecidos na região como o "Clã do Lobo".

Patu ficaria contente.

\*\*\*

*Agora, eu sou o mais velho de todos os que restaram.*

*Lá adiante, por trás da colina, está o Grande Rio.*

*O rugir de suas águas torna-se mais forte.*

*Meu corpo está cada vez mais fraco.*



*Cumpro o meu dever e aceito o meu destino: o segundo rito de passagem. Dou adeus ao meu povo, àqueles a quem guiei durante anos e que, agora, serão orientados por outras mãos. Despeço-me de minha esposa, de meu filho, de minha nora e de meus netos. A dor toma conta de meu coração. Minha alma chora. Mas o sofrimento faz parte do cotidiano, pois, em nosso mundo, somente os mais resistentes sobrevivem. Agora, aguarda-me a paz suprema e eterna. Parto para as luzes tremulantes de espíritos ancestrais na certeza — ou ao menos, na esperança — de que todos tenham compreendido o papel dos lobos em nossa longa história. Anseio por rever meu pai e contar tudo o que vivi após sua partida. E sobre Patu.*

*Os lobos são uma força do Grande Norte, assim como a neve, o vento, as florestas, as rochas, as montanhas e as estrelas. Não devem ser tratados com ódio, mas com respeito e, se possível, reverência. Têm tanto o direito à vida quanto nós. E, como nós, brigam e morrem por ela e pelos seus.*

*Foi necessário o sacrifício de Patu para, finalmente, meu povo começar a entender. Infelizmente, alguns nunca aprenderam. A incompreensão, o medo e a estupidez existem em múltiplas formas. Só me resta lamentar. Outros me ouviram. Se a matança dos lobos por parte dos homens não fôndou, ao menos, diminuiu. Descobriram a honra, a fidelidade, a bravura, a generosidade e a afeição que rege a vida dessas nobres criaturas. Mais além, vislumbraram aquilo que de comum temos em relação aos lobos: a necessidade de sobreviver e a importância dos vínculos familiares. De certo modo, os lobos são a imagem daquilo que idealizamos em relação a nós próprios. No fundo, sem o saber, almejamos ser como eles e gozar da plena liberdade e comunhão que eles compartilham com o imenso território branco. Afinal...*

*Somos o povo do Grande Norte.*

*Mas ele não nos pertence.*

*Pertencemos a ele.*

*Por ele vivemos.*

*A ele cedemos.*

\*\*\*

## NOTA DO AUTOR:

O esboço dessa história surgiu em 17.05.2022, quando comecei a assistir ao filme "Loup: Uma Amizade Para Sempre" (Loup, Nicolas Vanier, 2009). Também me inspirei em meu próprio conto, "Bakhtyar e os Nômades do Poente", o qual faz parte de minha antologia "Limbographia".

**Roberto Schima** é Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela Isaac

*Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de mais de cento e setenta antologias até o momento. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br). Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>





Já são mais de  
**300** mil seguidores  
Facebook + Instagram



Site: + de  
**3** milhões de acessos  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

PATROCINE A

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS  
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015  
87 edições  
disponíveis

entre em contato:  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.10.2022

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

*Fanpage* @conexaoliteratura // *Instagram*: @revistaconexaoliteratura

*Youtube*: @conexaonerd